



Organização das Nações Unidas
para a Alimentação
e a Agricultura

A CAMINHO
DO FOME
ZERO
1945-2030



Organização das Nações Unidas
para a Alimentação
e a Agricultura

OBJETIVOS
DE DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL



A CAMINHO

DO FOME

ZERO

1945-2030

PUBLICAÇÃO REALIZADA PELO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA FAO

As designações empregadas e a apresentação do material neste produto de informação não implicam a expressão de qualquer opinião por parte da **Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO)** sobre a situação jurídica ou estágio de desenvolvimento de qualquer país, território, cidade ou área ou de suas autoridades, ou sobre a delimitação de suas fronteiras. A menção de companhias específicas ou produtos de fabricantes, patenteados ou não, não implica que sejam endossados ou recomendados pela FAO em preferência a outros de natureza similar não mencionados.

As opiniões aqui expressadas são dos autores e não representam necessariamente as opiniões ou políticas da FAO.

ISBN 978-92-5-131121-9

© FAO, 2018

A FAO incentiva o uso, reprodução e divulgação do material contido neste produto de informação. Salvo indicação em contrário, o material pode ser copiado, baixado e impresso para estudo, pesquisa e ensino, ou para uso em produtos e serviços não comerciais, desde que se indique a FAO como fonte e detentora dos direitos autorais e não implique o endosso pela FAO das opiniões, produtos ou serviços dos usuários

Todos os pedidos de tradução e direitos de adaptação, bem como revenda e outros direitos de uso comercial, devem ser feitos através de www.fao.org/contact-us/licence-request ou endereçados a copyright@fao.org

Os produtos de informação da FAO estão disponíveis no site www.fao.org/publications e podem ser adquiridos através de publications-sales@fao.org



AFEGANISTÃO, 1969.

O governo de Afeganistão iniciou um projeto de cinco anos para melhorar a qualidade e a produção de gado em todo o país, com a ajuda do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Trabalhadores da área da Saúde e criadores de animais foram treinados numa escola de ensino em Kabul e num centro de treinamento em Baghran, onde se estabeleceu uma área de demonstração para o trabalho de pecuária e saúde dos animais. Os agricultores tiveram a oportunidade de se inscrever em cursos sobre o tema. Foto: ©FAO/F. Betts.

P R Ó L O G O

ERRADICAR A FOME ATE 2030

A Agenda 2030

para o Desenvolvimento Sustentável é um chamamento ao compromisso político decisivo para a erradicação da fome até 2030. Este compromisso é fundamental, mas por si só não é suficiente. Somente conseguiremos erradicar a fome se os países traduzirem seus compromissos em ações concretas para acabar com o círculo vicioso que aprisiona as pessoas pobres e famintas do mundo.

Em que pesem os avanços na luta contra a chaga da pobreza e da fome nas últimas décadas, esses objetivos estão ameaçados e podem até mesmo ser revertidos tendo em vista que os conflitos, a mudança climática, o crescimento da população e as alterações nos padrões da dieta apresentam novos desafios.

De acordo com as últimas estatísticas, quase 60% das 815 milhões de pessoas que sofrem de fome no mundo vivem em países afetados por conflitos. Todos somos testemunhas dos terríveis impactos dos confrontos em lugares como a Somália, a República Árabe-Síria, o Yemen, ou o nordeste da Nigéria. Os conflitos em curso nestes e em outros países provocaram o deslocamento de milhões de pessoas, alterando drasticamente

– ou até mesmo destruindo – sistemas agrícolas e cadeias alimentares. E ajudam a explicar porque o número de pessoas com subalimentação crônica no mundo aumentou nos últimos anos.

Atualmente a FAO considera que existam 19 países em situação de crise prolongada. A maioria deles enfrenta também fenômenos climáticos extremos como secas e inundações. Está claro que a paz é fundamental para pôr um fim à maioria das crises mais prolongadas, mas não podemos esperar a chegada da paz para passar à ação. Não podemos salvar as pessoas simplesmente instalando-as em acampamentos. Para salvar vidas é preciso salvar seus meios de vida. É de uma importância crítica garantir que as pessoas tenham acesso a condições que lhes permitam manter seus meios de vida ou seguir produzindo seus próprios alimentos. As pessoas vulneráveis no meio rural, e em especial as mulheres e os jovens, não devem ser deixadas para trás.

Desde a fundação da FAO em 1945, a população mundial triplicou, e calcula-se que alcançará quase 10 bilhões de pessoas em 2050. Até meados da década de 1940, os especialistas

diziam que não seria possível alimentar 3 ou 5 bilhões de pessoas. E chegou a revolução verde que transformou a agricultura global, ainda que a um alto preço para o meio ambiente. Agora já produzimos o suficiente para alimentar 10 bilhões de pessoas. Mas 815 milhões seguem sentindo fome.

Necessitamos de um novo paradigma para a agricultura e os sistemas alimentares com o objetivo de produzir alimentos mais nutritivos de forma mais sustentável. De fato, o problema agora não é somente a fome, mas a quantidade e a qualidade dos alimentos que comemos, e a maneira como os produzimos.

Em determinados países, a chamada “tripla carga” de desnutrição é uma realidade. Trata-se da coexistência da subalimentação, a deficiência de micronutrientes e a obesidade num mesmo país, nas mesmas comunidades e, inclusive, nos mesmos lares. Hoje há no mundo 1,9 bilhão de pessoas com sobrepeso, das quais ao menos 500 milhões são obesas e 2 bilhões sofrem com deficiências de micronutrientes.

A Década de Ação sobre Nutrição da ONU (2016-2025) é um passo importante na mobilização para reduzir a pobreza e melhorar a nutrição em todo o mundo. Situa a nutrição no centro do desenvolvimento sustentável e reconhece que os sistemas agrícolas são essenciais para cumprir em sua totalidade a Agenda 2030. Como as crianças irão aproveitar plenamente os benefícios da escolarização se não recebem os micronutrientes necessários? Como as economias emergentes alcançarão seu pleno potencial se seus trabalhadores estão cansados de forma crônica em consequência de dietas pouco equilibradas? Na FAO, trabalhamos para que a Década de Ação sobre a Nutrição seja um êxito.

As fotografias incluídas neste livro são de diferentes décadas e lugares de todo o mundo. Elas deixam patente a natureza complexa dos desafios comuns que enfrentamos hoje, assim como a importância do papel da FAO. Até mesmo, além de tudo, nos demonstram o quão interconectados e interdependentes somos todos e cada um de nós.

Agora, mais do que nunca, devemos trabalhar juntos. E em meus deslocamentos por todo o mundo vejo verdadeiros motivos para o otimismo.

O trabalho da FAO evoluiu, mas sua missão permanece focada no objetivo de erradicar a fome e a desnutrição no mundo. Desde os anos pioneiros, passando pela ampliação de décadas passadas até chegar às alianças globais de hoje, nosso trabalho ficou registrado e documentado passo a passo, não só em textos e publicações oficiais, mas também por incansáveis fotógrafos. Esta compilação de imagens de distintos momentos é apenas uma pequena demonstração de seu ofício. Junto com equipes de apoio das comunidades, estes profissionais documentaram todos os aspectos do trabalho de desenvolvimento local. Assim como as pessoas fotografadas, eles e elas também sofreram privações, dificuldades, enfermidades e violência. Eu os agradeço por suas contribuições, que com demasiada frequência deixam de ser reconhecidas.

José Graziano da Silva
Diretor Geral da FAO

EMBAIXADORES
ESPECIAIS DA FAO

PARA O

#FOMEZERO

ÁFRICA

KANAYO F. NWANZE



Kanayo F. Nwanze foi presidente do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) até março de 2017. Desde 2010 é membro do Conselho da Agenda Global sobre Segurança Alimentar do Fórum Econômico Mundial. Anteriormente, e durante uma década, foi diretor geral do Centro Africano do Arroz do Grupo Consultivo sobre Pesquisas Agrícolas Internacionais (CGIAR, na sigla em inglês). Em setembro de 2016, Nwanze foi ganhador do Prêmio de Alimentação na África por sua liderança no FIDA e seus esforços em colocar os pequenos agricultores africanos no centro da agenda agrícola mundial. Recebeu também títulos honorários da Universidade McGill (Canadá) e da Universidade de Warwick (Reino Unido), assim como numerosos prêmios e distinções de governos e instituições nacionais e internacionais.

AMÉRICA LATINA E CARIBE

GUADALUPE VALDEZ



A economista Guadalupe Valdez foi deputada da República Dominicana durante o período 2010-2016 e coordenou a Frente Parlamentar contra a Fome na América Latina e Caribe, uma associação voluntária de legisladores criada em 2009 para construir marcos legislativos adequados e erradicar a fome na região. Liderou a Frente Parlamentar da Câmara dos Deputados da República Dominicana, onde impulsionou importantes iniciativas a favor da erradicação da fome, como por exemplo a Lei de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. Ao longo de sua vida e de sua carreira profissional, Guadalupe Valdez realizou aportes fundamentais à segurança alimentar na região, criando espaços de diálogo sobre o tema na sociedade civil.

ÁSIA PACÍFICO

MAHA CHAKRI SIRINDHORN



Sua Alteza Real, a princesa Maha Chakri Sirindhorn há anos impulsiona projetos para dar um fim à fome e melhorar a nutrição em seu próprio país, Tailândia, assim como em outros países da região Ásia-Pacífico, incluindo Bangladesh, Butão, Camboja, República Democrática Popular do Lao e Timor-Leste. Em 1980, sua Alteza Real iniciou o Projeto Agricultura para a Alimentação Escolar, que durou mais de 30 anos. O objetivo do projeto era melhorar a saúde e a nutrição de crianças em idade escolar através de alimentação nas escolas. Desde então, sua Alteza Real promoveu a boa nutrição para crianças, e além disso realizou muitas atividades, como as intervenções destinadas a controlar as deficiências de iodo e outros micronutrientes, promoveu uma nutrição infantil adequada durante o Ramadã e uma melhor nutrição para estudantes secundaristas.

ORIENTE MÉDIO

DARINE EL KHATIB



Darine é uma reconhecida comunicadora libanesa, baseada em Dubai (Emirados Árabes). Com mais de 8 anos de experiência em gestão de meios de comunicação, desempenhou distintos cargos em televisão e outras mídias. Como firme defensora do Fome Zero, Darine lançou uma campanha contra a fome no primeiro canal de televisão do Oriente Médio especializado em cozinha e alimentação. Entre as atividades da campanha incluíam-se: visitas locais para distribuir ajuda alimentar nas zonas mais pobres da região, trabalhos de sensibilização em escolas e uma campanha nas redes sociais. Também incentivava as pessoas a reduzir ao mínimo o desperdício de alimentos, a doar comida para as pessoas necessitadas e a doar diariamente. Ao longo de toda a campanha, o canal também ensinava como preparar comidas saudáveis e de baixo custo.

EUROPA

CARLO PETRINI

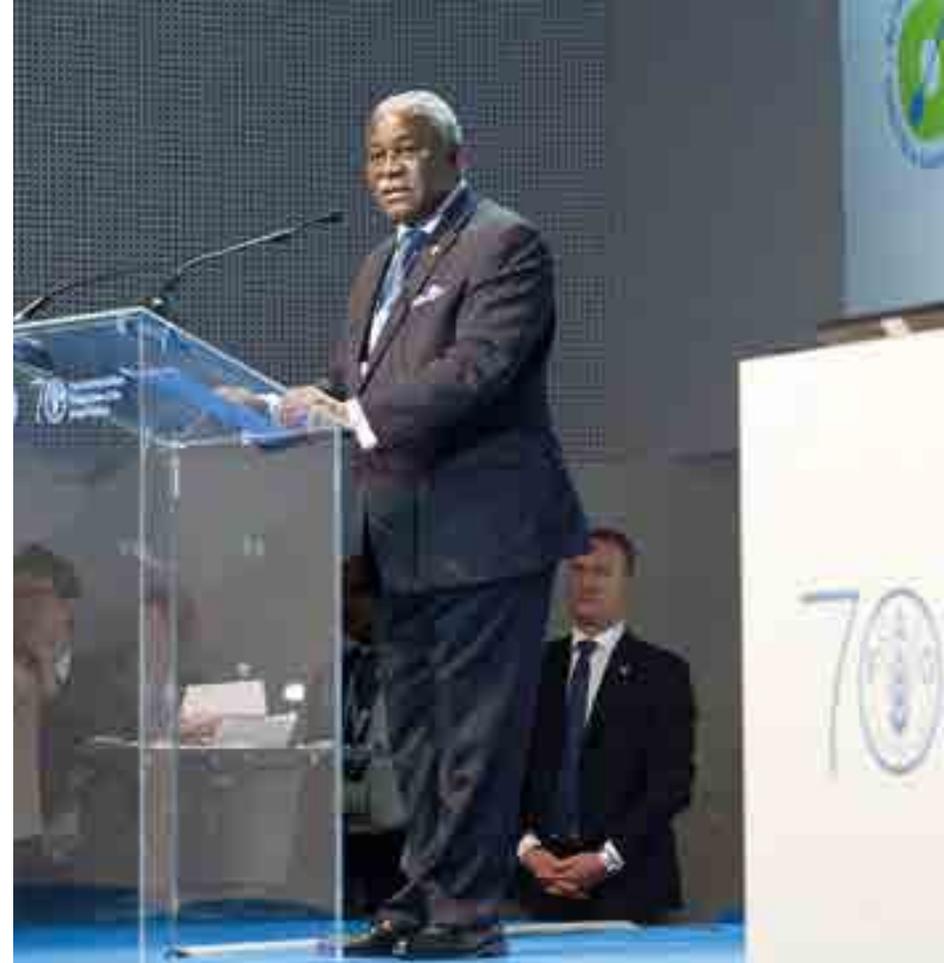


Carlo Petrini é presidente da Slow Food, uma organização que trabalha para evitar o fim de culturas alimentares tradicionais locais, e garantir que todo mundo tenha acesso a uma alimentação saudável, limpa e justa. As inestimáveis contribuições de Carlo Petrini nas áreas de meio ambiente e desenvolvimento sustentável foram reconhecidas também pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, fazendo com que ele se tornasse co-vencedor do Prêmio Campões da Terra 2013 na categoria “Inspiração e Ação”. Desde 2013, a FAO e a Slow Food têm colaborado para a promoção de sistemas agrícolas e alimentares inclusivos, e têm participado de campanhas conjuntas de incidência e iniciativas globais, incluindo o Ano Internacional dos Legumes 2016 e o Ano Internacional da Agricultura Familiar 2014.



[ACIMA]
DARINE EL KHATIB
 Darine el Khatib entrevistando um agricultor numa escola de campo em Beni Sueif, Egito, em setembro de 2017.
 ©FAO/ H. SOWERA

[ACIMA À DIREITA]
KANAYO F. NWANZE
 Kanayo F. Nwanze, ex-presidente do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), durante pronunciamento na Cerimônia do Dia Mundial da Alimentação na Expo de Milão, em outubro de 2015.
 ©FAO/G. CAROTENUTO



[DIREITA]
GUADALUPE VALDEZ
 Guadalupe Valdez moderando um diálogo entre estudantes haitianos sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e o papel da FAO para alcançar o Fome Zero, durante a Sétima Feira Binacional Ecoturístico e de Produção em Cabos, Haiti (2016).
 ©FAO/ T. VALDEZ SAN PEDRO





[ESQUERDA]

MAHA CHAKRI SIRINDHORN

O Diretor-Geral Assistente da FAO e a Representante Regional para a Ásia e o Pacífico, Kundhavi Kadiresan, entregam o pergaminho do Fome Zero à convidada de honra, sua Alteza Real, Princesa Maha Chakri Sirindhorn, durante o Dia Mundial da Alimentação, em Bangcoc.

©FAO

[ABAIXO]

CARLO PETRINI

José Graziano da Silva e Carlo Petrini, presidente e fundador da Slow Food, conversando com Marcos José de Abreu, membro do projeto Revolução dos Baldinhos, no mercado Slow Food de São José, Rio de Janeiro.

©FAO/G. BIZZARRI



SOBRE O FOME ZERO

O conceito de “fome zero” começou a ganhar força há pouco mais de quinze anos. Formava parte de um programa que acabou demonstrando ao mundo que com políticas claras e assertivas era possível erradicar a fome de uma vez por todas. Aquele programa, chamado precisamente “Fome Zero”, foi implementado no Brasil a partir de 2002. Tive a sorte de conhecer de perto aquela experiência. Foi ali, numa pequena aldeia do Brasil, em Guaribas, onde entendi como seria simples erradicar a fome se todos fossemos capazes de remar na mesma direção.

Guaribas é um pequeno povoado no Sertão, uma região do nordeste brasileiro no estado do Piauí, o mais pobre do país. Uma terra agreste e seca, cujos habitantes vivem – mal vivem – do pouco que lhes rende a agricultura. Uma terra tão dura que alguém poderia se perguntar porque alguém em algum momento desesperado decidiu assentar-se ali. Mas o certo é que está povoada, bem povoada de gente pobre. Ali conheci, no ano de 2003, Elisabet Nunes e seu marido Normando Dies, apenas uns meses depois que o carismático líder sindical Lula da Silva fora eleito presidente do Brasil.

Em Guaribas o trabalho estava bem definido.

As mulheres se encarregavam de buscar água: caminhavam quatro quilômetros todos os dias para alcançar umas fontes naturais no alto de uma serra íngreme. iam em grupos, faziam fila de madrugada diante da única fonte de água potável em várias dezenas de quilômetros, e regressavam a suas casas com o precioso líquido para poder cozinhar, lavar e assear-se um pouco. Enquanto isso, os homens se viravam para retirar do campo quaisquer coisas com as quais pudessem se alimentar, com a ajuda da terra e da chuva, sempre caprichosa e exígua. As crianças brincavam entre os casebres e, assim que alcançavam a idade suficiente, acompanhavam seus pais: as meninas pela água, os meninos pelo campo. Ninguém sabia ler nem escrever. Assim havia sido durante gerações.

Tudo mudou no início de 2003 quando o novo governo no Brasil definiu a bandeira da redução da fome e da pobreza num programa denominado Fome Zero. Guaribas se converteu de imediato num laboratório de novas medidas que o governo desejava implementar. Tratava-se de um pacote de critérios que incluía investimentos em infraestruturas – estradas, eletricidade, água corrente – educação e saúde complementadas por transferências diretas de fundos para os mais

Enrique Yeves
*Diretor de Comunicação
da FAO*

necessitados. Um programa complexo e ambicioso que em algo mais de uma década resgatou da extrema pobreza mais de 36 milhões de brasileiros, reduziu a mortalidade infantil em 45% em 11 anos, diminuiu o número de pessoas subalimentadas em 82% e conseguiu que o Brasil – maior país da América Latina e então com a maior desigualdade entre ricos e pobres de todo o mundo – desaparecesse do mapa da fome que a FAO elabora anualmente.

Regressei a Guaribas em 2015, doze anos depois de minha primeira visita, e almocei na casa da família Dies. A água fluía pela torneira da pia normalmente, podiam cozinhar e tomar banho sem ter que caminhar até a serra. As ruas poeirentas estavam agora asfaltadas. Seus filhos haviam estudado em um colégio e agora estavam a caminho da universidade. Elisabet e seu marido haviam aprendido a ler e escrever graças a um curso de educação para adultos, ao que puderam assistir porque as mulheres já não tinham que empenhar grande parte do seu tempo buscando a água que agora tinham acesso em suas próprias casas. Suas vidas, e a de milhões de brasileiros, haviam melhorado notadamente graças a um programa cujos logros prontamente seriam reconhecidos em nível mundial.

Como tudo começou?

Em seu primeiro dia de governo, após ganhar as eleições no final de 2002, o novo presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, sintetizava assim sua prioridade principal: “Vamos criar as condições para que todas as pessoas em nosso país possam comer decentemente três vezes por dia, todos os dias, sem precisar de doações de ninguém (...) E para isso criaremos um programa que se chamará Fome Zero”. Em pouco mais de uma década o sonho se tornou realidade.

O arquiteto do programa Fome Zero foi o então Ministro Especial de Segurança Alimentar do Brasil

e atual Diretor Geral da FAO, o agrônomo José Graziano da Silva. O programa é um guarda-chuva de numerosas iniciativas de diversos tipos que se reforçavam mutuamente a nível local, regional e nacional e que depois foi fortalecido durante o governo da sucessora de Lula, Dilma Roussef, com o nome “Brasil sem Miséria”.

A pedra angular do dito programa era a transferência de recursos para as famílias mais necessitadas, ajuda condicionada ao cumprimento de obrigações específicas, como a matrícula dos filhos no colégio e visitas mensais aos postos de saúde. Em geral, o cartão é concedido à mulher da casa para assegurar que os fundos sejam destinados para todo o núcleo familiar.

Voltemos à pequena localidade brasileira de Guaribas. Ali, Elisabet recebeu um cartão que a credenciava como beneficiária. Com este cartão ela vai ao banco onde lhes dão cerca de 50 dólares mensais, que lhe permitem realizar compras de alimentos. Para poder ser beneficiária, ela precisa bater o cartão na escola, confirmando a assistência de seus filhos (que recebem três refeições diárias), e no centro de saúde, onde é necessário realizar uma revisão por mês. Graças a esta ajuda, Elisabet Nunes e sua família puderam não apenas se alimentar de forma adequada mas também receber educação e cuidados médicos. É uma das 13 milhões de famílias beneficiárias do programa que vivenciaram uma redução espetacular nos níveis de desnutrição do país.

A educação e a saúde são dois firmes pilares sobre os quais o Brasil consolidou seu progresso. Um exemplo em Guaribas são suas novas e modernas escolas que não deixam nada a desejar às das grandes cidades. Em uma década a escola pública foi equipada com laboratório de informática, centro de música e biblioteca.

Uma das chaves do êxito foi a implementação do ambicioso programa de refeições escolares, que

oferece alimentação gratuita (café da manhã, almoço e lanche) a todos os alunos das escolas públicas, ou seja, a 47 milhões de crianças. As escolas públicas atendem principalmente a crianças de famílias de baixa renda, e as refeições diárias supervisionadas por nutricionistas permitiram melhorar a alimentação infantil de forma extraordinária.

Outro efeito das medidas para melhorar a alimentação nas escolas foi o impacto positivo sobre as economias locais. A partir de 2009, se fixou por lei que 30% desses alimentos destinados às escolas ou instituições públicas deveriam ser adquiridos de pequenos agricultores.

Isso mudou, para melhor, a vida de milhares e milhares de pequenos produtores familiares que agora tinham suas vendas garantidas. O programa do governo de compra institucional direta de alimentos permite também que a maior parte das necessidades das instituições públicas e os programas de emergência sejam cobertos por estes pequenos agricultores familiares. Este inovador programa permitiu que desde 2003 os ingressos dos agricultores familiares tenham aumentado em 52% em termos reais e quatro milhões de habitantes de zonas rurais tenham sido incorporados à classe média.

Um dos maiores desafios do governo central foi a coordenação das ajudas entre os diversos ministérios, os numerosos programas e os diferentes atores a nível local, regional e nacional. Para isto foi criado um cadastro único de beneficiários, um registro que permite manter um seguimento detalhado e transparente do mapa de ajudas, assim como seu impacto.

No Brasil foi posto em marcha o que os técnicos denominam um “enfoque de via dupla”, ou seja, as políticas para aumentar a produção se vincularam com as de inclusão social para potencializar seu efeito. Aproveita-se o poder aquisitivo gerado pela proteção social para estimular a produção

alimentar dos pequenos agricultores que eram pobres, reforçando assim as economias locais de suas comunidades.

Voltemos ao povoado de Guaribas, no estado de Piauí, para ver os efeitos. Aqui a transferência de renda das famílias gerou uma economia local que era inexistente há uma década. Um salão de beleza, um supermercado, um restaurante, uma farmácia, uma oficina mecânica...

No Centro de Crédito do Instituto Nordeste de Cidadania de Guaribas, inúmeras pessoas que desejam abrir um pequeno negócio fazem fila. Trata-se de cidadãos de poucos recursos que através de um sistema coletivo chamado “Aval Solidário” obtêm microcréditos para financiar os comércios que estão aparecendo por todos os lados nas ruas da cidade. Dos mais de 700 créditos concedidos, o número de falidos é... zero.

O Programa Fome Zero é um amplo guarda-chuva que inclui iniciativas de todo tipo: Bolsa Família (transferência de renda), Água para Todos, Luz para Todos, Programa de Aquisição de Alimentos, Programa Fomento, Mais Educação e Minha Casa Minha Vida (programa de moradia).

A pobreza geral caiu no Brasil de 22 a 8% entre 2001 e 2013 enquanto a extrema pobreza baixou de 14 para 3,5%. O acesso a uma alimentação adequada alcançou 98% dos brasileiros. Nessa década, a renda dos 20% mais pobres se multiplicaram por três em relação aos 20% mais endinheirados.

O resultado de todas essas medidas foi que no ano de 2014, algo mais que uma década desde que se iniciou o Programa Fome Zero, o Brasil desaparecia do mapa da fome e cumpria o Objetivo de Desenvolvimento do Milênio de reduzir à metade a fome e a pobreza para 2015.

O exemplo do Brasil, um complexo e enorme país de quase 200 milhões de pessoas, é considerado internacionalmente uma das experiências mais exitosas da história recente em termos de redução de

desnutrição. Rapidamente essa experiência serviu como inspiração para outros países, primeiro na região e depois em outros continentes.

Os líderes latinoamericanos se comprometeram no ano de 2005, com o apoio da FAO, a erradicar a fome na região através da Iniciativa América Latina e Caribe Sem Fome (IALCSH, na sigla em espanhol). A região foi pioneira em assumir este desafio e respondeu através de seu principal órgão de integração, a comunidade de Estados Latino-americanos e Caribenhos (CELAC), que está implementando um ambicioso Plano de Segurança Alimentar, Nutrição e Erradicação da Fome.

Como resultado, a América Latina tem sido a região que mais avança em todo o mundo na redução da fome e da pobreza desde o início do século XXI. Os dados são contundentes e não deixam dúvidas. No final da década de 1990, havia 66 milhões de pessoas, ou seja, 14,6% da população, que padeciam de fome e não podiam acessar os alimentos necessários para levar uma vida saudável. Em uma década e meia este percentual diminuiu para 5%, reduzindo-se a 34 milhões o número de afetados (levando em conta, ainda, que neste período a população aumentou em 130 milhões).

A história de êxito da região é fruto do compromisso político dos países em alto nível, num contexto de estabilidade macroeconômica e política que permitiu um maior gasto público em matéria social destinada aos mais vulneráveis.

Impressionado pelos avanços na luta contra a fome, o então Secretário Geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, fez um chamamento na Conferência de Desenvolvimento Sustentável Rio+20. Exigiu dos líderes mundiais, assim como a todos os atores tanto da sociedade civil como do setor privado, que redobrassem os esforços para erradicar, de uma vez por todas, a fome da face da Terra. Ali mesmo, em 2012, se lançou o Desafio Fome Zero, apoiado por todo o sistema ONU e com a FAO na vanguarda.

Desde então, numerosas iniciativas inspiradas no Fome Zero foram lançadas em todo o mundo. A região da Ásia e Pacífico tomou medidas em 2013. Depois, os chefes de Estado da África se somaram à iniciativa em 2014 e adotaram a Declaração de Malabo, na qual se comprometeram a erradicar a fome no continente africano até 2025. Finalmente, a meta global de Fome Zero para o ano 2030 foi assumida por toda a comunidade internacional em 2015, a ser incluída como um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável na ambiciosa agenda que aprovaram os líderes mundiais na sede da ONU.

O conceito Fome Zero havia avançado desde as poeirentas ruas da pequena localidade brasileira de Guaribas até a agenda diplomática mundial, passando por todos os continentes. Esta experiência nos demonstrou que é possível reduzir os níveis de desnutrição com uma enérgica ação política. Destacou que a proteção social não é “bem estar”, mas um excelente investimento em capital humano que não apenas coloca fim à penúria e ao sofrimento, mas também estimula o crescimento. Demonstrou sobretudo que se pode conjugar um rápido crescimento econômico com uma melhor distribuição dos investimentos.

Nas páginas deste livro, elaborado pela equipe do Departamento de Comunicação Corporativa, é feita uma apresentação visual dos esforços por parte da FAO, em seus mais de 70 anos de história, para alcançar o que até pouco tempo parecia um sonho e hoje é um compromisso político real que esta geração pode e deve conquistar: alcançar o Fome Zero.

S U M A R I O

OS
ANOS

40

OS
ANOS

50

OS
ANOS

60

OS
ANOS

70

PÁGINA 19

COMO TUDO
COMEÇOU

PÁGINA 29

BALANÇO E
AVANÇOS

PÁGINA 53

DOS MAPAS
AS BASES
DE DADOS

PÁGINA 91

CRISE DO
PETROLEO,
CRISE
ALIMENTAR

OS
ANOS

80

OS
ANOS

90

OS
ANOS

2000

PÁGINA 129

NOVOS
CAMINHOS,
VELHAS
AMEAÇAS

PÁGINA 159

RENOVAÇÃO
DA LUTA

PÁGINA 179

OBJETIVOS DE
DESENVOLVIMENTO



SRI LANKA, 1953.

No início da década de 1950 existiam poucas embarcações de pesca a motor no país. Mesmo com boas condições climáticas, os pescadores não podiam chegar às escolas de pesca. A FAO enviou um engenheiro marinho para assessorar a mecanização da indústria. Foto: ©FAO/A. Glanville

INTRODUÇÃO

DAS RECORDAÇÕES, PARA A MEMÓRIA

Este livro é um relato

de como a FAO ajudou várias gerações a combater o que ainda segue sendo a maior das injustiças: a fome num mundo de abundância. Coloca em destaque os esforços contínuos da Organização para ajudar seus membros a atingir a meta Fome Zero num mundo em que, além de estar constantemente em mudança, enfrenta novos e urgentes desafios como a migração e as mudanças climáticas.

Os arquivos fotográficos da FAO contêm mais de um milhão de imagens que oferecem um testemunho visual de sete décadas de compromisso destinado a combater a fome no mundo. A equipe da Divisão de Publicações selecionou as imagens que oferecem uma visão autêntica das atividades da Organização, desde seus primórdios inovadores até a atualidade. As imagens escolhidas são um reflexo dos diversos âmbitos de trabalho da FAO (agricultura, pesca, atividade florestal, manejo da água, segurança alimentar e nutrição, etc.), e abarcam quase todos os rincões do mundo. As imagens dos primeiros anos estão em preto e branco, mas posteriormente abundam as fotos coloridas. Também se produz uma transição da película para a fotografia digital.

As fotografias que apresentamos neste livro foram selecionadas e escaneadas com o objetivo de representar alguns projetos específicos que a FAO tem levado a cabo, minuciosamente, em lugares muito remotos. Estas fotos foram feitas por diferentes motivos. Algumas serviram como registros históricos para documentar situações e projetos. Outras foram usadas com uma finalidade didática, também como parte de

filmes ou projetos destinados a explicar técnicas inovadoras e mostrar como se realizavam operações práticas sobre o terreno. Uma boa imagem pode, sem dúvida, valer mais que mil palavras, especialmente em regiões com um alto nível de analfabetismo ou onde não se dispõe de material no idioma local.

O prólogo do Diretor Geral da FAO e a introdução feita pelo Diretor de Comunicação contextualizam o trabalho da Organização e oferecem um exemplo real de como o Fome Zero pode melhorar as vidas das pessoas. Além disso, foram incluídos os perfis dos cinco Embaixadores Especiais Fome Zero. Com formações e experiências profissionais diferentes, estes Embaixadores desempenham um papel comum: persuadir suas regiões, e o mundo inteiro, de que podemos ser a Geração Fome Zero em 2030. As fotos e legendas, junto com os textos de apoio, também ilustram o trabalho e os momentos mais significativos da FAO ao longo de toda sua história. Desta forma, o leitor é capaz de perceber o detalhe em seu contexto global.

Esta coleção também serve como tributo aos fotógrafos da FAO - empregados, autônomos e funcionários públicos - e suas equipes de apoio local. Nos anos iniciais, trabalharam em condições extremamente duras com equipamentos pesados e com o propósito de mostrar o que a FAO estava realizando nos lugares mais distantes do mundo. Sempre atentos ao seu profissionalismo, tinham a esperança de que seu trabalho começara a ser conhecido para poder mudar o mundo. Aqui, alguns deles compartilham sua experiência e conhecimento. Com o passar dos anos, possivelmente os nomes dos fotógrafos podem ter mudado, mas a importância do seu trabalho continua.

OS
ANOS

40

1945-1979

COMO TUDO COMEÇOU

PRECEDENTES

Os precedentes da história da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura são ligados sem dúvida alguma a um nome: David Lubin, um próspero empreendedor que havia se dedicado a negócios agrícolas durante a década de 1880. Ao final do século XIX e começo do século XX, a agricultura havia perdido peso na economia global. Os problemas do setor eram profundos. Os agricultores não estavam organizados devidamente e a inovação escasseava. Para dizer de uma maneira mais clara: o prestígio e a fortuna se encontravam em outros setores como a indústria, o comércio e as finanças.

Lubin se deu conta de que o comércio desempenhava papel importante na fixação dos preços na agricultura e que apenas uma organização internacional poderia defender satisfatoriamente os interesses dos agricultores. Começou, então, uma intensa campanha nos Estados Unidos da América para conseguir apoio público para a agricultura. Mas, ao não encontrá-lo em casa, decidiu tentar na Europa. Depois de viajar a Londres e Paris e não encontrar resposta, foi na Itália, na figura do Rei Victor Emanuel II, onde finalmente acabaram escutando-no.

Em 1905, o Governo italiano convocava a primeira conferência do Instituto Internacional de Agricultura. Nascia assim a semente do que posteriormente seria a FAO. O número de Estados Membros passou de 46 na data de sua primeira Assembleia a 74 no ano de 1934.

O trabalho do Instituto tinha essencialmente um caráter técnico. No entanto, os problemas que afetavam a agricultura naqueles momentos tinham a ver, sobretudo, com as forças econômicas e políticas em crescimento, que culminaram quicá de maneira mais dramática com a queda de Wall Street. A depressão que se produziu no mundo

devido à quebra da Bolsa em 1929 teve um efeito devastador na agricultura e deixou a comunidade agrícola numa situação penosa. A crise financeira fez com que os países importadores de alimentos incrementassem suas barreiras alfandegárias e aumentassem a produção nacional de alimentos. Entre 1929 e 1933, as importações de trigo dos países industrializados da Europa caíram 60%. Devido à queda na demanda, os agricultores de muitas nações contavam com excedentes que não tinham vendido. Em junho de 1933, a Sociedade de Nações se reuniu para tratar de buscar uma solução para o problema dos excedentes, mas foi um fracasso. Os países não estavam dispostos a articular suas políticas econômicas num esforço conjunto para superar a crise.

Ao mesmo tempo foram realizadas pesquisas sobre a pobreza e a nutrição inspiradas por John Boyd Orr, cujo trabalho havia sido amplamente reconhecido. Era bem sabido, por exemplo, que um terço da população do Reino Unido da Grã Bretanha e Irlanda do Norte estava desnutrido devido ao consumo insuficiente de leite, frutas, hortaliças e outros alimentos vitais para uma boa saúde. A principal causa era a pobreza. Havia sido criado um paradoxo: os nutricionistas propunham um aumento do consumo e os economistas pediam uma diminuição da produção.

O nutricionista australiano, Frank McDougall, analisou a situação. Advogou por “casar a saúde com a agricultura” e reunir diversas disciplinas para abordar o problema da desnutrição. Suas propostas foram amplamente aceitas tanto pelos governos como pelo público e parecia que havia chegado o momento adequado para a ação coletiva quando chegou a Segunda Guerra Mundial, que deteve qualquer avanço nesse sentido. Em 1942, McDougall se encontrava em Washington D.C. para promover conversações



[ACIMA]
CHÂTEAU FRONTENAC, QUEBEC (CANADÁ)
Lugar onde foi fundada a FAO. ©CHATEAU FRONTENAC PHOTO



[ESQUERDA]
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1943
A Conferência sobre a Agricultura e a Alimentação das Nações Unidas foi celebrada de 18 de maio a 3 de junho em Hot Springs (Virgínia), e contou com a participação de 44 governos. Estabeleceu uma Comissão para elaborar a Constituição da FAO. ©FAO

acerca de um novo convênio internacional sobre o trigo. Foi ali que se comprovou que havia grande interesse em tomar medidas para solucionar os problemas alimentares que seriam gerados pelo pós-guerra.

As propostas de McDougall chegaram finalmente às mãos de Eleanor Roosevelt, que organizou uma reunião com seu marido, o então Presidente dos Estados Unidos. Em um jantar na Casa Branca, McDougall defendeu apaixonadamente a criação de um programa das Nações Unidas para tratar o tema da alimentação como o principal problema econômico mundial e considerava a agricultura um elemento crucial para a melhora do nível de vida das pessoas de todo o mundo. O Presidente Roosevelt não demonstrou reação alguma, mas as conversas daquele jantar devem ter lhe tocado em alguma fibra sensível, posto que, um ano depois, convocou a Conferência das Nações Unidas sobre a Alimentação e a Agricultura.

FUNDAÇÃO

A Conferência das Nações Unidas sobre a Alimentação e a Agricultura foi celebrada em Hot Springs, Virgínia (Estados Unidos), em 1943, e contou com a participação de mais de 40 governos. Naquela Conferência decidiu-se estabelecer uma organização com caráter permanente no setor de agricultura e alimentação. Aquela decisão pôs fim ao trabalho do Instituto Internacional de Agricultura e suas funções foram transferidas à nova organização.

No dia 16 de outubro de 1945, um total de 44 governos firmaram a constituição para a criação de uma organização permanente no setor de alimentação e agricultura durante uma reunião histórica no Château Frontenac de Quebec (Canadá). Nascia assim a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), ainda que a Organização das Nações Unidas (ONU) fosse estabelecida apenas oito dias depois, em

24 de outubro. A Carta das Nações Unidas havia sido assinada em junho, em São Francisco, mas não entrou em vigor até sua ratificação pelas cinco “grandes potências” e uma maioria dos demais Estados signatários.

COMEÇOS

A criação da FAO não podia ter chegado num momento melhor. A Europa estava em ruínas e a fome havia se convertido em uma ameaça real para muitos. Na reunião celebrada em 16 de outubro de 1945, se escolheu também o primeiro Diretor Geral da FAO, John Boyd Orr, procedente do Reino Unido da Grã Bretanha e Irlanda do Norte.

A Organização, todavia, teria que demonstrar aos governos que a pobreza era uma das principais causas da fome e da desnutrição. Para isso, em maio de 1946, a FAO convocou a **Conferência extraordinária sobre problemas alimentares urgentes**. Nesta conferência não apenas se

abordou a crise alimentar imediata, mas também se preparou uma série de propostas para fazer frente a problemas de longo prazo relacionados com a produção de alimentos. A realização regular de censos mundiais, o controle de pragas que atacam as plantas e a resposta às emergências com socorro alimentar foram alguns dos temas abordados durante a reunião. A melhora da fertilidade dos solos foi um dos temas mais inquietantes.

Outro acontecimento significativo teve lugar em 1949, quando John Boyd Orr foi agraciado com o Prêmio Nobel da Paz, uma homenagem apropriada a toda uma vida de trabalho. ●



CANADÁ, 1945

Sir John Boyd Orr, renomado nutricionista, pronunciando um discurso na Conferência da FAO em Quebec, onde foi eleito por unanimidade primeiro Diretor Geral da FAO em outubro de 1945.
©NATIONAL FILM BOARD

LINHA TEMPORAL

1943. Organização dedicada à alimentação e à agricultura

Representantes dos governos de 44 países se reúnem em Hot Springs (Estados Unidos da América) e se comprometem a criar uma organização permanente para a alimentação e a agricultura.

1945

1945. Fundação da FAO

As primeiras reuniões da recém-criada ONU, celebradas em Quebec (Canadá), estabelecem a FAO como o primeiro organismo especializado das Nações Unidas. A FAO nasceu com 44 membros. O nutricionista britânico **John Boyd Orr** é nomeado como seu primeiro Diretor Geral. Washington D.C. é designada sede temporária da FAO.

1948. Eleição do estadunidense **Norris Edward Dodd** (Estados Unidos da América) como segundo Diretor Geral da FAO.

1950

1946. Primeira pesquisa alimentar mundial

Essa pesquisa proporcionou um quadro completo da situação alimentar mundial, que permitiu confirmar que a fome e a desnutrição generalizadas eram inquietantes. A pesquisa incluiu 70 países e significou uma tentativa inovadora de analisar a situação alimentar no mundo.





[ESQUERDA] **QUEBEC, CANADÁ, 1945**
A FAO foi fundada na tarde do dia 16 de outubro de 1945, quando mais de 40 países firmaram sua Constituição. ©FAO

[DIREITA] **CANADÁ, 1945**
Placa comemorativa da recém estabelecida Organização no Château Frontenac. ©CHATEAU FRONTENAC PHOTO







[PÁGINA OPOSTA] **POLÔNIA, 1947**

Um agricultor brinca com um membro da FAO em missão durante uma cerimônia de colheita tradicional. A FAO havia encomendado uma missão na Polônia para estudar os problemas econômicos e técnicos relacionados com a recuperação e melhora dos suprimentos alimentícios, a agricultura, a atividade florestal e outras indústrias relacionadas.

©ONU

[ACIMA À ESQUERDA]
**ESTADOS UNIDOS
DA AMÉRICA, 1949**

O Dr. L.E. Kirk, Chefe da Subdivisão de Indústria Vegetal, e Elsie Markley, da Divisão de Agricultura da FAO, enchem sacos com sementes híbridas adquiridas pela FAO em centros experimentais de Wisconsin.

©ONU



[ACIMA À DIREITA] **EGITO, 1948**

Delegados na Conferência Regional para o Oriente Médio da FAO no lado de fora do Museu Agrícola do Cairo. No primeiro plano, no centro, se encontra John Boyd Orr, Diretor Geral da FAO.

Na Conferência foram debatidas formas de proporcionar ao Oriente Médio capital e assistência técnica. Também examinaram os problemas relativos ao controle de doenças em plantas, assim como o potencial de risco na região.

©ONU



[ACIMA À ESQUERDA]
GRÉCIA, 1948

Crianças tomando café da manhã graças ao projeto conjunto entre o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e a FAO numa escola de Atenas.

©ONU



[ACIMA À DIREITA] **ITÁLIA, 1949**

Em 1948, a FAO iniciou um programa experimental com milho híbrido na Europa. Neste centro experimental de Bergamo, se trabalhou muito sobre a endogamia de tipos de milho normais para obter cepas puras, assim como o cruzamento para obter variedades de híbridos. Segundo ele, a espiga e a borla da planta deviam ser protegidas da polinização externa. Nesta imagem, o Dr. Renzo Scossiroli está cobrindo a borla e a espiga com bolsas de papel. Quando as borlas amadurecem, elas liberam pólen e fertilizam o fruto. A endogamia continua durante várias gerações e as plantas ficam cada vez mais débeis, porém mais puras em sua linhagem. Depois, são cruzadas duas variedades progenitoras com o objetivo de produzir um tipo de milho híbrido saudável.

©ONU

[PÁGINA OPOSTA] **SUÍÇA, 1949**

A FAO patrocinou uma reunião entre as principais autoridades florestais europeias em Genebra para coordenar as políticas florestais e aumentar a produção de madeira de construção na Europa. Neste caso, o inspetor florestal suíço explica os princípios da conservação de bosques a um grupo de delegados.

©ONU



OS
ANOS

50

1950-1999

BALANÇOS E AVANÇOS

SITUAÇÃO APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Depois da Segunda Guerra Mundial, muitos países necessitavam restaurar a fertilidade de seus solos. As nações estavam interessadas em incrementar a produção de seus cultivos. Os agricultores queriam manter uma elevada produtividade, sobretudo num momento de preços favoráveis para a produção agrícola. Esta situação desaguou num aumento da demanda de fertilizantes em todo o mundo. Os governos tinham que fazer frente a um incremento na demanda de alimentos e necessitavam compreender em que ponto se encontravam suas economias agrícolas para melhorar sua produção global.

Este é o motivo pelo qual a FAO coordenou o desenvolvimento do **Censo Agropecuário Mundial** em 1950. O Censo reuniu informações estatísticas de 81 países e ofereceu uma análise completa da produção agrícola e sua estrutura naquele momento. Representou de maneira significativa uma evolução considerável em comparação com os censos que haviam sido realizados antes da guerra. Ainda que no final da década de 1940 a crise alimentar do pós-guerra estivesse chegando a seu fim, isto não fez diminuir o interesse da FAO, das Nações Unidas e outras organizações em fazer frente às emergências alimentares. Em agosto de 1951, o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas recomendou que a FAO mantivesse uma vigilância contínua sobre a situação nos distintos países e informasse sobre qualquer situação que “resultasse de escassez alimentar crítica ou fome”. Isso significava que a Organização poderia realizar pesquisas sobre terras e convocar reuniões com os governos “para estabelecer as linhas de ação mais práti-

cas”. Também significava que a FAO começava a estudar a viabilidade de estabelecer uma reserva alimentar para seu uso em casos de fome ou escassez alimentar grave causada por guerras, desastres naturais ou infestações de pragas como o gafanhoto do deserto.

Nesta nova década surgiu a possibilidade de resolver simultaneamente dois problemas: utilizar os excedentes para reduzir as pressões sobre os preços agrícolas e proporcionar mais alimentos às populações afetadas pela desnutrição. Ainda que o risco da fome, desastres e infestações de pragas não houvesse desaparecido, nos países desenvolvidos estavam sendo acumulados excedentes alimentares. Era urgente mobilizar esses excedentes em direção aos países necessitados, assegurando que os agricultores pudessem se beneficiar dos mecanismos adequados para garantir que os preços de seus produtos seguissem competitivos. O **Comitê de Problemas de Produtos Básicos da FAO** elaborou os princípios e orientações sobre o uso de excedentes. Aprovado pelo Conselho da FAO em 1954, esses princípios e orientações servem como código de conduta internacional, salvaguardando ao mesmo tempo os interesses dos exportadores comerciais e os produtores locais. Desde então, têm sido utilizados por programas de ajuda alimentar como um código eficaz para a supervisão das iniciativas de assistência relacionadas com os alimentos e os produtos agrícolas básicos.

NOVA SEDE E MISSÃO AMPLIADA

Em 1951, a FAO trocou sua sede em Washington D.C. para Roma (Itália), onde está até hoje. Os funcionários, suas famílias e objetos pessoais foram levados num navio, atravessando o Oceano Atlântico e o Mar Mediterrâneo.

Durante seus primeiros 10 anos de existência, a FAO trabalhou com governos para enfrentar questões urgentes relacionadas à fome e à desnutrição no mundo. Nesta segunda década, a Organização começaria a abordar questões de longo prazo na luta contra a fome.

Reduzir a fome no mundo não implica apenas em levar alimentos às pessoas, mas também significa aumentar os investimentos na agricultura, assim como em conhecimento tecnológico dos agricultores e seu acesso à tecnologia. Os agricultores de todo o mundo necessitavam de assistência técnica, apoio e assessoramento para melhorar sua produção. Por esse motivo, um dos avanços mais importantes no trabalho da Organização foi o crescente interesse por ajudar os agricultores oferecendo a eles assistência e apoio. Em 14 de outubro de 1958, foi criado o **Fundo Especial da FAO**, com a finalidade de ampliar o alcance da assistência técnica das Nações Unidas em determinadas localidades.

Uma grande proporção dos projetos aprovados pelo Conselho de Administração do Fundo Especial foi designada à FAO como órgão de execução. Isto não foi nenhuma surpresa, posto que a FAO estava se convertendo num importante organismo de ajuda técnica de âmbito mundial. O Fundo Especial da FAO iria se concentrar em grandes projetos no âmbito dos recursos humanos em diversas indústrias, tais como o artesanato, a silvicultura, o transporte e as comunicações, a construção e moradia, a saúde, a educação, as estatísticas e a administração pública. A assistência tomou a forma de consultas, pesquisas e formação, ou demonstrações com projetos-pilotos, e se executou mediante a previsão de pessoal, experts, equipes, suprimentos e serviços, assim como mediante a criação de institutos e o financiamento de outras iniciativas apropriadas, como bolsas de estudo.

CULTIVO DA TERRA FÉRTIL PARA AUMENTAR A PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Neste período, a melhora da produção agrícola em geral, mediante a promoção de sementes e fertilizantes de alta qualidade e a realização de uma cartografia dos solos do mundo, eram contribuições prioritárias para a estratégia global de redução da fome. Em 1957, com o fim de impulsionar o uso de sementes de alta qualidade de variedades melhoradas, a FAO lançou uma Campanha Mundial da Semente que culminou com o Ano Mundial da Semente, em 1961.

PROTEÇÃO DAS PLANTAS CONTRA PRAGAS

Pessoas em todo o mundo sofreram, durante milhares de anos, os efeitos devastadores das pragas, incluindo as doenças e ervas daninhas. Na era moderna, com o incremento dos movimentos internacionais de pessoas, um mercado em expansão e uma maior abertura das fronteiras dos países, as pragas também começaram a se estender com maior rapidez. Sem dúvida, apenas recentemente foram elaboradas normas legais para prevenir a expansão de pragas e proteger os recursos vegetais. Nesta década de 1950, a comunidade internacional trabalhou pela primeira vez para corrigir esta tendência.

Em primeiro lugar, a FAO aprovou em 1951 a **Convenção Internacional de Proteção Fitossanitária** para abordar essas mudanças circunstanciais e seguir o ritmo das intervenções internacionais dirigidas pela Organização que tiveram êxito no âmbito das plantas e produtos vegetais.

A LUTA CONTRA A PESTE BOVINA

Com o objetivo de ajudar os países em desenvolvimento a aumentarem sua produção agrícola e pecuária, a FAO começou a prestar atenção especial à forma de erradicar doenças que afetavam os animais de granja. A peste bovina era uma doença viral altamen-

te contagiosa que afetava o gado, os búfalos e outros animais unguilados, com uma taxa de mortalidade de aproximadamente 100% durante os surtos. Em 1947, o primeiro projeto principal da Organização para erradicar a doença foi baseado numa campanha contra a peste bovina na China. Financiado pela Administração de Socorro e Reabilitação das Nações Unidas, o projeto alcançou resultados satisfatórios e posteriormente foi estendido a outros países asiáticos. No final da década de 1950, a maioria dos países da Ásia havia erradicado a peste bovina. Finalmente, em 2011, numa histórica vitória para a ciência veterinária, a FAO e a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) anunciavam que, graças a um contínuo esforço de cooperação internacional durante décadas, a peste bovina havia sido erradicada com êxito em todas as zonas silvestres.

NORMAS SOBRE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

O trabalho em relação às normas sobre produtos alimentícios também começou a ser realizado a sério no início da década de 1950. Na primeira reunião do Comitê Misto FAO/OMS (Organização Mundial de Saúde) de Experts em Nutrição, os técnicos em comércio e nutrição internacionais declararam: “Os marcos regulatórios alimentares dos diferentes países são com frequência divergentes e contraditórios. A legislação que regula a conservação, a nomenclatura e as normas alimentares aceitáveis costuma variar consideravelmente de um país a outro. Com frequência, se introduzem novas legislações que não estão baseadas em conhecimentos científicos e pode acontecer que apenas sejam considerados os princípios nutricionais na formulação das regulamentações”.

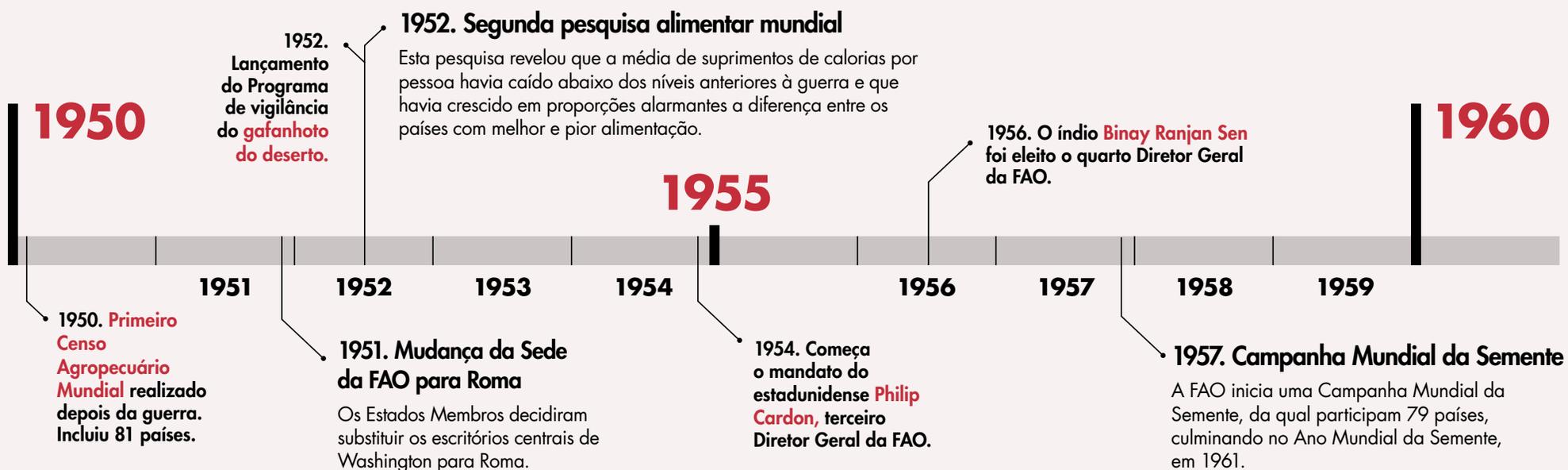


ITÁLIA, 1951

Uma cerimônia patrocinada pelo Governo da Itália acolheu com beneplácito a mudança da Sede da FAO para Roma. Na primavera de 1951, os funcionários da FAO e suas famílias foram transportados de navio para a Itália. Também foi enviado todo o material de escritório. ©FAO



LINHATEMPORAL



LÍBIA, 1953

Em primeiro plano, experimentos de fixação de dunas com plantas, como parte do programa da FAO para estabilizar e reflorestar as dunas de areia. Uma parte significativa do país não estava apta para qualquer tipo de cultivo permanente, sendo o florestamento a única opção. Em segundo plano, experimentos dirigidos por uma empresa privada com vários tipos de plantas.

©FAO







[ESQUERDA]
ETIÓPIA, 1953

O Dr. Razmilic, veterinário da FAO, observa como um trabalhador local administra uma vacina contra a peste bovina. A FAO conduziu uma missão com uma equipe de veterinários para ajudar a modernizar a agricultura e a atividade florestal na Etiópia.

©FAO/G. GRÉGOIRE

[PÁGINA OPOSTA]
ÍNDIA, 1951

Agricultores cultivando na zona de Terai. A FAO e a Organização Mundial da Saúde (OMS) trabalharam para eliminar a malária e fomentar a produção de alimentos na região.

©FAO/E. SCHWAB





[DIREITA]

TAILÂNDIA, 1953

Alevinos de tilápia numa rede, capturados para serem distribuídos entre os agricultores tailandeses. A equipe da FAO contribuiu para reforçar a indústria pesqueira tailandesa com o objetivo de complementar a dieta asiática, baseada em arroz, com a proteína do pescado.

©FAO

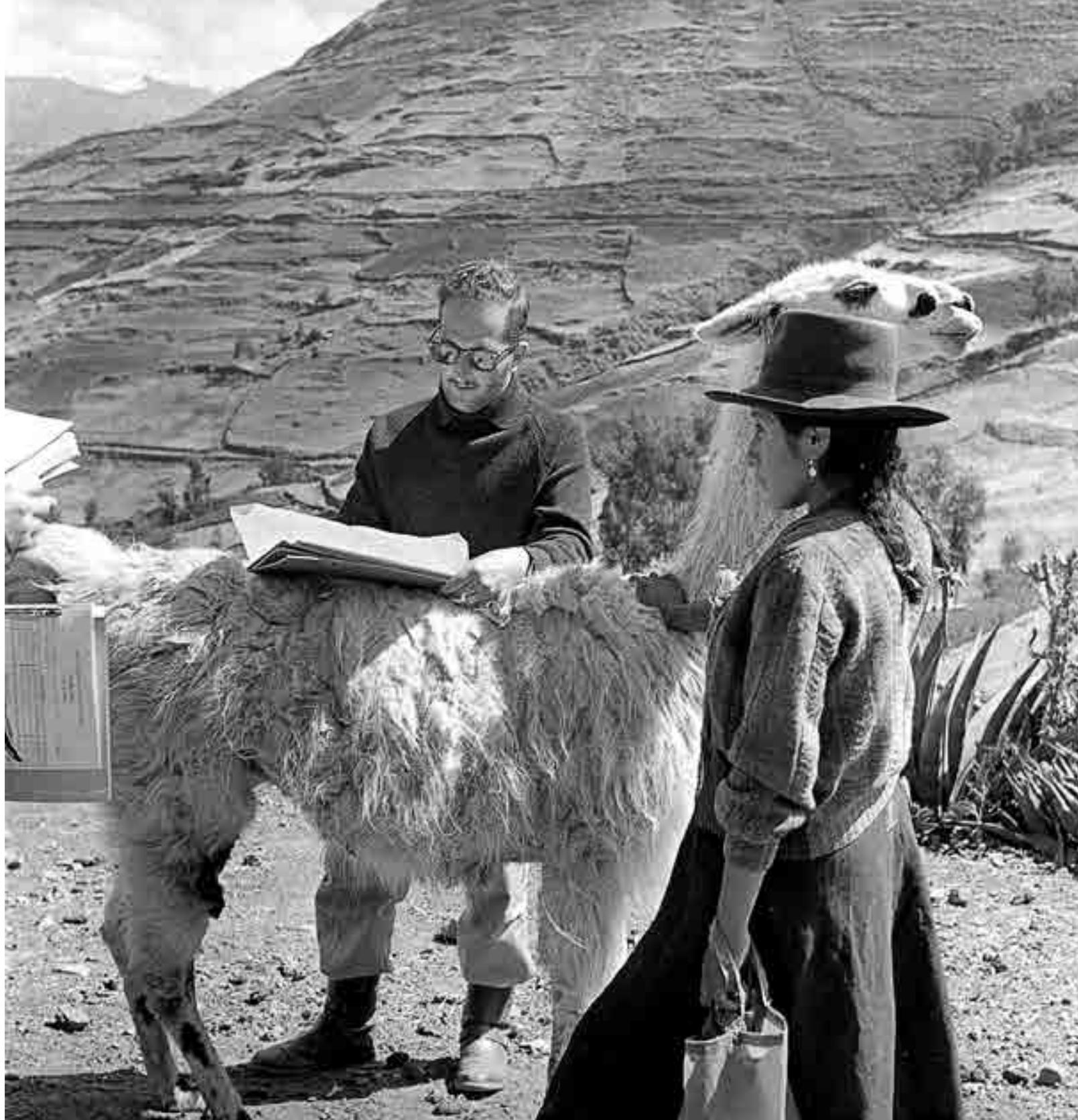
[PÁGINA OPOSTA]

INDONÉSIA, 1951

O filho de um camponês capturando alevinos de carpa. No sudeste asiático, a produção pesqueira em tanques conta com uma longa tradição e se acredita que pode chegar a produzir, de maneira significativa, mais proteínas que qualquer atividade pecuária. A FAO contribuiu para a introdução da tilápia, um peixe particularmente adequado para o cultivo em tanques.

©FAO/E. SCHWAB





[ESQUERDA]
PERU, 1958

Um especialista da FAO entrevista uma agricultora na região montanhosa de Lachaqui. O Peru foi o país anfitrião do Centro Latino-americano de Treinamento sobre Censos, organizado conjuntamente pelas Nações Unidas, a FAO e o Instituto Interamericano de Estatística, o qual realizou um censo de população, moradia e agricultura.

©FAO

[PÁGINA OPOSTA]
INDONÉSIA, 1951

Trabalhadores locais construindo um canal de 70 km. O governo da Indonésia, com o assessoramento da FAO, levou a cabo um projeto para regar e recuperar 6.000 hectares de terra.

©FAO/E. SCHWAB





[ESQUERDA]
TAILÂNDIA, 1953

Uma nutricionista da FAO examinando as crianças. O menor apresenta aumento do baço devido à malária. A Divisão de Nutrição da FAO estabeleceu um programa nutricional global e mediu os níveis de saúde no país, com o objetivo de melhorar as dietas alimentares das crianças.

©FAO

[PÁGINA OPOSTA]
SRI LANKA, 1952

Henry Hirst, especialista da FAO em criação de animais, e dois administradores da granja do governo inspecionam um campo de centeio.

©FAO/W. WILLIAMS







SRI LANKA, 1953

Pescadores segurando redes de arrastão. Foram necessários 30 homens para lançar as redes, que tinham uma longitude de 1,5km. Naquela época, ao não contar com embarcações de pesca a motor, os pescadores capturavam cerca de 9 kg por semana. A FAO enviou um engenheiro marinho para assessorar a mecanização da indústria e assim poder aumentar a captura de peixes.

©FAO/A. GLANVILLE



[ESTA PÁGINA] **AFEGANISTÃO, 1952**

Os agricultores mostram uma grande curiosidade pelo procedimento de vacinação contra a peste bovina. A FAO enviou uma equipe de especialistas ao Afeganistão para ajudar o país a aumentar seus insumos agrícolas e melhorar a qualidade de vida das pessoas.

©FAO/W. WILLIAMS



[PÁGINA OPOSTA] **MIANMAR, 1957**

A FAO enviou o Sr. D.H. Panfield, especialista em armazenamento de grãos, para supervisionar a aplicação de um programa de armazenamento de grãos. O Sr. Panfield estava especialmente preocupado com os aspectos técnicos da gestão e o funcionamento das instalações para o armazenamento de grãos, construídas e adaptadas às condições locais. Esta fotografia mostra um medidor de humidade portátil.

©FAO/S. PUNNAG







[PÁGINA OPOSTA]
INDONÉSIA, 1955

O Dr. Hauser, especialista em solos da FAO, e equipe de um centro de pesquisa agrícola conduzindo um estudo sobre o perfil do solo. A FAO ajudou os institutos locais a modernizar seus métodos de análise de solo e treinamento de equipes locais.

©FAO/S. BUNNAG



[ACIMA À ESQUERDA]
INDONÉSIA, 1955

O Sr. Van Der Ploeg, Chefe da Missão da FAO na Indonésia, examina uma carpa criada no tanque de um agricultor perto de Lembang.

©FAO/S. BUNNAG

[ABAIXO À ESQUERDA]
TAILÂNDIA, 1953

O Dr. S.W. Ling (segurando um cachimbo ao centro), criador de peixes da FAO e especialista convidado, explica as características da tilápia aos representantes pesqueiros tailandeses.

©FAO

ÍNDIA, 1959

Crianças esperando na fila de um centro de distribuição de leite. Com o apoio da UNICEF e da FAO, o Programa da cooperativa leiteira de Anand aumentou os suprimentos de leite de 2,7 milhões para 27 milhões de litros anuais em apenas oito anos no estado de Guayarat.

©FAO







[PÁGINA OPOSTA]
LÍBIA, 1953

Especialista da FAO examinando as pragas (insetos) que causaram grandes perdas de tâmaras na Líbia. As tâmaras abundam no país, mas a falta de instalações de processamento e armazenamento prejudicou consideravelmente o cultivo das mesmas.

©FAO/P. MORIN

[DIREITA]
ÍNDIA, 1953

Estudante em uma aula de química. A FAO concedeu bolsas de estudos e organizou seminários para formar oficiais e estudantes locais em decorrência do Programa de assistência técnica.

©FAO/E. SCHWAB



OS
ANOS

60

1960-1969

DOS MAPAS ÀS BASES DE DADOS

LANÇAMENTO DA CAMPANHA MUNDIAL CONTRA A FOME

À medida que os anos passavam, os problemas alimentares das zonas mais pobres e povoadas do planeta deram poucas mostras de melhora. Foi ampliada a convicção de que para eliminar com êxito a fome era necessário um esforço conjunto por parte dos governos, das organizações governamentais (ONGs) e dos cidadãos.

Em 16 de março de 1955, a primeira dama Eleanor Roosevelt viajou junto com Frank McDougall à FAO com a intenção de mobilizar o Programa das Nações Unidas para a criação da **Campanha Mundial contra a Fome**. Foram necessários cinco anos de negociações antes que a FAO lançasse oficialmente a campanha em 1960. Seu ambicioso objetivo era erradicar a fome no mundo de uma vez por todas. Os governos acordaram que: “a persistência da fome e a desnutrição é inaceitável moral e socialmente, é incompatível com a dignidade dos seres humanos e a igualdade de oportunidades a que têm direito, e é uma ameaça para a paz social e internacional”. A campanha tinha um duplo objetivo: i) sensibilizar o mundo sobre os problemas da fome e da desnutrição que afetavam a mais da metade da população mundial, e ii) promover um sentimento favorável no sentido de mostrar que as soluções desses problemas pudessem ser organizadas tanto a nível nacional quanto internacional.

CARTOGRAFIA DOS RECURSOS DE SOLOS NO MUNDO

O uso de sementes e fertilizantes de alta qualidade representava somente uma parte da estratégia global para a redução da pobreza.

Um bom conhecimento dos solos, suas prioridades e distribuição, também era considerado estratégico para a realização de medições mais precisas e úteis sobre a forma em que os solos iriam reagir às iniciativas de produção específicas.

Em 1960, a União Internacional da Ciência do Solo (UICS), em seu sétimo congresso, recomendou a publicação de mapas de solos dos continentes e das grandes regiões. Em consequência, em 1961 a FAO e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) se encarregaram da preparação de um Mapa Mundial de Solos, numa escala de 1: 5.000.000. Este ambicioso projeto levou 17 anos para se completar e foi fruto de colaboração mundial entre inúmeros cientistas especializados. O propósito do mapa era permitir aos agricultores compreender como o solo reagiria a diferentes técnicas de cultivo, para alcançar o melhor rendimento. Até pouco tempo, o mapa era a única visão global dos recursos do solo.

A CHEGADA DO CODEX

Observando que a natureza conflitiva dos regulamentos alimentares atrapalhava o comércio e afetava a distribuição de alimentos nutricionalmente valiosos, o Comitê Misto FAO/OMS de Especialistas em Nutrição sugeriu que a FAO e a Organização Mundial da Saúde (OMS) estudassem esses problemas com mais atenção. **A Comissão FAO/OMS do Codex Alimentarius**, estabelecida em 1961, foi um dos projetos de cooperação mais conhecidos e de maior êxito entre os dois organismos das Nações Unidas e seu trabalho se centrou no estabelecimento de normas alimentares mundiais.

CRIAÇÃO DO PROGRAMA MUNDIAL DE ALIMENTOS

Muitos estudos sobre a fome levados a cabo por especialistas independentes da FAO em diferentes partes do mundo, na década de 1950, haviam mostrado que os excedentes estavam em contínuo crescimento, assim como estava a ajuda alimentar. Nesse ponto era importante idealizar “um sistema viável [...] para proporcionar ajuda alimentar dentro do sistema das Nações Unidas”, segundo declarou o presidente dos Estados Unidos, Dwight D. Eisenhower, diante da Assembleia Geral das Nações Unidas em 1960. Fazia falta uma definição clara das responsabilidades no sistema das Nações Unidas. Em dezembro de 1961, a FAO e a Assembleia Geral das Nações Unidas adotaram resoluções paralelas que estabeleciam o Programa Mundial de Alimentos (PMA) como organismo das Nações Unidas para a gestão dos envios de socorro alimentar emergenciais em tempo real para as regiões afetadas.

Tratava-se de um programa experimental de três anos de duração cujo início não estava planejado até janeiro de 1963; mas na verdade se colocou em marcha vários meses antes, quando um terremoto sacudiu o Irã (República Islâmica) e um furacão arrasou a Tailândia, e quando a Argélia se declarou independente e se encontrava com dificuldades devido ao retorno de cinco milhões de refugiados. Era necessário, com urgência, ajuda alimentar e o PMA recebeu ordem de proporcioná-la.

IMPULSO À PRODUÇÃO AGRÍCOLA

As tratativas em torno da mecanização da agricultura mudaram consideravelmente en-

tre meados de 1950 e meados de 1960, em grande parte devido à “Revolução Verde” na Ásia. Em 1966, a Conferência Mundial Sobre a Reforma Agrária das Nações Unidas/FAO enfatizou a necessidade de um enfoque integrado para a agricultura. Durante a década de 1950 e a primeira metade da década de 1960, a produção mundial de alimentos cresceu de maneira constante, aumentando mais de 50%. Sem dúvida, neste período, a estagnação política e as crises econômicas fizeram com que o desafio da FAO fosse conter a consequente ameaça da fome, enquanto continuava seu trabalho de pesquisa e ação estratégica com o fim de aumentar a segurança alimentar e a produção de alimentos a longo prazo.

Em 1961, dado que o rendimento agrícola de todos os insumos de cultivos necessitavam melhorar e os fertilizantes mostravam os resultados mais alentadores, a FAO lançou o **Programa de Fertilizantes** para melhorar a produção de cultivos através de um maior uso de fertilizantes. Em pouco tempo ela ampliou seu alcance para incluir todos os aspectos da produção eficiente de cultivos, como as variedades melhoradas, uma melhor gestão dos solos e um melhor controle de capim, assim como uma proteção das plantas mais eficiente. Calcula-se que, em seu conjunto, o uso de fertilizantes aumentou anualmente em 15% durante a década de 1960. Em 1968, na principal publicação anual da FAO, “O estado mundial da agricultura e alimentação”, já se informava sobre como se pretendia aumentar os rendimentos agrícolas através de “melhoras tecnológicas” como uma forma de utilizar a terra para alimentar as pessoas.

A LUTA CONTRA AS DOENÇAS NA PECUÁRIA

Com o êxito conseguido contra a peste bovina, a FAO começou a enfrentar outras doenças do gado, entre elas a febre aftosa, que havia sido mantida em níveis muito baixos. Esta doença havia sido eliminada durante alguns anos em vários países europeus.

Ao longo desse período, a FAO também encabeçou a luta contra a peste africana, que afetou a Espanha e Portugal na década de 1960 e o hemisfério ocidental de forma geral na década de 1970. Ainda se segue lutando contra esta doença.

SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

A Constituição da FAO estabelece que uma de suas funções principais é “reunir, analisar, interpretar e divulgar as informações relativas à nutrição, alimentação e agricultura”.

Sem dúvida, em 1963, os métodos da FAO estavam ficando antiquados. Eles se resumiam em: quatro máquinas perfuradoras, duas máquinas verificadoras, uma máquina de classificação e um par de máquinas de tabulação. Desde então, a FAO trabalhou para criar um dos sistemas de informação mais sofisticados das Nações Unidas, um sistema com o qual poderiam

contar os governos na hora de estabelecer seu próprio programa nacional em matéria de agricultura. Foi o ano em que a FAO colocou em marcha sua base de dados estatísticos integral que cobria a informação agrícola no mundo. Os avanços em tecnologia da informação permitiram à FAO criar sistemas de informação, bases de dados e bancos de dados para responder às diversas necessidades de seus membros. Sem dúvida, ainda hoje em dia esses sistemas constituem a pedra angular do trabalho da FAO. ●



ROMA, 1960

Cerimônia de abertura da Campanha Mundial contra a Fome. ©FAO

LINHA TEMPORAL



EQUADOR, 1966

Colonos olhando um campo de trigo na Fazenda Pesillo. Como parte de sua reforma agrária, o Governo do Equador, com a ajuda da FAO e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), levou a cabo um projeto para redistribuir a propriedade e realocar os camponeses sem terra. Com um total de 228 famílias, a Fazenda Pesillo recebeu assistência agrícola, material e sementes melhoradas.

©FAO/S. LARRAIN









[PÁGINA OPOSTA] **PERU, 1963**

Agricultor andino usando um arado de madeira. A FAO e outros organismos das Nações Unidas colocaram em marcha um programa para assessorar a produção agrícola moderna, o saneamento, a alfabetização e o desenvolvimento da comunidade.

©FAO/OIT

[ACIMA] **NIGÉRIA, 1967**

Estudantes da Universidade de Ibadan usando um teodolito para calcular a altura relativa de um terreno. Seu trabalho fazia parte de um curso de formação oferecido pela Faculdade de Silvicultura organizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e pela FAO.

©FAO

[ACIMA À DIREITA]
GRÉCIA, 1964

Técnico florestal medindo a distância entre as árvores e a densidade da madeira numa amostra de terreno. Uma equipe conjunta da FAO e do Governo grego colocaram em marcha um projeto para avaliar a extensão dos bosques e ajudar o país a fomentar sua indústria florestal.

©FAO/J. OLSEN



[ABAIXO À DIREITA]
TAILÂNDIA, 1966

Pilha de troncos de árvores no norte da Tailândia.

©FAO/S. BUNNAG



[PÁGINA OPOSTA] **ÍNDIA, 1962**

Aldeão segurando um ovo: ele o coloca contra a luz para comprovar seu frescor e fertilidade. O objetivo deste projeto era assegurar uma dieta equilibrada para as mães e as crianças, através da capacitação em práticas de produção e a preparação de comidas nutritivas.

©FAO/FL. CYPRIEN





[ACIMA] **BURUNDI, 1968**

K. Pham Nhu, especialista em criação de animais, dando aula aos estudantes do Instituto Técnico Agrícola. O instituto foi estabelecido pela FAO e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) para formar agricultores em métodos modernos de extensão agrícola, cultivos, irrigação e produção animal.

©FAO/A. DEFEVER

[PÁGINA OPOSTA]

ÍNDIA, 1968

Colhendo feno, para a alimentação do gado, numa das granjas experimentais do Instituto de Pesquisa Central de Rebanho Ovino.

©FAO/T. SENNETT



GANA, 1969

A construção da barragem de Akosombo, no rio Volta, formou o maior lago artificial do mundo com aproximadamente 8.500 km². A energia hidroelétrica obtida da barragem teve importância fundamental para a industrialização de Gana, mas o reassentamento de 12.000 famílias camponesas provocou muitos problemas para o Governo. Até que as novas explorações agrícolas fossem produtivas, era necessário garantir alimentos às famílias que no passado eram auto-suficientes.

O fotógrafo mostra os trabalhadores construindo uma estrada entre duas novas aldeias de reassentamento.

©FAO/P. JOHNSON





MONGÓLIA, 1966

Segurando um cavalo. Um técnico veterinário da FAO foi designado para ajudar o Governo a controlar as doenças infecciosas nos animais.

©FAO/N.G. IPATENKO



[ESTA PÁGINA] **CHILE, 1965**

Embarcação pesqueira trabalhando na costa de Valparaíso. O Fundo Especial das Nações Unidas e a FAO apoiaram o Instituto de Desenvolvimento Pesqueiro para fomentar a pesca no país. O Instituto era a única escola pesqueira na América do Sul e se converteu num centro de formação para os oficiais de pesca de todo o continente.

©FAO/S. LARRAIN

[PÁGINA OPOSTA] **ÍNDIA, 1969**

Saída de um catamarã motorizado em Mutuam (Tamil Nadu), onde a FAO estava desenvolvendo um projeto. Os objetivos do projeto se baseavam em fomentar a produção pesqueira e em melhorar a distribuição e comercialização da pesca.

©FAO/D. MASON









[PÁGINA OPOSTA] **BENIN, 1963**

Um pescador lançando sua rede. Após pedido do Governo de Benin, a FAO enviou especialistas para estabelecer novas bases de pesca e introduzir material moderno, como por exemplo redes de náilon.

©FAO

[ACIMA] **SUDÃO, 1962**

A FAO respaldou a indústria de nácar como uma alternativa à pesca de temporada. Equipados com nadadeiras, óculos de mergulho e tubos de respiração, o oficial adjunto de pesca no Sudão, Sayed Mohamed Ali Awad (em primeiro plano), e um pescador se preparam para submergir em busca de conchas de nácar.

©FAO

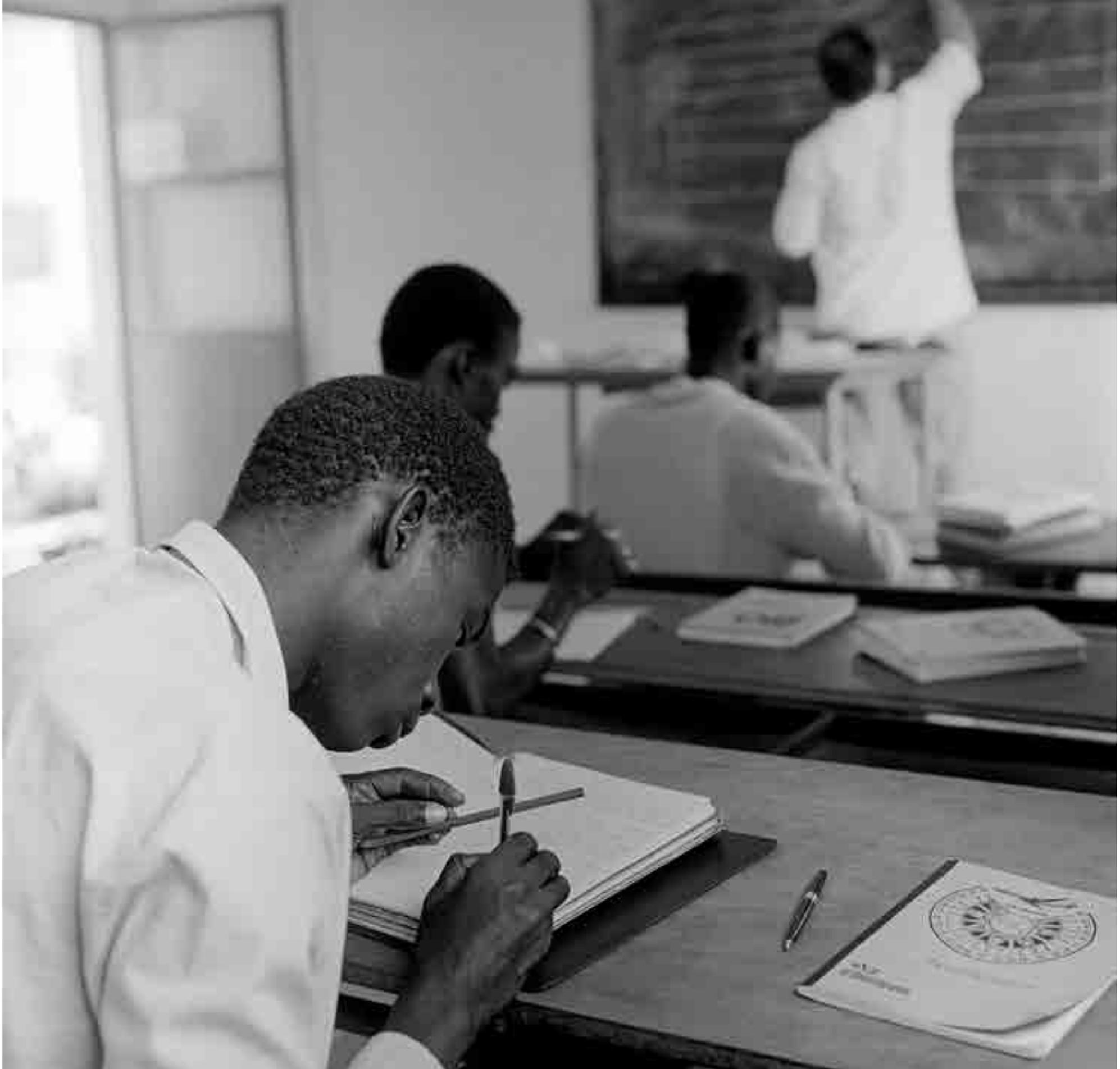
SENEGAL, 1969

[DIREITA] Técnico de pesca da FAO explicando como fatiar peixes na Escola Técnica de Pesca Marinha e Oceanografia do Senegal. A FAO proporcionou assistência à escola durante quatro anos com o objetivo de formar aprendizes em administração pesqueira, novas técnicas de pesca e métodos de processamento.

[PÁGINA OPOSTA] Aprendiz tomando notas durante um curso teórico sobre a instalação e manutenção de uma fábrica de conservas.

©FAO/N. ERACHER







[ACIMA] **REPÚBLICA UNIDA DA TANZÂNIA, 1966**

Instrutora de desenvolvimento comunitário da FAO orientando uma estudante sobre técnicas de costura num centro de capacitação. No marco da Campanha Mundial contra a Fome, foi estabelecido um projeto para desenvolver a economia da região e melhorar os padrões de vida nas zonas rurais.

©FAO/F. BOTTS

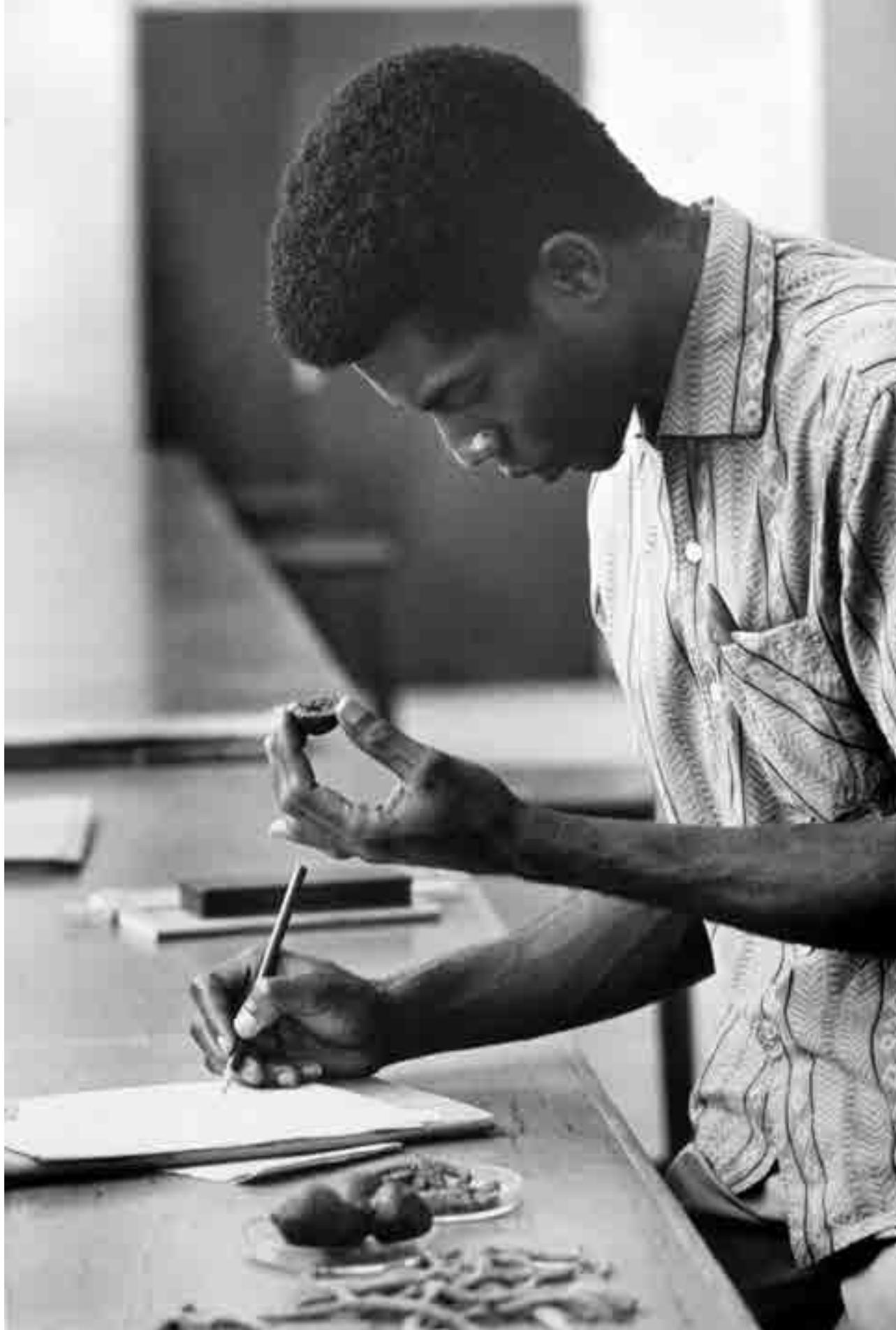
[PÁGINA OPOSTA] **EQUADOR, 1968**

Henry Willstedt, especialista da FAO em economia florestal e foto-interpretação, ensinando fotogrametria no Centro de Formação Florestal. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a FAO ajudaram o Governo do Equador a melhorar e expandir as instalações do centro através da formação laboral e bolsas de estudo, assim como mediante a provisão de material especializado.

© FAO







[PÁGINA OPOSTA] **ÍNDIA, 1968**

Fórum de debate dirigido por uma trabalhadora social no Centro de Educação Social de Bombay após um programa de rádio.

©FAO/UNESCO

[ESQUERDA] **NIGÉRIA, 1967**

Estudante de química. Devido à escassez de suprimentos de madeira e o aumento da demanda de lenha e madeira para a construção, a Nigéria teve que melhorar a gestão de parques e reflorestar as savanas. Através da FAO, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) ajudou a colocar em funcionamento a Faculdade de Silvicultura na Universidade de Ibadan, com o objetivo de ensinar política, leis, ordenação, utilização e tecnologia florestais.

©FAO



AFEGANISTÃO, 1969

[ACIMA] Jovem pastor de vacas no norte do país. O Governo afegão executou um projeto quinquenal para aumentar a produtividade do rebanho ovino, pecuária e aves de capoeira, com a ajuda do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a FAO.

[PÁGINA OPOSTA] Eric Hall, especialista em pecuária de campo, mostra o uso de um pequeno e econômico contêiner de ovelhas.

© FAO/F. BOTTS









[PÁGINA OPOSTA] **REPÚBLICA
ISLÂMICA DO IRÃ, 1966**

Sargento de Sepahi Danesh (Corpo de alfabetização) ensinando para uma turma ao ar livre.

©FAO

[ACIMA] **LESOTO, 1966**

A FAO e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) uniram suas forças para ajudar o governo a educar seu povo em termos de alimentação e nutrição. A Sra. M. Matuel, assistente nutricionista, aparece aqui falando sobre nutrição a aldeãos.

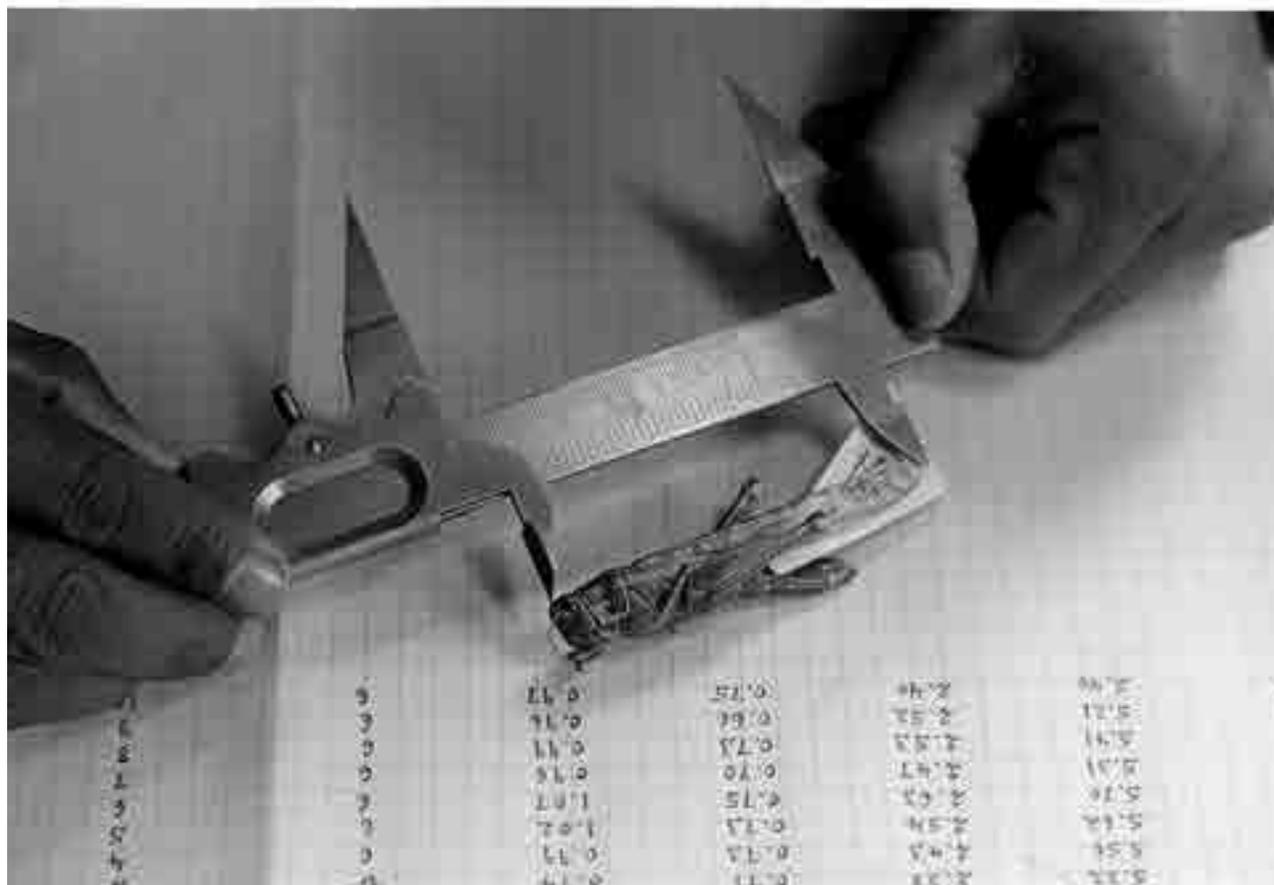
©FAO/P. PITTET

ETIÓPIA, 1968

[ABAIXO] Especialista medindo as asas e o corpo de um inseto num laboratório da Organização de Luta contra Gafanhotos do Deserto para tentar identificar o lugar de origem desses animais.

[PÁGINA OPOSTA] Enxame de gafanhotos. A FAO coordenou as iniciativas internacionais e proporcionou assistência especializada para lutar contra o Gafanhoto do Deserto.

©FAO/G. TORTOLI







[ESQUERDA]
NÍGER, 1968

Trabalhadores colocando farinha em sacos de 10 kg no primeiro estabelecimento de elaboração de milho do mundo. A produção de milho era a base da agricultura do Níger mas não alcançou a escala comercial. Os agricultores pulverizavam os grãos de forma manual e retiravam o núcleo interno com as mãos. Com a ajuda da FAO, o Governo investiu na transformação, comercialização e processamento do grão de milho com o objetivo de fomentar a comercialização em escala nacional.

©FAO

[PÁGINA OPOSTA]
CHILE, 1968

Distribuição de mantimentos do Programa Mundial de Alimentos (PMA) em Punitaqui. Desde seu início em 1963, o PMA, patrocinado conjuntamente pelas Nações Unidas e a FAO, contribuiu para impulsionar uma ampla variedade de projetos de desenvolvimento. Eles estavam destinados a incentivar os voluntários a participarem de tarefas de desenvolvimento rural comunitário, formuladas para melhorar a economia.

©ONU/FAO







[PÁGINA OPOSTA] **ÍNDIA, 1967**

Uma criança se lava com água de um poço persa. No marco da Campanha Mundial contra a Fome, oito aldeias do distrito de Ratnagiri receberam suprimentos de água de um poço.

©FAO/T.S. SATYAN

[ESQUERDA] **ÍNDIA, 1969**

Trabalho nos diques do canal de Rajasthan. Uma equipe da FAO liderou um projeto quinquenal para a zona do canal. O objetivo era otimizar o uso da terra e a água, assegurando uma produção eficiente dos cultivos.

©FAO/T. LOFTAS



[ACIMA] **NICARÁGUA, 1964**

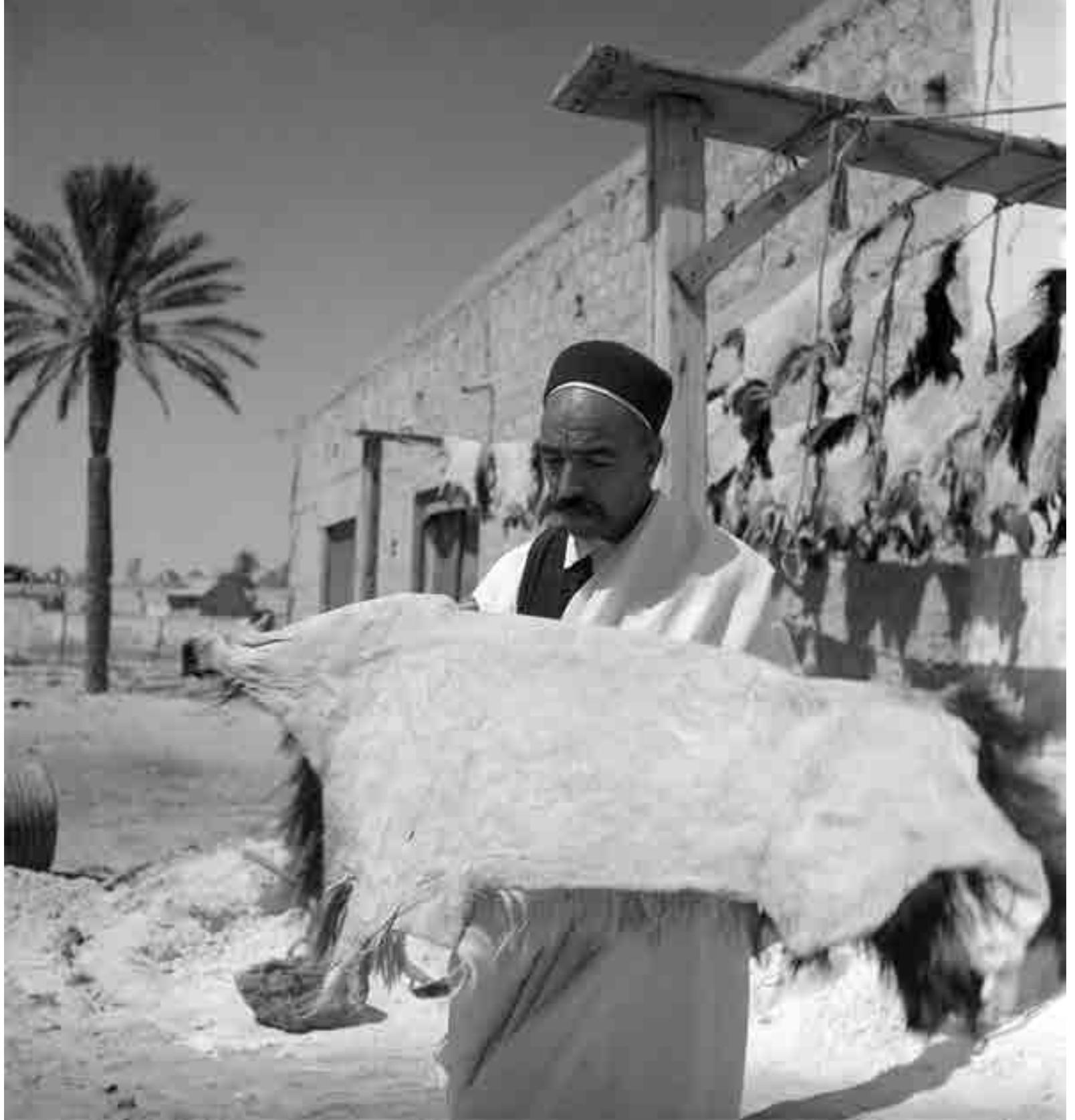
Plantação de banana de uma cooperativa agrícola perto de Chinandega. Os caules das bananeiras são cortadas para embalagem.

©FAO/Y. NAGATA

[PÁGINA OPOSTA] **LÍBIA, 1963**

Proprietário de um armazém de curtume examinando uma pele processada conforme novo método que não produzia odor. Com a ajuda das autoridades libanesas, a FAO redigiu uma lei sobre o esfolamento animal e introduziu um novo método de curtume para uma melhor qualidade do produto.

©FAO/P. MORIN

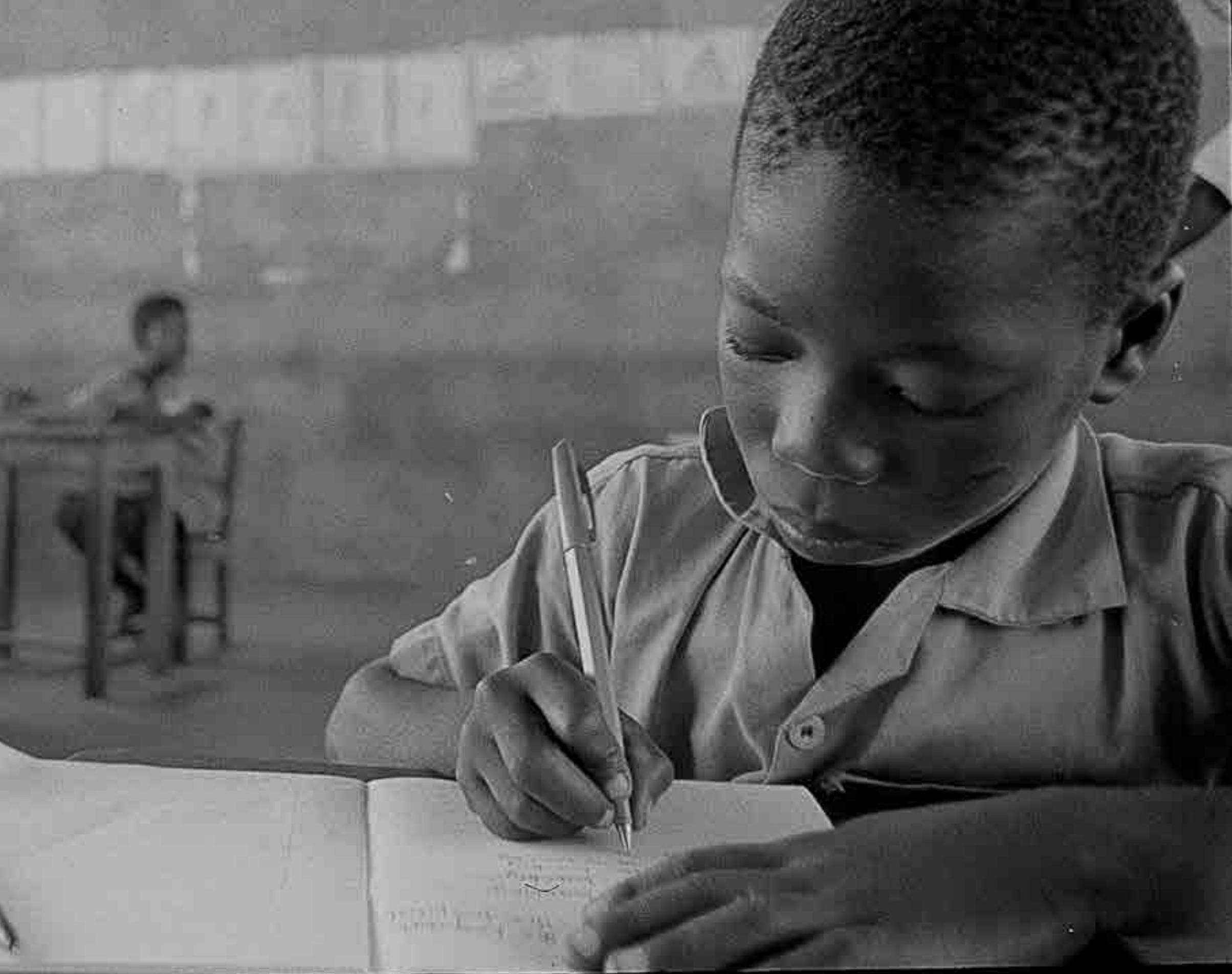




GHANA, 1969

Esta fotografia mostra uma escola recém-construída numa aldeia de reassentamento. Graças ao programa de ajuda alimentar do Programa Mundial de Alimentos (PMA), melhoraram a nutrição infantil, a taxa de assistência escolar e o rendimento acadêmico.

©FAO/PMA/P. JOHNSON



OS
ANOS

20

1920-1929

CRISE DO PETRÓLEO, CRISE ALIMENTAR

PROTEÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS

Desde a década de 1950 até o princípio de 1970, a existência de grandes reservas de cereais na América do Norte eram dadas como certas em todo o mundo. No entanto, em 1972, a produção mundial de cereais diminuiu pela primeira vez em duas décadas. As necessidades de importação aumentaram e os excedentes desapareceram quase da noite para o dia. A esta situação se acrescentou uma série de problemas ambientais que iam desde a contaminação da terra, a água e o ar até a contínua destruição do patrimônio mundial de recursos fito-genéticos, o que provocou novamente uma crise mundial.

Em meados de 1972, essa situação foi examinada na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, celebrada em Estocolmo. Foi pedido que a FAO atuasse para conservar a agricultura, a silvicultura, a pesca e outros recursos naturais da terra e que fortalecesse o trabalho que já estava realizando. Um dos temas que surgiram na Conferência foi o reconhecimento de que a mitigação da pobreza ajudava a proteção do meio ambiente. Indira Gandhi, a então primeira ministra da Índia, sublinhou esta conexão no discurso que pronunciou na Conferência. “Não queremos empobrecer ainda mais o meio ambiente e, no entanto, não podemos esquecer em nenhum momento a grave situação de pobreza de um grande número de pessoas. Não são a pobreza e a necessidade os maiores agentes contaminantes?”

A FAO colocou-se imediatamente a trabalhar após a Conferência de Estocolmo em um programa de Recursos Naturais e Meio Ambiente Humano. Este programa tinha dois componentes principais: o primeiro, relacionado com a avaliação do estado dos recursos naturais, e o segundo, com sua gestão.

O PETRÓLEO E OS ALIMENTOS

Em 1973 o mundo se encontrava mergulhado numa crise alimentar. Para piorar as coisas, a forte escalada dos preços do petróleo freava a produção das fábricas e as atividades agropecuárias do mundo. A crise do petróleo também aumentou consideravelmente as pressões inflacionárias, que começavam a superar a capacidade de controle dos governos. Isto levou os Estados Unidos a convocarem a Conferência Mundial de Alimentação em 1974, celebrada em Roma, para fazer frente a duas necessidades urgentes: a resposta às grandes emergências alimentares e a garantia de abastecimento adequado para reduzir a brecha entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento.

Henry Kissinger, Secretário de Estado dos Estados Unidos, pronunciou um discurso em que defendia mais investimentos em todo o mundo e confirmava o compromisso de seu país para que “dentro de dez anos, nenhuma criança fosse dormir com fome”. Os governos examinaram o problema mundial da produção e o consumo de alimentos e recomendaram a adoção de um compromisso internacional sobre segurança alimentar mundial, proclamando solenemente que: “Todos os homens, mulheres e crianças têm o direito inalienável a não padecer de fome e desnutrição para poderem se desenvolver plenamente e conservar suas faculdades físicas e mentais”.

Entre outras atividades, a Conferência Mundial da Alimentação estabeleceu o **Comitê de Segurança Alimentar Mundial da FAO**. Este Comitê é um fórum para examinar e dar seguimento às políticas de segurança alimentar, produção de alimentos, nutrição e acesso à alimentação no mundo.

No mesmo período, e devido ao agravamento mundial da situação, a FAO apresentou um plano de ação de cinco pontos. Junto com o

Banco Mundial e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a Organização se encarregou do estabelecimento de programas multilaterais de assistência e produção de alimentos para fortalecer a segurança alimentar e garantir a adoção unilateral de políticas de abastecimento nacionais que cumprissem requisitos específicos. Estas medidas não poderiam ter chegado em melhor hora para as zonas que mais necessitavam, como era o caso dos países afetados pela crise do Sahel.

Haviam passado trinta anos desde o final da Segunda Guerra Mundial e o mundo era um lugar muito diferente em termos políticos. Com a FAO como coordenadora ou facilitadora, os governos, as organizações não governamentais e os organismos doadores haviam conquistado grandes avanços no âmbito da cooperação para a segurança alimentar. Cada vez mais estava claro que agora a verdadeira ameaça da fome somente poderia ser abordada com uma ação combinada em âmbito mundial. Desta forma, com a crise do Sahel, a Oficina de Operações Especiais de Socorro para o Sahel passou a ser a Oficina de Operações Especiais de Socorro, a qual, com um alcance mundial, abarcava todas as formas de ajuda de emergência na indústria agrícola.

APROVEITANDO A PESQUISA AGRÍCOLA

Durante a década de 1960, os pesquisadores já tinham observado que as doenças, a contaminação ambiental e algumas práticas agrícolas causaram uma alarmante diminuição da biodiversidade em todo o mundo. Eles se deram conta de que a proteção da biodiversidade era crucial para impulsionar a produtividade dos ecossistemas. Ademais, uma pesquisa bem planejada e executada dirigida à conservação da biodiversidade poderia ser enormemente benéfica.

Em 1965 foi constituído um grupo de especialistas para estudar como poderiam proteger os recursos fito-genéticos em perigo de extinção. Naquele momento, a FAO estava participando de mais de 615 projetos de assistência à pesquisa de âmbito nacional em diversos campos. Estes incluíam desde o desenvolvimento de cultivos até a irrigação, passando pelo combate a doenças relacionadas ao gado. Na Europa havia quatro centros de pesquisa que colaboravam e compartilhavam seus resultados com a FAO.

Para integrar estes centros de pesquisa e aproveitar suas instalações, em 1971 foi criado o **Grupo Consultivo para a Pesquisa Agrícola Internacional (CGIAR)**. O CGIAR, patrocinado pela FAO, o PNUD e o Banco Mundial, estabeleceu uma associação informal de 44 governos e organizações doadoras para possibilitar programas de pesquisas estáveis a longo prazo, que estariam fora do alcance das capacidades dos países se trabalhassem de maneira individual. O Banco Mundial se encarregava da secretaria do CGIAR, enquanto a FAO se ocupava da secretaria do Comitê Assessor Técnico do Grupo.

A IMPORTÂNCIA DO GADO E DOS BOSQUES

Na década de 1960, os dirigentes políticos se concentraram principalmente na produção de cultivos às custas do desenvolvimento do gado. Dez anos mais tarde, os investimentos estavam aumentando e a demanda de produtos pecuários era dramaticamente incrementada. A ingestão média de proteínas de origem animal, incluindo o pescado, aumentou em 10% nos países em desenvolvimento. A FAO concentrava sua atenção na contenção e prevenção de doenças e em tecnologias para aumentar a produção.

Isto era feito mediante a melhora da criação e alimentação do gado.

Em 1978, o oitavo Congresso Florestal Mundial, celebrado em Jacarta (Indonésia), com o tema “Os bosques para as pessoas”, repercutiu enormemente nas opiniões sobre o desenvolvimento florestal e o trabalho da FAO neste setor.

UNIDOS NA LUTA CONTRA A FOME

Em 1976, a FAO estabeleceu seu Programa de cooperação técnica com o fim de permitir uma maior flexibilidade diante de situações emergenciais. Posteriormente, em 1977, a FAO levou a cabo sua quarta pesquisa alimentar sobre a situação da fome e a desnutrição no mundo. O panorama geral era sombrio: entre 10 e 15% dos habitantes do mundo estavam subalimentados e

50% sofriam fome ou desnutrição, ou ambas as coisas. No entanto, apesar das duras condições causadas pelo aumento da pobreza, a fome e a desnutrição, os países em desenvolvimento respondiam com grande resistência e começavam a considerar a ideia da autossuficiência coletiva.

Ao mesmo tempo, as Nações Unidas começaram a se dar conta de que seu enfoque baseado na busca de soluções comuns a problemas relacionados com a alimentação nos países em desenvolvimento poderia dar resultados positivos, já que compartilhavam condições socioeconômicas similares. Foi constatado que a promoção efetiva da cooperação técnica entre eles poderia ser crucial para alcançar objetivos comuns.

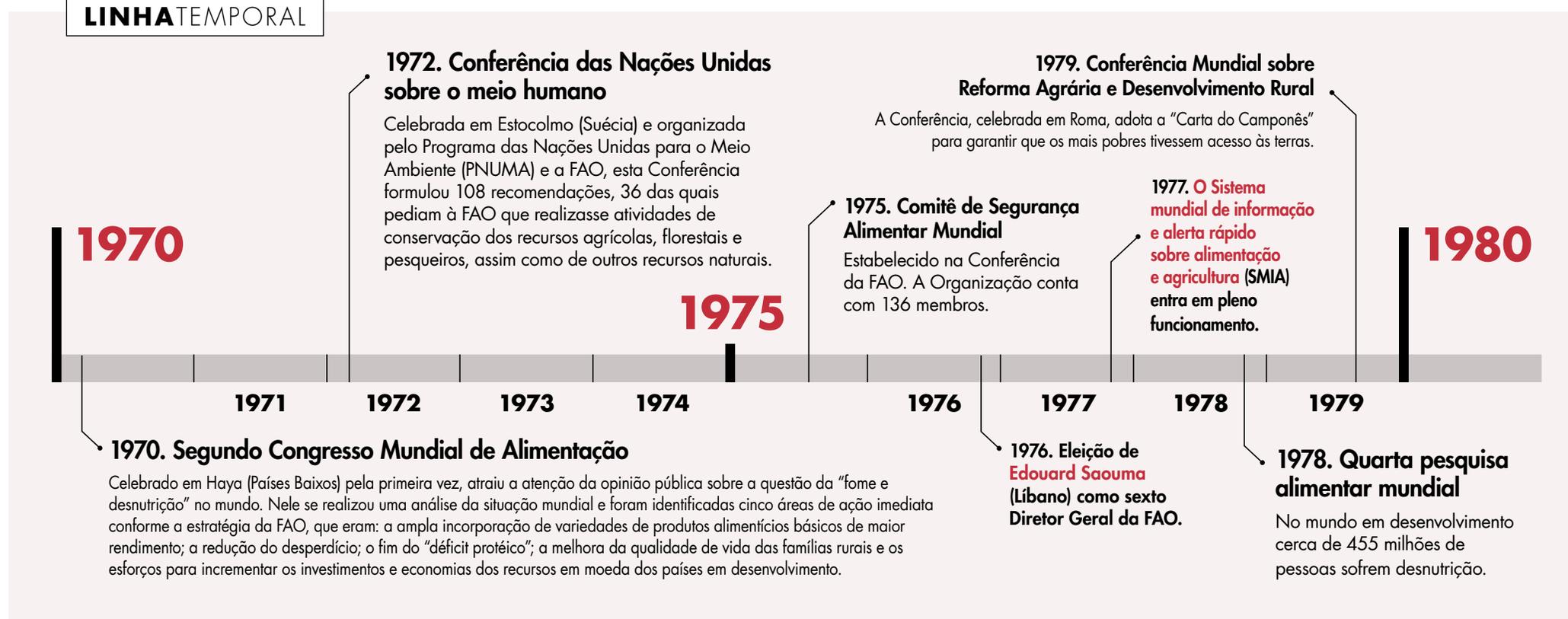
Com o fim de promover e executar a Cooperação técnica entre países em desenvolvi-

mento, 138 Estados adotaram em 1978 o **Plano de Ação de Buenos Aires**. Foi um modelo para as grandes mudanças nos enfoques à ajuda ao desenvolvimento e orientou o posterior trabalho da FAO neste âmbito. Ainda que os países do Sul comessem a compartilhar seus conhecimentos técnicos e mostrassem melhoras em suas comunidades, as Nações Unidas eram conscientes de que esses países, em conjunto, estavam longe de gozar de uma segurança alimentar. A FAO necessitava seguir supervisionando a situação e proporcionando informação confiável sobre os países que enfrentavam emergências alimentares graves para que os governos e a comunidade internacional pudessem adotar medidas adequadas. Um instrumento estabelecido neste período que cabe

destacar é o Sistema mundial de informação e alerta sobre a alimentação e agricultura (SMIA) da FAO, criado em 1977.

O revés sofrido pela agricultura devido à crise econômica da década de 1970 fez com que a FAO, os governos e os organismos doadores tivessem que trabalhar ainda mais estreitamente em diferentes setores para erradicar a fome e estimular o apoio público. A ideia de uma ação conjunta entre os governos, organizações, grupos e indivíduos para lutar contra a injustiça que negava a centenas de milhões de pessoas o direito à alimentação estava recebendo cada vez mais apoio dentro do sistema das Nações Unidas, um apoio que culminou, em 1981, com o Dia Mundial da Alimentação. ●

LINHA TEMPORAL





TUNÍSIA, 1970

[PÁGINA OPOSTA]
Demonstração em uma parte do centro da Tunísia de como mudar o cultivo de molhado para seco. Com a FAO como organismo de execução, o projeto quinquenal incluía a produção de cultivos de forragem, animais e árvores frutíferas, o desenvolvimento da irrigação, a mecanização da agricultura, assim como outros estudos de economia agrícola relacionados.

[ACIMA À DIREITA]
Trabalhadores construindo uma nova barragem para o cultivo do cactus.

[ABAIXO À DIREITA]
Agente de extensão agrícola mostrando um filme instrutivo aos agricultores.

©FAO/F. BOTTS







BURKINA FASO, 1973

Após anos de uma grave seca, o Secretário Geral das Nações Unidas designou a FAO para coordenar operações de socorro emergencial em Burkina Faso. Os organismos das Nações Unidas proporcionaram ajuda alimentar de 9 milhões de dólares.

[ACIMA] Avião das Forças Armadas francesas lançando 60 kg de sacos de ração para uma operação de emergência com o objetivo de alimentar 30.000 animais.

[ACIMA À ESQUERDA] Cadáver de uma vaca morta no deserto.

[ABAIXO À ESQUERDA] Colocando sacos de sementes de algodão na caravana para alimentar os animais famintos.

[PÁGINA OPOSTA] Asnos levando sacos de trigo para distribuir ao norte do país.

©FAO/F. BOTTIS







BRASIL, 1970

Técnico preparando e provando mostras de café numa cooperativa em São Paulo. Com o objetivo de reduzir as importações alimentares, incrementar os níveis de nutrição e diversificar a produção, o Governo do Brasil colocou em marcha um projeto, com a assistência da FAO e o Programa Mundial de Alimentos (PMA), para proporcionar orientação em matéria de gestão agrícola aos agricultores da região.

©FAO



LÍBIA, 1973

Agricultores sorrindo enquanto mostram alguns dos frangos que criaram. Apesar de sua grande indústria petrolífera, a economia do país, todavia, se baseava na agricultura. A FAO participou de vários projetos governamentais de criação de gado, assentamento agrícola e desenvolvimento florestal e dos solos.

©FAO

[DIREITA]
ZÂMBIA, 1970

Dr. Armstrong, do Departamento de Pesca da FAO, trabalhando com um aprendiz num laboratório do Instituto de Pesquisa Pesqueira Central. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) destacou mais de um milhão de dólares para continuar com o trabalho do Instituto, centrado nos métodos pesqueiros, a formação profissional e a pesquisa em espécies de peixes comerciais.

©FAO/J. HAILE

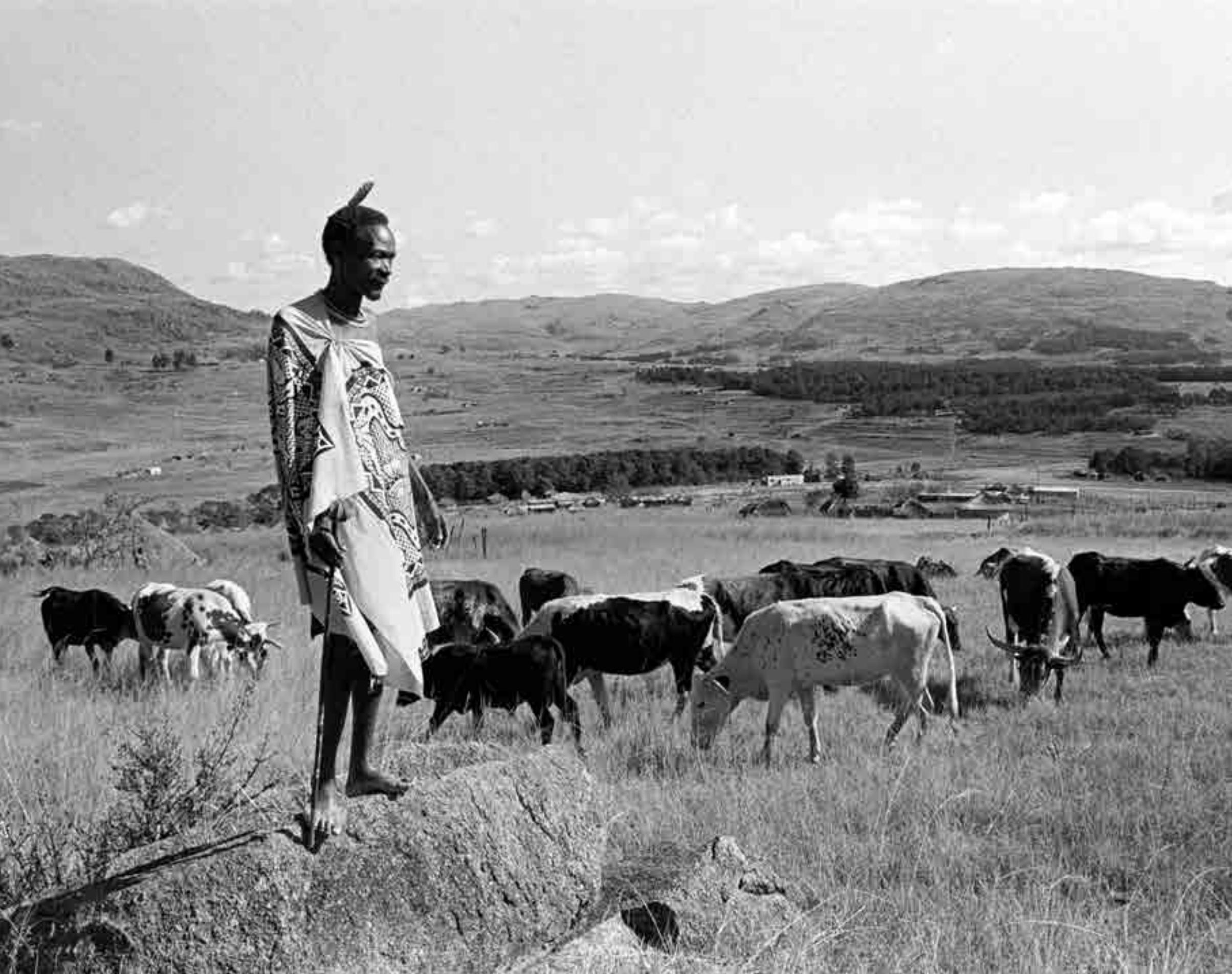
[PÁGINA OPOSTA]
TUNÍSIA, 1970

Sr. M. Sarson, especialista em ovinos e lã, curando uma ovelha afetada por parasitas intestinais num centro de demonstração. Em 1967, a FAO colocou em marcha um projeto quinquenal para ajudar o Governo em três âmbitos principais: produção de cultivos, produção pecuária e fruticultura; irrigação e agricultura mecanizada.

©FAO/F. BOTTS









[PÁGINA OPOSTA] **SUAZILÂNDIA, 1971**

Chefe do povoado vigiando a terra e o gado. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a FAO enviaram um especialista em estatística agropecuária para formar pessoal local em pesquisa agrícola, particularmente em matéria de pastoreio extensivo.

©FAO/T. FINCHER

[ACIMA] **SUAZILÂNDIA, 1972**

Filhote de pato criado na sessão de aves de curral do Centro de Nutrição e Horticultura de Obando. As melhoras da dieta para lactantes e crianças ajudam a combater o problema da desnutrição. As famílias são orientadas a cultivar hortaliças autóctones nos hortos caseiros e fazer uso dos alimentos locais, através de lições sobre economia do território e métodos de cozimento melhorados. Como parte da Campanha Mundial contra a Fome, os especialistas da FAO em horticultura e economia de território trabalharam com seus homólogos locais e agentes de extensão rural na luta contra a desnutrição.

©FAO/F. BANOUN-CARACCILO





[PÁGINA OPOSTA]
BURKINA FASO, 1973

Os nômades de Mali migraram ao norte de Burkina Faso com seus rebanhos em busca de pastos, mas encontraram terrenos baldios que já haviam sido despojados por nômades de Burkina Faso. Durante cinco anos, as baixas precipitações e a seca tiveram consequências trágicas em Burkina Faso e outros países do Sahel. O Secretário Geral das Nações Unidas designou a FAO como ponto de contato para as operações emergenciais de socorro. Uma parte importante da assistência incluía ajuda alimentar emergencial; o Programa Mundial de Alimentos (PMA) distribuiu mais de 57.000 toneladas entre seis países durante os primeiros oito meses de 1973.

©FAO/F. BOTTS

[ESQUERDA] **CHINA, 1978**

Gansos em uma granja próxima a Pequim produzindo 10.000 aves por mês para o mercado local.

©FAO/F. BOTTS



[ESQUERDA]
**BURKINA FASO,
1970**

Regando uma árvore de papaya no Centro de Educação Rural para meninas de Koudiere. O projeto conjunto de Bônus de Ajuda da UNESCO e a Campanha Mundial contra a Fome forneceu sementes, pesticidas, pulverizadores e fumigadores em 50 centros para meninas e 150 para meninos. Os estudantes também receberam formação prática em horticultura básica.

©FAO/F. BANOUN-CARACCILO

[PÁGINA OPOSTA]
SUAZILÂNDIA, 1977

Agricultora transportando lenha. O Governo deu assessoramento sobre planejamento familiar, e vários organismos das Nações Unidas contribuíram para melhorar a saúde em todo o país.

©FAO/F. BOTTS





[ACIMA] **REPÚBLICA ÁRABE-SÍRIA, 1979**

Colhendo vagens numa estufa. Em 1977, o Governo, com a ajuda da FAO e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), começou a construção de estufas de plástico.

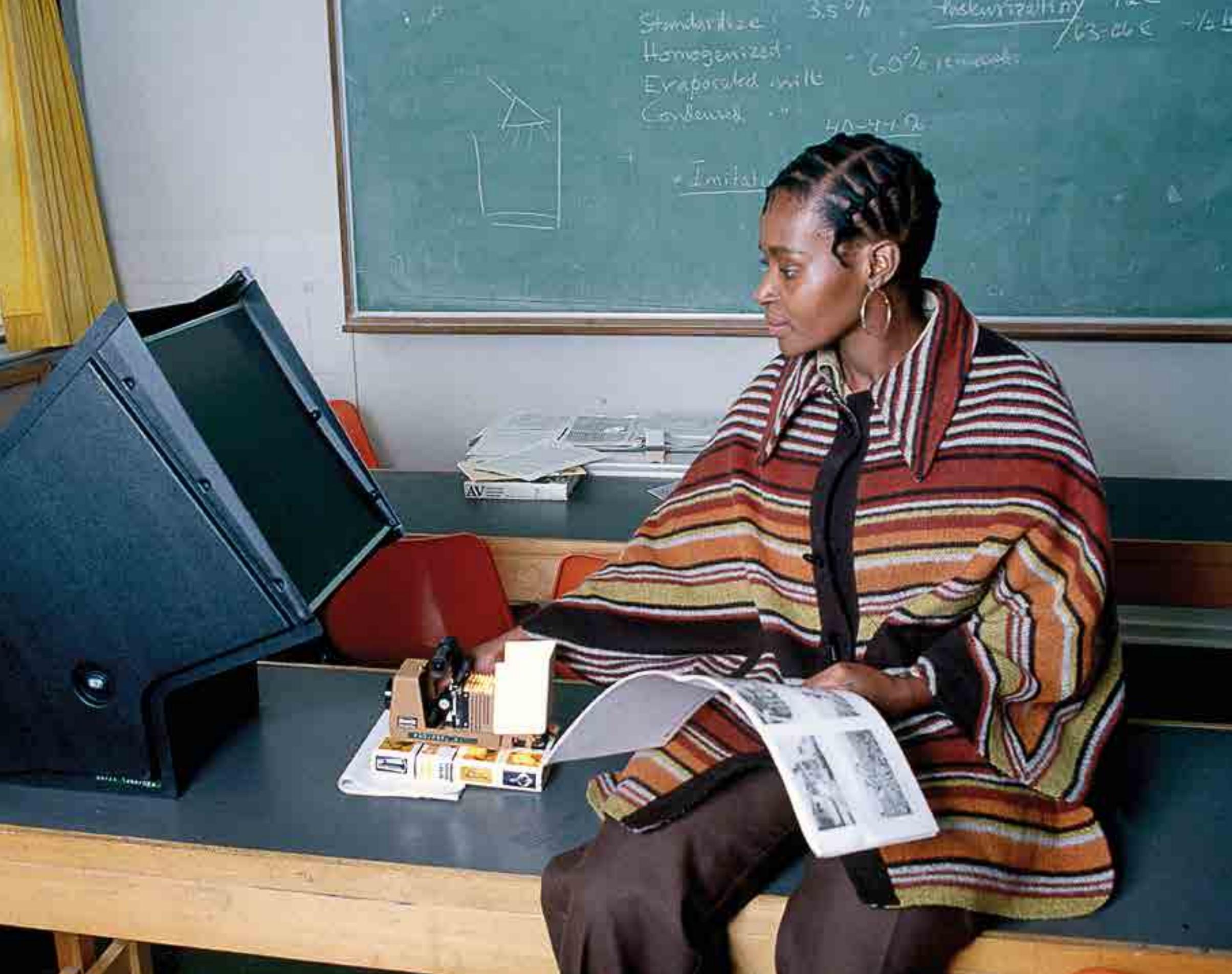
©FAO/F. BOTTS

[PÁGINA OPOSTA] **SUAZILÂNDIA, 1977**

Estudantes projetando um filme como preparação para os trabalho de campo. A FAO e a Agência Sueca de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento estabeleceram um projeto para capacitar estudantes da Universidade de Suazilândia em técnicas modernas de avicultura, carpintaria, manufatura têxtil e economia local.

©FAO/F. BOTTS





Standardize 3.5%

Homogenized

Evaporated milk

Condensed

40-41%

Imitation

Wiskirzalliny

63-06

-1/2



[PÁGINA OPOSTA]
CONGO, 1971

Pescadores recolhendo redes usadas para capturar sardinhas. Respondendo às necessidades do Governo de aumentar o número de especialistas e o consumo de pescado, a FAO realizou pesquisas, proporcionou capacitação e introduziu a pesca experimental.

©FAO

[DIREITA]
**COSTA DO
MARFIM, 1970**

Caixas de sardinha num píer pesqueiro do porto de Abiyán. Com o fim de promover os recursos de peixes pelágicos – peixes que vivem em mar aberto – o Governo solicitou assistência do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e da FAO. Foram realizadas enquetes e trabalhos de pesquisa e se fomentou a pesca experimental, assim como a capacitação.

©FAO/J.M. RENAUD





[ACIMA] **LESOTO, 1979**

Mudas de pinheiro para transplante, como parte do programa de reforestação em Lesoto.

©FAO/J. VAN ACKER



CHINA, 1978

Um trabalhador do Centro Guangzhou observando o crescimento dos alevinos antes de colocá-los nos tanques de maturação. Na China, a carpa (peixe rico em proteínas) sempre foi altamente apreciada. A FAO enviou técnicos a Guangzhou para transmitir novos métodos e ampliar a criação de peixes.

©FAO/F. BOTTS



[ACIMA] **FILIPINAS, 1977**

Pescadores tecendo redes de náilon num centro de capacitação. Depois de um terremoto devastador de Mindanao em agosto de 1976, a FAO ajudou os pequenos pescadores e agricultores que perderam seus equipamentos e gado.

©FAO/F. MATTIOLI

[PÁGINA OPOSTA] **MALÁSIA, 1970**

Equipe do Instituto de Pesquisa Florestal observando o crescimento dos pinheiros antilhanos, numa plantação piloto de espécies arbóreas industriais de crescimento rápido. A FAO, respaldada pelo Governo, realizou plantações experimentais em várias localidades que serviram como guia para um posterior desenvolvimento de grandes plantações.

©ONU/WOLFF





[DIREITA] **ALGÉRIA, 1974**

Trabalhadores plantando mudas numa região árida. A FAO e o Programa Mundial de Alimentos (PMA) prestaram assistência ao Governo num plano de sete anos de duração destinado a impulsionar o reflorestamento e o desenvolvimento rural. Os trabalhadores se comprometeram a conservar os solos através da bonificação de terras e a plantação de cultivos em terras que anteriormente eram improdutivas.

©FAO/F. MATTIOLI



[ABAIXO À DIREITA]
VIETNÃ, 1978

Caixas de mudas para plantação como parte do projeto de reflorestamento. O programa do Governo para a reconstrução depois da guerra incluía a restauração das províncias devastadas.

©FAO/F. MATTIOLI



[PÁGINA OPOSTA]
TÚNIS, 1970

Trabalhador segurando mudas de pinheiro numa plantação experimental no norte do país.

©FAO/F. BOTTIS





[ACIMA] **BURKINA FASO, 1970**

A FAO e o Programa Mundial de Alimentos (PMA) estabeleceram vários projetos de bonificação de terras para fomentar o cultivo de arroz. Proporcionaram aos agricultores e suas famílias uma ração de milho semanal, leite condensado, pescado em lata, azeite, manteiga e açúcar durante um período de cinco anos até que pudessem produzir seus próprios alimentos. Aqui, agricultores trabalhando em ambos os lados de um canal de irrigação de 11 km de longitude.

©FAO/F. BANOUN-CARACCILO

[PÁGINA OPOSTA] **CHINA, 1978**

Fumigando um arrozal com pesticida em pó.

©FAO/F. BOTTS







[ACIMA] **GUATEMALA, 1972**

Um armazém no Instituto Técnico onde se armazenavam as rações do Programa Mundial de Alimentos (PMA), entre elas o queijo, a farinha de trigo, o trigo bulgur e o leite desnatado em pó. Eram usados na preparação de comidas para estudantes de cursos de capacitação agrícola.

©FAO/P. JOHNSON

[PÁGINA OPOSTA] **UGANDA, 1970**

O Governo estabeleceu dois centros de mecanização agrícola para cursos sobre condução de tratores e aplicações relacionadas. A FAO proporcionou um especialista em maquinário agrícola durante o período de três anos.

©FAO/Y. NAGATA





[ACIMA] **LIBÉRIA, 1970**

Laboratório de idiomas do Sistema Escolar Consolidado de Monrovia. Na década de 1960, após uma diminuição na taxa de assistência e matrículas escolares, a FAO e o Programa Mundial de Alimentos (PMA) ofereciam alimentação escolar para evitar a ausência das crianças nas escolas.

©FAO/H. NULL

[PÁGINA OPOSTA] **PAÍSES BAIXOS, 1972**

Aprendizes preparando um programa de televisão sobre o mundo rural. A Rádio Nederland gerenciava um centro de capacitação sobre rádio e televisão em Hilversum (Países Baixos), onde se organizavam cursos de quatro meses para estudantes de países em desenvolvimento. Cada curso tinha duas semanas de programas rurais, e a FAO abria para que especialistas em televisão e rádio rural participassem como instrutores.

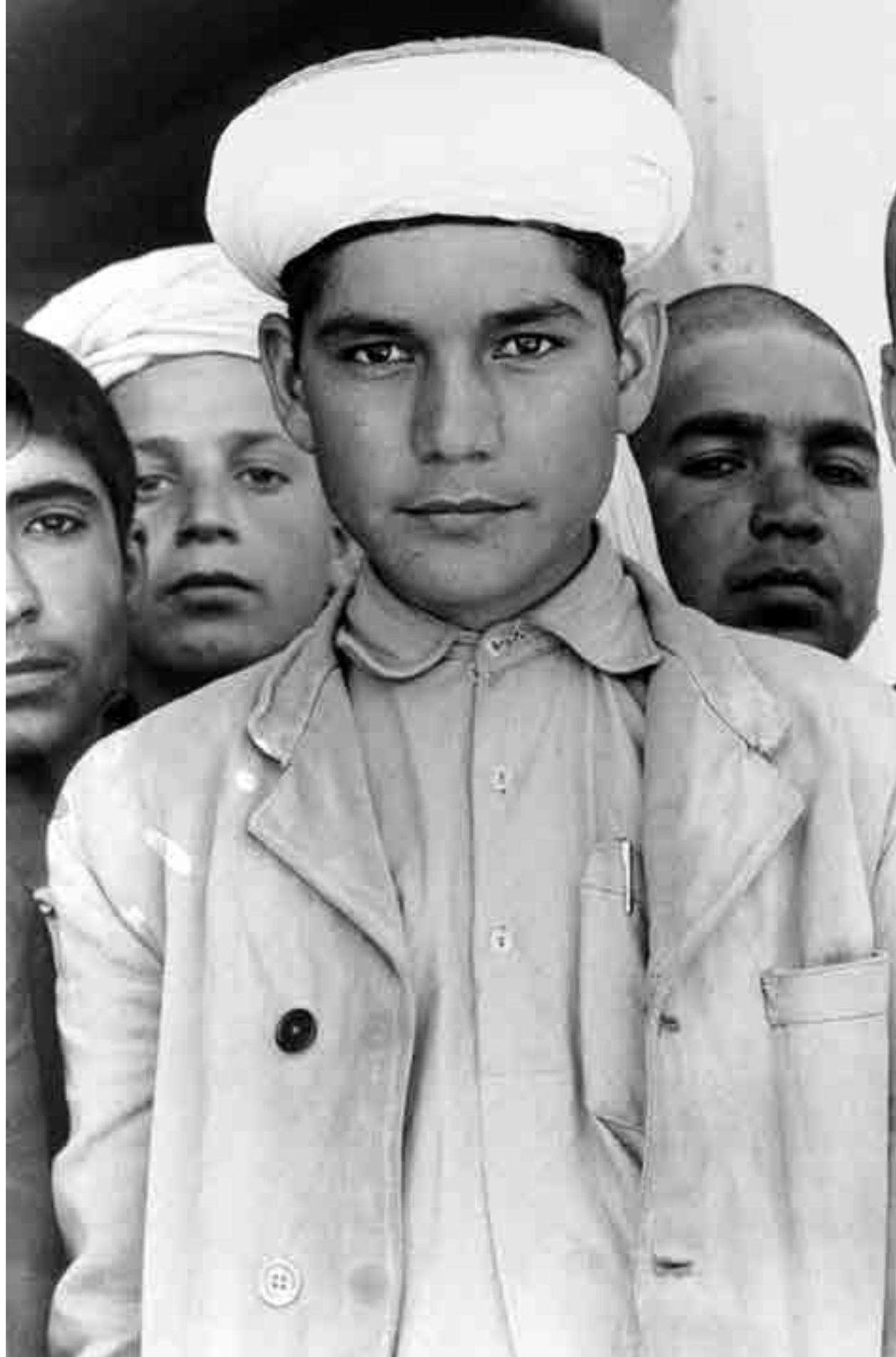
©FAO/A. DEFEVER



[DIREITA]
AFEGANISTÃO, 1970

Para fomentar o acesso ao ensino superior nas regiões sem educação, o Governo, a FAO e o Programa Mundial de Alimentos (PMA) ajudaram a manter cerca de 8.500 alunos internos em escolas secundárias de Kabul.

©FAO/P. JOHNSON



[PÁGINA OPOSTA]
COLÔMBIA, 1972

O objetivo deste projeto conjunto entre a FAO e o Programa Mundial de Alimentos (PMA) era combater, com comidas nutritivas, as doenças e a mortalidade de crianças em idade escolar e pré-escolar, e mulheres grávidas e lactantes. Entre os produtos básicos fornecidos se encontravam o milho e a farinha de trigo, a carne e o pescado em lata, os legumes, o azeite, o leite desnatado em pó, o queijo e os biscoitos de leite, beneficiando assim uma população vulnerável de mais de cinco milhões de pessoas.

©FAO/A. FISHER





[PÁGINA OPOSTA]
AFEGANISTÃO, 1972

Reconstrução de uma roda hidráulica tradicional utilizada para a extração de água. A FAO ajudou o Governo a reduzir uma situação de emergência provocada por uma seca prolongada. Entre os projetos de desenvolvimento gerais se encontravam a proteção dos leitos dos rios, a melhora dos canais de irrigação, o desenvolvimento florestal, a construção de poços e as melhoras nas estradas.

©FAO/F. BANOUN-CARACCILO

[ESQUERDA]
BANGLADESH, 1976

Em Bangladesh, o Programa Mundial de Alimentos (PMA) respaldou os projetos de alimentos por trabalho, nos quais chegou a empregar até dois milhões de trabalhadores. O objetivo era reativar algumas das grandes vias fluviais do país com o fim de conservar água para a irrigação e contribuir para drenar o excesso na estação das chuvas. Calculava-se que como resultado deste trabalho, os agricultores de Bangladesh produziriam uma quantidade adicional de 800.000 toneladas de arroz.

©FAO /T. PAGE





OS
ANOS

80

1980-1989

NOVOS CAMINHOS, VELHAS AMEAÇAS

NOVAS TÉCNICAS E MAIS ESTATÍSTICAS

A FAO, desde sempre, incentivou ativamente a promoção de boas práticas agrícolas, entre as quais se incluíam as técnicas de irrigação para apoiar e proporcionar socorro às comunidades afetadas por crises ou desastres repentinos. Os desastres relacionados com o clima que ocorriam com frequência nas regiões do sul da África e do Oceano Índico sempre provocavam um efeito negativo sobre as frágeis economias e os meios de vida das comunidades locais, minando sua capacidade de recuperação e aumentando ainda mais sua vulnerabilidade a desastres posteriores.

Por esta razão, a FAO decidiu dar uma maior atenção ao desenvolvimento dos sistemas de irrigação em pequena escala. Esses sistemas ofereceram uma forma interessante para restabelecer a produção e a renda e aumentar significativamente a capacidade de resistência das comunidades locais para superar futuras situações de emergência.

Os grandes sistemas de irrigação requeriam grandes investimentos e um longo período de gestação. Também exigiam muito em termos de gestão, capacitação dos agricultores e manutenção. Ainda que os projetos de irrigação em pequena escala tivessem um impacto muito limitado, podiam ser concluídos muito mais rápido e produziam resultados imediatos, como o aumento da produção de alimentos, o aumento da capacidade de resistir a futuras ameaças e a criação de emprego estável. Em 1980 a FAO concluiu 56 acordos para a nomeação de

seus representantes nos países em desenvolvimento. Em 1986, a Organização colocou em marcha a fonte de estatísticas agrícolas mais importante do mundo. Em princípio denominada AGROSTAT, agora recebe o nome de FAOSTAT.

APROVEITANDO OS RECURSOS MARINHOS PARA MITIGAR A FOME

Quando a FAO foi criada, considerava-se que os mares estavam disponíveis para todos mas não eram responsabilidade de ninguém em particular, segundo o princípio da liberdade em alto mar. Nos anos seguintes, a FAO sinalizou que o aproveitamento deste recurso subutilizado poderia ajudar a mitigar a fome de muitas comunidades agrícolas das regiões em desenvolvimento.

Graças aos avanços tecnológicos, de 1940 até 1970 a produção pesqueira mundial se multiplicou por quatro. Mas o êxito tinha seus perigos. A expansão descontrolada, levada a cabo principalmente pelos países industrializados, deu lugar à sobre-exploração de muitas populações de peixes. Em meados da década de 1970, a produção total de pescado no mundo começou a estabilizar-se.

Ainda que alguns países desenvolvidos tenham se beneficiado da liberdade dos mares, muitos países em desenvolvimento não o fizeram. Além disso, tinham que suportar as frotas estrangeiras trabalhando em seus litorais. Esta questão foi colocada nos foros internacionais e, após muitas discussões, foi acordado que a jurisdição estendida de um Estado ribeirinho so-

bre seus recursos pesqueiros abarcaria desde sua costa até 200 milhas náuticas (370 km) mar adentro. Isto foi consagrado na Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar de 1982, que ofereceu a oportunidade de gerir adequadamente este valioso recurso. A Conferência Mundial da FAO sobre Ordenação e Desenvolvimento Pesqueiros, celebrada em Roma em 1984, proporcionou o primeiro grande seguimento ao novo regime dos oceanos do mundo com uma estratégia denominada Carta Mundial da Pesca. Enquanto os países em desenvolvimento se esforçavam para aumentar sua participação no comércio mundial de produtos pesqueiros, a FAO começava a estabelecer serviços de informação sobre os mercados regionais.



ITÁLIA, 1985

Uma cerimônia especial comemora o 40º aniversário da FAO na sede de Roma. ©FAO

A SUBALIMENTAÇÃO E O DESASTRE NUCLEAR

Na década de 1980 aumentou a conscientização sobre a necessidade urgente de livrar o mundo da fome de uma vez por todas. O mundo também começou a conhecer o importante papel das mulheres na agricultura. No entanto, este também foi o decênio em que o primeiro desastre nuclear afetaria a agricultura em dois continentes.

Em 1985, a FAO publicou a quinta pesquisa alimentar mundial. Uma vez mais, proporcionou um panorama completo da situação dos alimentos e a nutrição no mundo. A pesquisa indicou uma diminuição na proporção de pessoas subalimentadas nos países em desenvolvimento. Ainda assim, o número de pessoas que padeciam de

fome era suficientemente grande para uma chamada à ação. Como se o problema da subalimentação no mundo não fosse suficiente, os governos tiveram que fazer frente a um desastre de grande magnitude provocado pela atividade humana.

Em 1986, na catástrofe nuclear conhecida como "o desastre de Chernobyl", foram liberados materiais radioativos no meio ambiente - com um efeito devastador sobre o comércio de produtos agrícolas e alimentares básicos. As consequências não só afetaram as proximidades da central nuclear de Chernobyl, onde ocorreu o acidente, e a Ucrânia, mas os elementos radioativos alcançaram a atmosfera e se estenderam sobre uma ampla área geográfica da Europa e da Ásia.

CRISE ALIMENTAR NO CHIFRE DA ÁFRICA

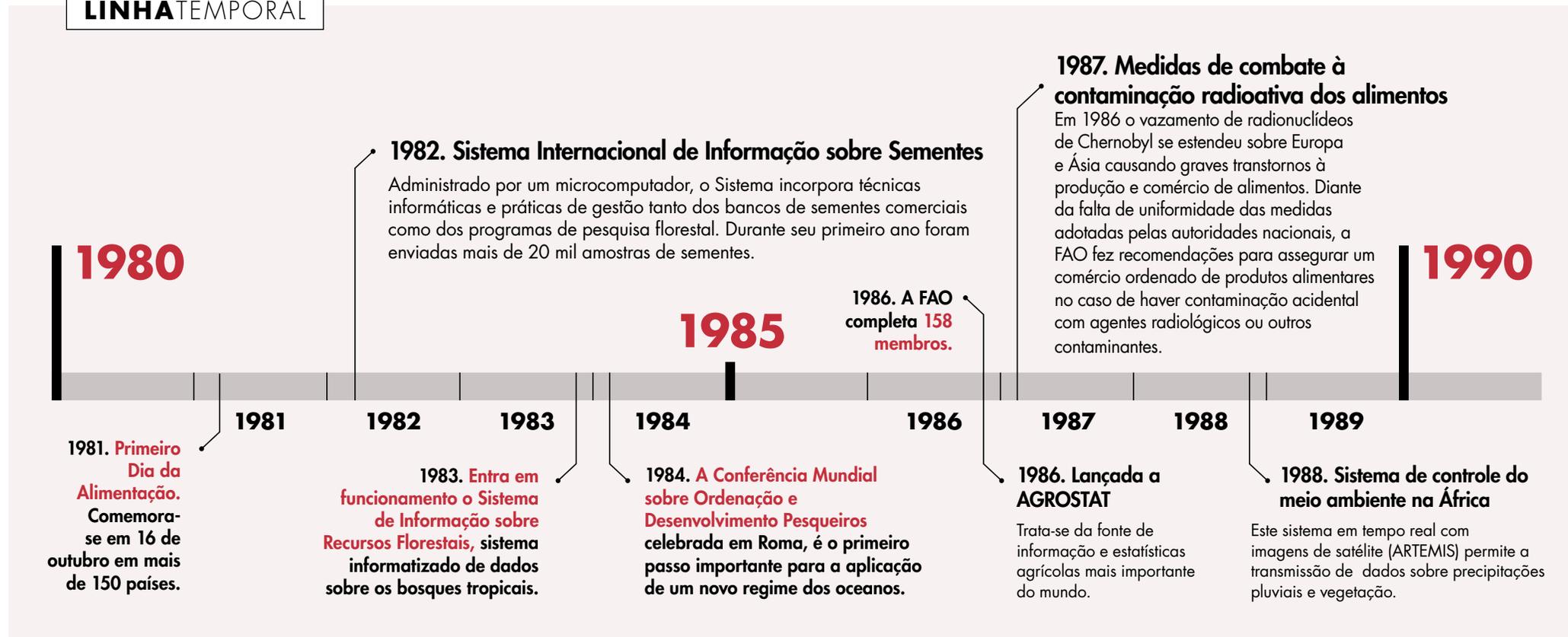
Entre 1984 e 1985, ao menos 30 países africanos experimentaram situações graves de fome que provocaram enorme perda de vidas humanas e de gado. No leste da África, 42% da população estava desnutrida e as cifras da Somália, Eritreia e Etiópia encontravam-se entre as mais elevadas do mundo.

A resposta da comunidade internacional refletiu uma notável onda de solidariedade entre a população dos países não afetados. Foram destinadas quase sete milhões de toneladas de ajuda em cereais para os países afetados pela carência. A crise vinha demonstrar ao mundo que a fome seguia presente. Os responsáveis políti-

cos se deram conta de que tinham que proteger e cultivar suas terras se quisessem que a fome fosse algo do passado. Trabalhou-se muito para melhorar o seguimento dos indicadores que davam lugar a situações de fome. Durante este período foi criado um instrumento importante: o **Sistema avançado de controle do meio ambiente em tempo real (ARTEMIS)**, que foi instalado na FAO em 1988.

No ano 2000, quando da petição do Secretário Geral das Nações Unidas, e com base em sua experiência prévia, a FAO desenvolveu uma estratégia para uma ação combinada entre os governos e os organismos das Nações Unidas com o fim de lutar contra a fome crônica no Chifre da África. ●

LINHA TEMPORAL





[ACIMA] **BENIN, 1984**

Pesca tradicional próximo a Cotonú. A FAO prestou assistência ao Governo em seus planos de desenvolvimento para beneficiar a economia rural tradicional.

©FAO/W. GARTUNG



[PÁGINA OPOSTA]
CHAD, 1980

Dissecação solar do pescado no Lago Chad.

©FAO/W. GARTUNG



[ACIMA À ESQUERDA]
NEPAL, 1981

Agricultor cuidando de um pinhal do projeto comunitário do povoado. Com o objetivo de mitigar os dramáticos problemas de erosão e desmatamento, o Governo, junto com a FAO e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), levou a cabo dois projetos: a gestão de bacias hidrográficas e o desenvolvimento florestal comunal. As atividades das Nações Unidas incluíam o fornecimento de mudas e o fomento das estruturas de controle da erosão.

©FAO/F. BOTTIS



[ABAIXO À DIREITA]
COLÔMBIA, 1982

Ceifador de café transportando seus grãos para uma instalação de elaboração.

©FAO/F. BOTTIS





COLÔMBIA, 1982

Fileiras de pés de café em vasos de plástico num criadouro. Durante o cultivo se fecunda a polpa do café desidratada. A Federação Nacional de Cafeeiros da Colômbia e o Centro Nacional de Pesquisas de Café fomentaram os usos agrícolas de resíduos derivados dos grãos de café.

©FAO/F. BOTTIS



ETIÓPIA, 1980

[ACIMA] Membros de uma associação de agricultores escavando diques para controlar a erosão e depois plantar árvores e arbustos que regeneram a terra desidratada.

[PÁGINA OPOSTA] Agricultor migratório cortando árvores para fazer lenha.

©FAO/F. BOTTS









[ESQUERDA] **NÍGER, 1983**

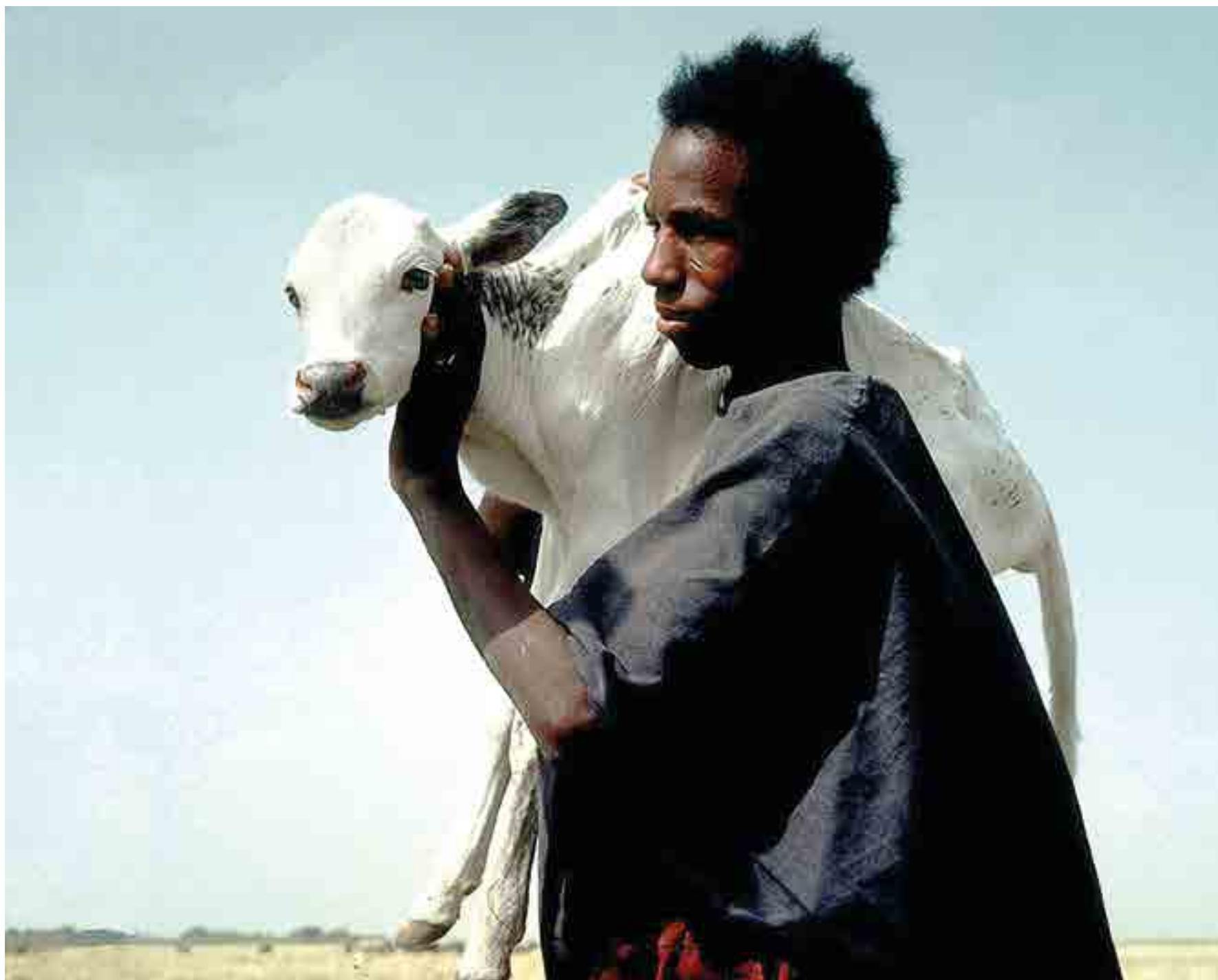
Agricultor transportando água para regar hortaliças num oásis ao norte do Níger.

©FAO/W. GARTUNG

[PÁGINA OPOSTA] **CHINA, 1981**

Agrupando paus de bambu para facilitar o deslocamento até o ponto de coleta. O país considerava que a plantação de árvores tinha a mesma importância que os cultivos extensivos, o que o levou a realizar vários projetos de reflorestamento. Os bosques de bambu e outras árvores foram plantados para controlar a erosão e conservar os solos.

©FAO/F. BOTTS



MALÍ, 1983

Membro do
Centro de Gado
Internacional para
a África antes de
pesar um cordeiro
recém-nascido.

©FAO/J. VAN ACKER



NÍGER, 1983

Aldeãos trabalhando num poço artesanal no oásis de Iferouane. A Organização das Nações Unidas ajudou o país a enfrentar os problemas da seca.

©FAO/W. GARTUNG





[PÁGINA OPOSTA]
SENEGAL, 1988

Agente de extensão agrícola secando bandejas de pasta de papaya e banana num forno solar. Com o objetivo de reduzir as perdas de frutas e verduras no país, a FAO introduziu práticas de gestão de hortos e técnicas de conservação melhoradas.

©FAO/R. FAIDUTTI

**REPÚBLICA
CENTROAFRICANA,
1987**

[ACIMA À DIREITA]
Como parte do Projeto de manejo de pastos, um trabalhador ensina aos pastores a manterem seu gado dentro de zonas definidas para uma melhor proteção de terra de pastoreio.

[ABAIXO À DIREITA]
Membros da equipe de um centro de pesquisa móvel colocando tampas para capturar insetos. Os trabalhadores da FAO fomentaram práticas melhoradas para a saúde animal e manejo de pastos.

©FAO/J. VAN ACKER





MARROCOS, 1980

[ACIMA À ESQUERDA]
Capitão de um barco. A FAO colocou em marcha um programa especial para o desenvolvimento da pesca em países da África ocidental, incluindo Gana, Marrocos e Senegal. A Organização proporcionou orientação técnica para avaliar as populações de peixes.

[ABAIXO À ESQUERDA]
Carpinteiro trabalhando numa pequena embarcação pesqueira com a ajuda de um jovem aprendiz em Essaouira, porto situado ao sul de Casablanca.

©FAO/F. MATTIOLI



[PÁGINA OPOSTA] SENEGAL, 1980

Pescadores navegam mar adentro numa canoa na praia de Kayar, povoado próximo a Dakar.

©FAO/F. MATTIOLI





[ACIMA À DIREITA]
PERU, 1985

Agricultor colhendo arroz na Província de Moyobamba, região de San Martín. O Governo peruano fomentou o assentamento e desenvolvimento rural na região através de diversos meios, como por exemplo os empréstimos concedidos pelo Banco Agrário aos pequenos agricultores.

©FAO/F. MATTIOLI



[ABAIXO À DIREITA]
NÍGER, 1985

Plantando uma árvore, que estará protegida pelo muro de pedra que servirá de corta-vento.

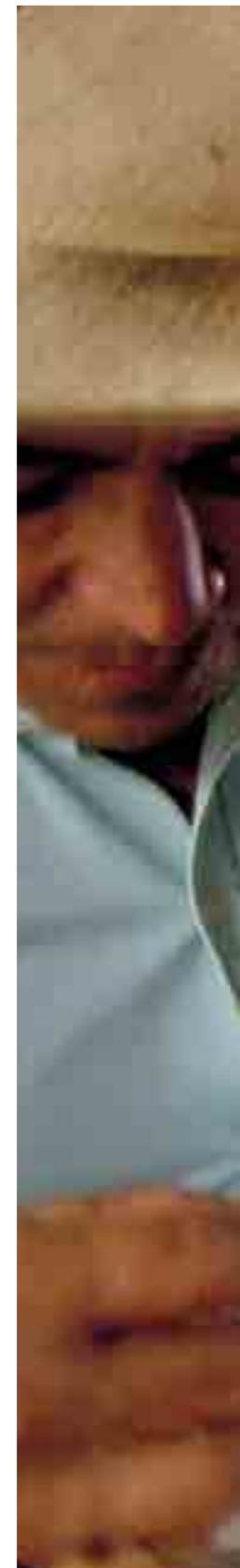
©FAO/F. MATTIOLI



[PÁGINA OPOSTA]
COLÔMBIA, 1980

Agricultores de Balboa, povoado situado a cerca de 140 km de Popayán e capital da província de Cauca, provando as rações de comida do Programa Mundial de Alimentos (PMA), numa demonstração culinária celebrada nas instalações escolares do povoado.

©FAO/F. MATTIOLI







[ACIMA] **BENIN, 1984**

Aprendendo a contar e a escrever numa cooperativa piscícola. Em 1980, o Governo estabeleceu 30 cooperativas de processamento de peixes para reduzir a dependência das importações e fomentar o consumo de produtos pesqueiros locais. A FAO prestou assistência ao país com o estabelecimento de técnicas de produção e distribuição melhoradas.

©FAO/T. FENYES

[PÁGINA OPOSTA] **NÍGER, 1983**

No Sahel, o Níger era um dos países mais gravemente afetados pela seca, que durou de 1968 até 1973. Os celeiros de milho construídos com barro são típicos da tribo Haussa, próxima a Tahoua.

©FAO/W. GARTUNG







[ACIMA] **CHINA, 1983**

Curvas de nível agrícola bem cuidadas. Como parte do Plano de Conservação Nacional, as Nações Unidas ajudaram os membros da comuna de Gong Yí a preparar as terras numa colina para a plantação de árvores visando o controle da erosão.

©FAO/M. CHERRY

[PÁGINA OPOSTA À ESQUERDA] **PERU, 1985**

Preparando pequenas bolsas de terra para semear mudas num criadouro da FAO em Cuzco. As Nações Unidas iniciaram um programa de reflorestamento com o fim de apoiar as atividades florestais do Governo nas comunidades andinas. A FAO também estabeleceu programas de culinária à lenha, planos escolares de educação florestal e cursos de capacitação para a construção de móveis.

©FAO/I. DE BORHEGYI

[PÁGINA OPOSTA À DIREITA]
TAILÂNDIA, 1987

Aldeão escalando uma palmeira. A FAO ajudou os agricultores a melhorarem sua auto-suficiência através de novas atividades geradoras de recursos, como a produção de açúcar e azeite de palma e a criação de patos.

©FAO/P. JOHNSON







[PÁGINA OPOSTA] **ÍNDIA, 1987**

Estudantes pesquisando como melhorar as taxas de crescimento dos peixes para uma reprodução mais rápida. O Instituto Central de Pesquisa de Pesca Marinha foi estabelecido com a ajuda da FAO para ministrar cursos de Biologia Marinha e Agricultura. Os laboratórios e centros de capacitação sobre a terra também introduziram novas tecnologias em criação de peixes marinhos e camarões.

©FAO/I. DE BORHEGYI

[ACIMA] **MARROCOS, 1980**

Captura de sardinhas e cavalas no porão de um navio pesqueiro. As cestas passam através de uma “cadeia humana” e se esvaziam em caixas amontoadas na baía de Essaouira, porto pesqueiro ao sul de Casablanca.

©FAO/F. MATTIOLI





[PÁGINA OPOSTA] **CHAD, 1981**

Educação básica sanitária ministrada num centro de saúde. Depois do conflito civil, o Programa Mundial de Alimentos (PMA) e o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados autorizaram as operações de emergência no país. A Organização das Nações Unidas enviou alimentos e ajudou nos trabalhos de recuperação depois da seca.

©FAO/A. GIROD



[ACIMA À ESQUERDA] **COLÔMBIA, 1980**

Crianças na escola observando como uma nutricionista prepara as refeições usando os alimentos do Programa Mundial de Alimentos (PMA). Em princípios de 1969, os organismos das Nações Unidas deram assistência ao Instituto Colombiano de Bem Estar Familiar na proteção e cuidado de crianças e adolescentes. Os mantimentos, entre eles farinha de trigo, leite em pó desnatado, queijo, legumes, azeite vegetal e biscoitos, beneficiavam anualmente 1,1 milhão de pessoas.

©FAO/F. MATTIOLI

[ACIMA À DIREITA] **COLÔMBIA, 1980**

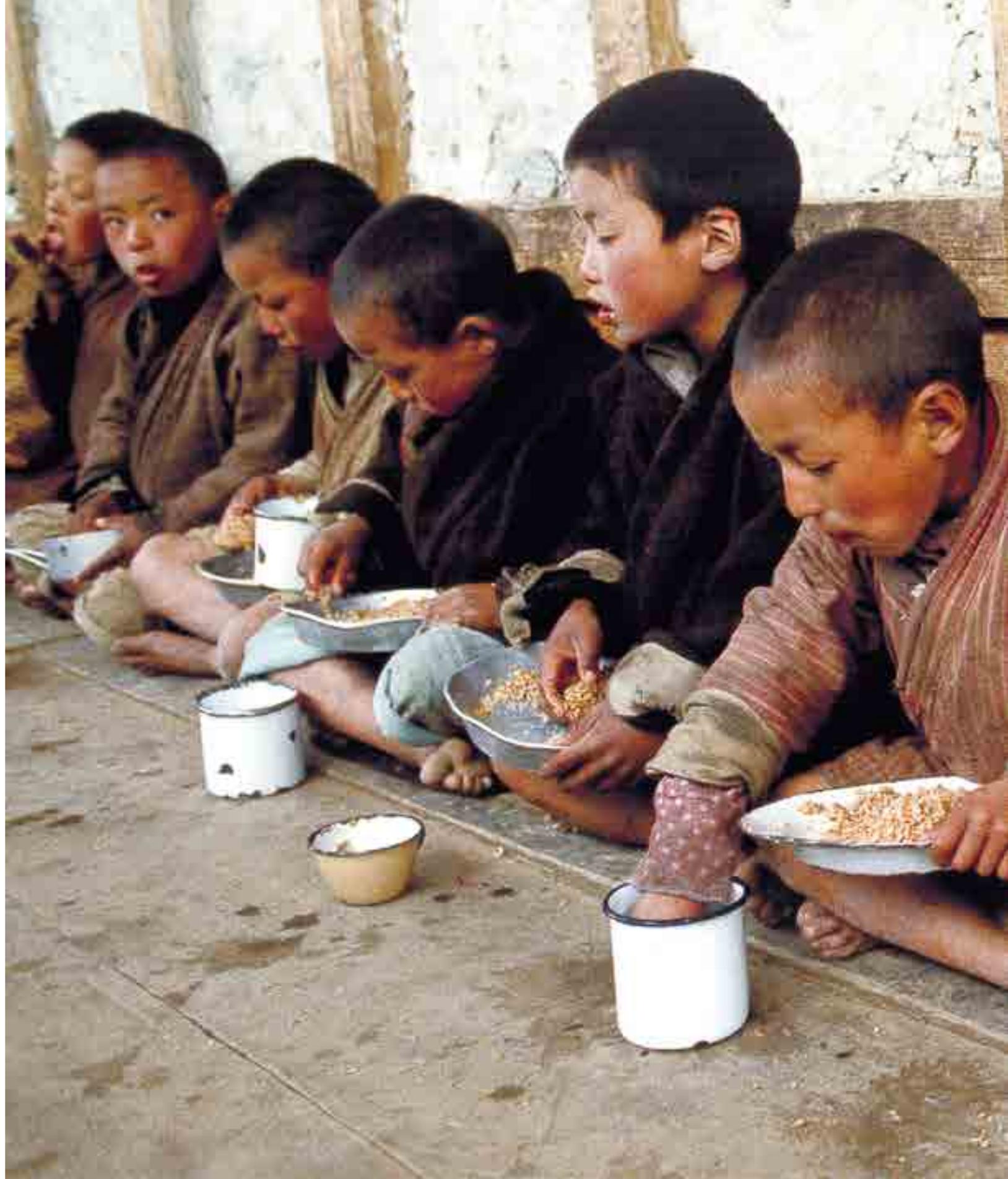
Pilar Rodriguez, do PMA, dirigindo-se aos produtores do povoado de Balboa. Através do programa governamental de Integração para o Desenvolvimento Rural, a ONU proporcionou ajuda alimentar para a melhoria das condições de vida da população rural. Os 40 mil beneficiários do programa pagaram 30% do valor dos alimentos que recebiam para financiar trabalhos públicos de infraestrutura na região.

©FAO/F. MATTIOLI

BUTÃO, 1982

Estudantes almoçando numa escola primária de Ura. O país recebeu assistência dos organismos das Nações Unidas para melhorar a nutrição das crianças. Em 1980, a FAO estabeleceu um projeto de alimentação escolar com o objetivo de aumentar a taxa de matrículas em escolas primárias e reduzir os níveis de abandono escolar nas zonas rurais.

©FAO/F. MATTIOLI





OS
ANOS

90

1990-1999
1961-1961

RENOVAÇÃO DA LUTA

A MULHER NA AGRICULTURA

Havia muitas razões para prestar atenção especial ao papel das mulheres no desenvolvimento agrícola, sobretudo porque tradicionalmente elas têm sido a principal força de trabalho tanto nos cultivos comerciais quanto na produção de alimentos.

Nas décadas de 1980 e 1990, entretanto, havia uma situação geral de desigualdade: a mulher ocupava “a metade desigual” de uma sociedade dominada pelo homem. Essa razão, por si só, bastava para justificar os esforços dirigidos a alcançar o avanço social da mulher nas zonas rurais. Não obstante, o preconceito de gênero nas instituições impedia as mulheres de acessar o crédito e se unir em cooperativas. Ainda pior, em alguns sistemas jurídicos tradicionais, não era permitido que elas herdassem terras. Para fazer frente a estas questões, a FAO levou a cabo importantes programas para avaliar o impacto de suas ações e introduziu medidas para garantir que as mulheres obtivessem benefícios reais. O PNUD repassou mais de 24 milhões de dólares à FAO, que serviram para financiar uma grande variedade de projetos especiais para as mulheres. O Programa Especial para a Segurança Alimentar (PESA), iniciado pela FAO em 1994, dirigido aos países de baixa renda e com déficit de alimentos (PBIDA), mudou e melhorou a vida de muitas agricultoras.

INICIATIVAS MAIS IMPORTANTES

Apesar de todos os esforços, e também devido aos desastres naturais e aqueles causados pelo homem, a situação alimentar no

início da década de 1990 não havia melhorado e o número de pessoas atingidas pela fome no mundo não havia diminuído. De fato, as cifras estavam aumentando num ritmo alarmante. De 1996 até 2005 foi colocada em marcha uma série de importantes iniciativas com um objetivo principal comum: reduzir à metade o número de pessoas famintas no mundo para o ano de 2015.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE NUTRIÇÃO

Em 1992, a FAO e a OMS convocaram a primeira **Conferência Internacional sobre Nutrição**, dedicada exclusivamente a abordar os problemas nutricionais em nível mundial. Na conferência os governos se comprometeram com a eliminação da inanição, a fome crônica generalizada, a desnutrição, especialmente entre as crianças, as mulheres e os idosos, antes do próximo milênio. Os governos também se comprometeram a abordar uma série de problemas relacionados aos alimentos que abarcavam desde a carência de micronutrientes até as doenças não transmissíveis, o saneamento inadequado e a água insalubre. Ninguém deveria esquecer a urgente necessidade de erradicar a fome e a desnutrição crônica. O interesse pela situação alimentar mundial se manifestou de novo em 1995 na Conferência da FAO, onde se apresentou o estudo “A agricultura mundial: rumo ao ano 2010” em sua versão revisada. Neste informe foi declarado que, apesar de a produção de alimentos e a segurança alimentar terem aumentado, existiam 800 milhões de pessoas subalimentadas no mundo.

CÚPULA MUNDIAL SOBRE A ALIMENTAÇÃO

Apesar do compromisso de erradicar a fome assumido pelos chefes de Estado na Conferência da FAO de 1974, a situação alimentar mostrava poucos sinais de melhora. Deste modo, para renovar o compromisso em alto nível mundial para erradicar a fome e a desnutrição e alcançar a segurança alimentar duradoura para todos, a FAO convocou uma **Cúpula Mundial sobre a Alimentação** em novembro de 1996. A Cúpula contou com a participação de chefes de Estado e de Governo e outros altos funcionários de 186 países. Esta era a primeira vez na história em que os líderes mundiais dirigiam sua atenção à “segurança alimentar” e à forma em que os cidadãos poderiam acessar os alimentos que necessitavam para viver uma vida saudável. Nesta Cúpula, foi adotada a Declaração de Roma sobre a Segurança Alimentar Mundial e o Plano de Ação da Cúpula Mundial sobre a Alimentação.

A Cúpula não estava destinada a ser uma conferência de promessas nem estava dirigida à criação de novos mecanismos financeiros, institucionais ou burocráticos. Os países tinham total autonomia sobre como iriam alcançar os objetivos traçados no Plano de Ação. O processo se reforçou em 2002, após uma série de negociações intergovernamentais no marco da Cúpula Mundial sobre a Alimentação: Cinco Anos Depois. O Conselho da FAO aprovou por unanimidade as Diretrizes voluntárias em apoio à realização progressiva do direito a uma alimentação adequada no contexto da segurança alimentar nacional, conhecidas como as Diretrizes sobre o direito à alimentação.

CAMPANHA TELEFOOD

Para manter o impulso criado pela Cúpula Mundial da Alimentação de 1996, a FAO trabalhou para aumentar a consciência pú-

blica sobre a fome no mundo e promoveu uma campanha de arrecadação de fundos chamada TeleFood. Durante seu primeiro ano, em 1997, o TeleFood alcançou uma audiência de 500 milhões de pessoas em todo o mundo. Até o ano de 2001, a campanha arrecadou mais de 28 milhões de dólares, que serviram para financiar mais de mil projetos em mais de 100 países. O TeleFood enviava as doações sem custos administrativos aos agricultores com o objetivo de ajudá-los a produzir mais e melhores alimentos para suas famílias. Isto se fez mediante macroprojetos de base que permitiam aos agricultores comprar ferramentas para cultivos, criar gado, pescar ou processar alimentos para vendê-los a um preço melhor. Ao longo dos anos, o dinheiro foi investido em sementes e fertilizantes, bombas de irrigação, silos e fornos para defumar o pescado. O evento de TeleFood que teve mais êxito foi a telemaratona espanhola “Gala FAO”, que arrecadou mais de 15 milhões de dólares.

O CÓDIGO DE CONDUTA PARA A PESCA RESPONSÁVEL

Em 1995, a FAO completou 50 anos de existência. Para celebrar, voltou ao seu lugar de nascimento, a cidade de Quebec, e organizou um simpósio internacional no mesmo salão de dança do Château Frontenac, onde havia nascido cinco décadas atrás. O tema do simpósio foi “O desenvolvimento a serviço das pessoas: a técnica a serviço da segurança alimentar”, e pretendia refletir os interesses intergovernamentais, governamentais, acadêmicos e do setor privado. Nestes cinquenta anos, o número de países membros da FAO havia aumentado de 44 em 1945 para 179 em 1995.

Após o simpósio internacional, foi celebrada uma reunião ministerial especial sobre segurança alimentar. Esta culminou no **Código de Conduta para a Pesca Res-**

ponsável, conhecido como O Código. Este código foi um marco para que no âmbito das iniciativas nacionais e internacionais fosse assegurado um uso sustentável dos recursos aquáticos vivos, em consonância com o meio ambiente. No entanto, para ser eficaz, um código deve obedecer a um sistema de controle. Em 1999, o Comitê de Pesca da FAO aprovou planos de ação sobre a capacidade pesqueira, os esqualos diversos e as aves marinhas. Neste mesmo ano, a FAO criou um Registro de acordos pesqueiros, uma base de dados informatizada de fácil uso para buscar acordos bilaterais e multilaterais em matéria de pesca. Proporcionava até 34 campos de descrição para cada registro e continha informação sobre 1.927 acordos existentes desde o ano de 1351.

A LUTA CONTÍNUA CONTRA AS PRAGAS

Em 1991 foi ratificada a Convenção Internacional de Proteção Fitossanitária com 92 signatários. Nesse mesmo ano, a Conferência da FAO sobre agricultura e meio ambiente foi convocada nos Países Baixos a fim de debater os requisitos para uma agricultura e desenvolvimento rural sustentáveis. A Conferência serviu como precursora da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Em 1994, a FAO colocou em marcha o Sistema de prevenção de emergência de pragas e enfermidades transfronteiriças dos animais e plantas (EMPRES), que fortalecia a prevenção, o controle e, na medida do possível, a erradicação de doenças e pragas.

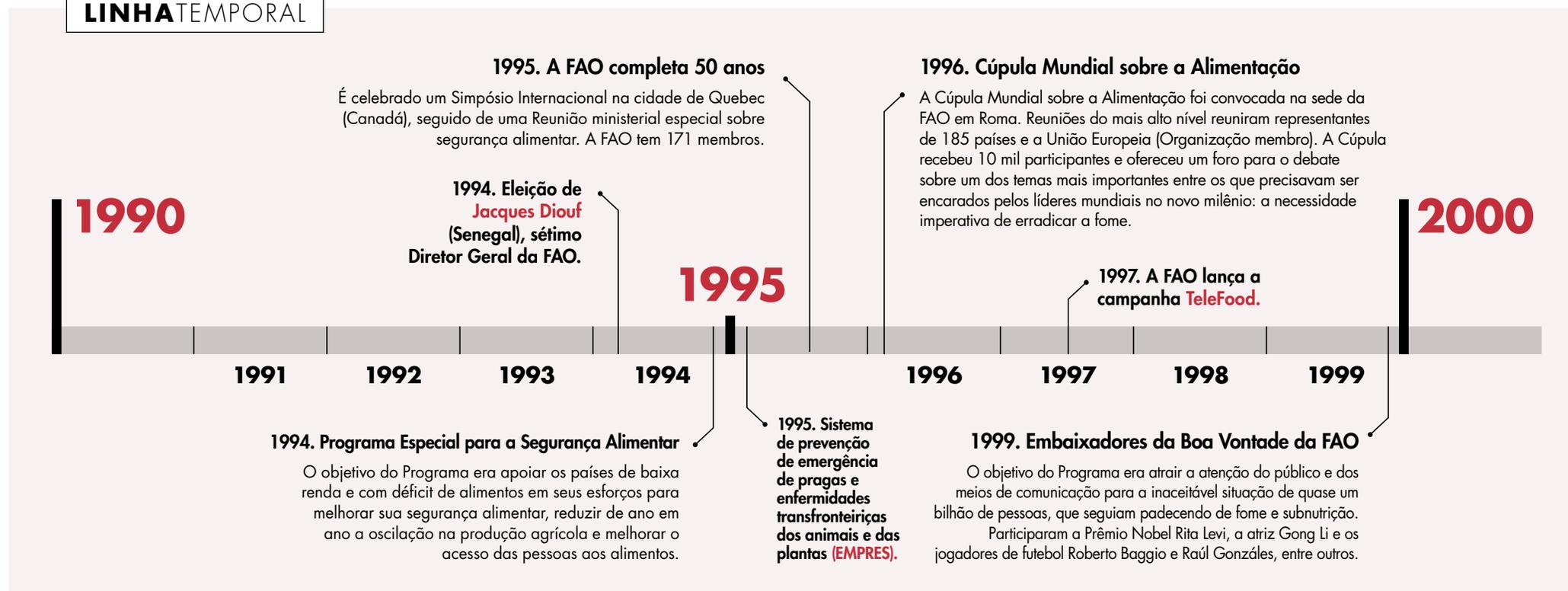
CONTROLE DO COMÉRCIO DE PESTICIDAS

Ao passo em que se combatiam as pragas, também era necessário um controle do uso de pesticidas. Os pesticidas e produtos químicos industriais que haviam sido proibidos ou rigorosamente restritos por razões sanitárias ou ambientais nos países desenvolvidos estavam entrando, através do comércio, nos países em desenvolvimento.

Com o objetivo de limitar as formulações dos pesticidas extremamente perigosos que apresentavam risco para a saúde quando usados pelos agricultores, a FAO desenvolveu um convênio juridicamente vinculante para controlar o comércio de pesticidas e outros produtos químicos perigosos. O Convênio de Roterdã foi estabelecido em 10 de

setembro de 1998 sobre o procedimento de consentimento fundamentado prévio e entrou em vigor em 24 de fevereiro de 2004. O Convênio de Roterdã tinha um objetivo duplo. Em primeiro lugar, pretendia promover a responsabilidade compartilhada e os esforços conjuntos dos comerciantes de certos produtos químicos perigosos para proteger a saúde humana e o meio ambiente frente a possíveis danos. Em segundo lugar, tinha o objetivo de contribuir para a utilização ecologicamente adequada desses produtos químicos perigosos, facilitando o intercâmbio de informação sobre suas características, estabelecendo um processo nacional de decisões sobre a importação e a exportação, e difundindo essas decisões entre as partes interessadas. ●

LINHA TEMPORAL

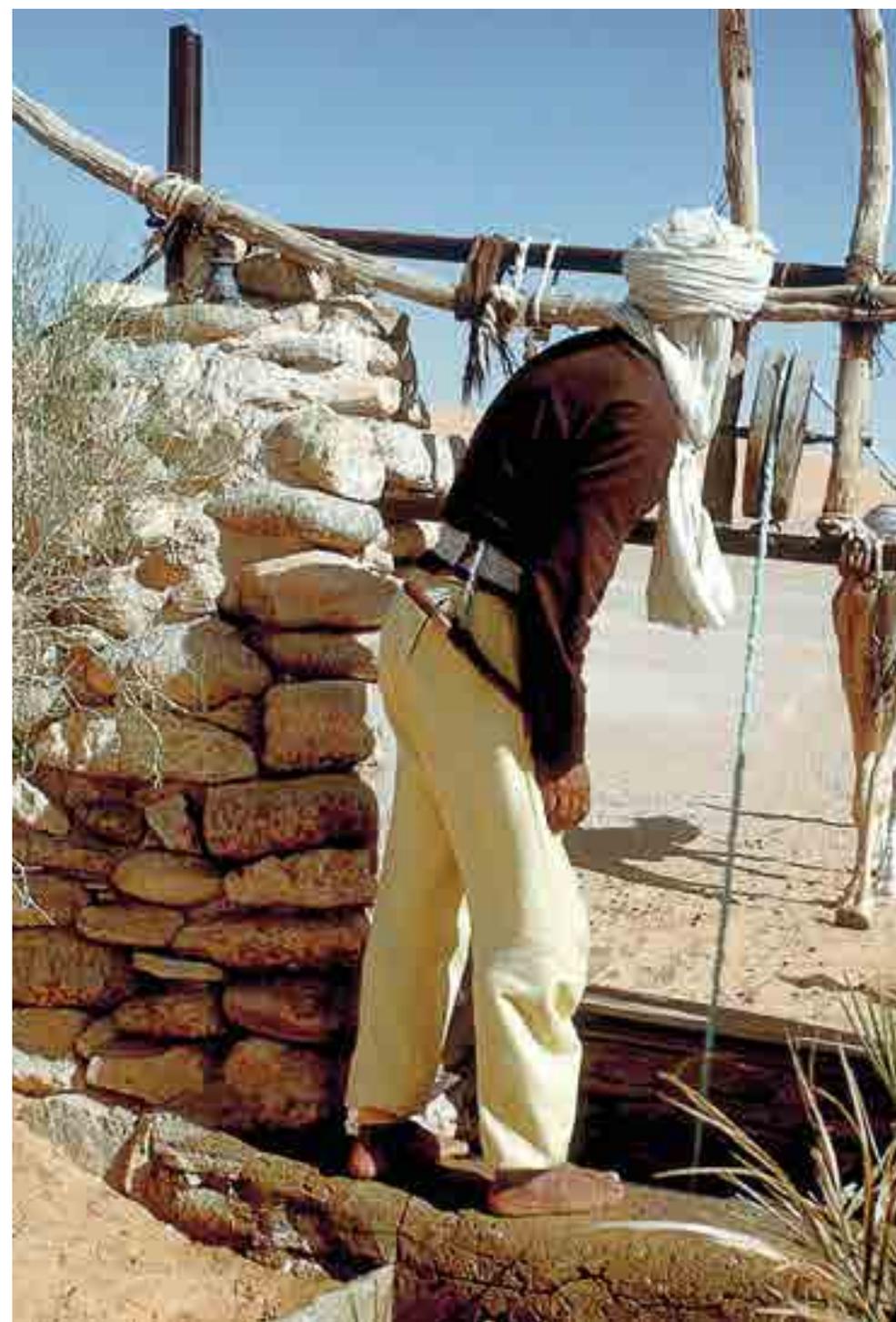




[ACIMA] **REPÚBLICA ÁRABE SÍRIA, 1995**

Armazém regional de cereais do Governo.
Operações de carga para transportá-los a Damasco.

©FAO/R. FAIDUTTI





[ESQUERDA] **ARGÉLIA, 1995**

Camelo amarrado num poço com arneses para a extração de água. O poço, de grande profundidade, se encontra no meio do deserto do Grande Erg Ocidental.

©FAO/J. VAN ACKER

[ACIMA] **UGANDA, 1996**

Aula de educação nutricional durante uma pausa no trabalho, numa plantação de bananas. Este projeto de educação informal ajudou o Governo a promover a saúde e o bem-estar da população.

©FAO/R. FAIDUTTI



[PÁGINA OPOSTA]
NÍGER, 1991

Em 1984, a FAO colocou em marcha o Projeto de desenvolvimento integrado de Keita após um acordo entre os governos do Níger e da Itália. Os objetivos do projeto eram os seguintes: melhorar as técnicas agrícolas e fomentar a produtividade do solo, aumentar a disponibilidade de água, combater a erosão e reforçar as estradas e a infraestrutura. Este projeto recebeu grande participação e apoio popular. As mulheres constituíam 90% da força de trabalho, já que os homens se viram obrigados a migrar em busca de um trabalho sazonal. Entre as atividades realizadas cabe destacar os benefícios às terras, a conservação do solo e da água, o reflorestamento, a produção de cultivos, a criação de um sistema de créditos e a busca de arrecadações alternativas. A construção de poços, escolas e dispensários, assim como de centros de cuidado maternal estava destinada a melhorar a saúde e a nutrição. Os objetivos do projeto a longo prazo se centravam em reduzir o déficit alimentar, impedir a degradação da terra e fortalecer as instituições locais.

©FAO/R. FAIDUTTI



[ESQUERDA]
BOLÍVIA (ESTADO PLURINACIONAL DA), 1996

Agricultores preparando a terra para o cultivo. O projeto “Fertisuelos” da FAO, no qual trabalharam 36 comunidades da região, contava com a participação de aproximadamente 1.800 famílias. A altitude nesta área é de 3.200 a 3.500 metros, com precipitações anuais de 500 a 600 mm.

©FAO/R. JONES



[ESQUERDA]
ERITREIA, 1996

Irrigação por gotejamento como parte de um projeto internacional numa granja em Gahtelay.

©FAO/R. FAIDUTTI

[ACIMA À DIREITA]
LÍBIA, 1990

Programa para erradicar a mosca varejeira do gado na África do Norte mediante a aplicação de um larvicida, com o objetivo de matar o verme e evitar a re-infestação. A FAO confirmou a presença da mosca varejeira no gado libanês em 1989, quando se registrou a primeira incidência fora das Américas, onde a praga predominava. A mosca deixa ovos, pequenos como uma picada de carrapato, nas feridas dos animais. Ao fim de 24 horas, as larvas incubam e começam a se alimentar dos tecidos da ferida. A ferida, ao aumentar, atrai mais moscas, o que provoca a recidiva. Sem tratamento, o animal acaba morrendo. O gado adulto pode morrer dentro de dez dias. O método de controle de pragas inclui a liberação de milhões de moscas estéreis que cruzam com as silvestres para produzir ovos (mortos) estéreis e assim livrar a população de sua existência. A última infestação de uma ferida foi detectada em abril de 1991. A liberação de moscas estéreis acabou seis meses depois da dispersão de mais de 1,3 bilhão delas na Líbia. No entanto, as atividades de vigilância continuaram para garantir que não tenha sobrevivido nenhuma mosca varejeira junto ao gado.

©FAO/R. FAIDUTTI



[ABAIXO À ESQUERDA] **SENEGAL, 1990**

Projeto da FAO para promover a transformação e conservação de alimentos em hortas. Na foto, uma mulher seca e desidrata tiras de manga em bandejas.

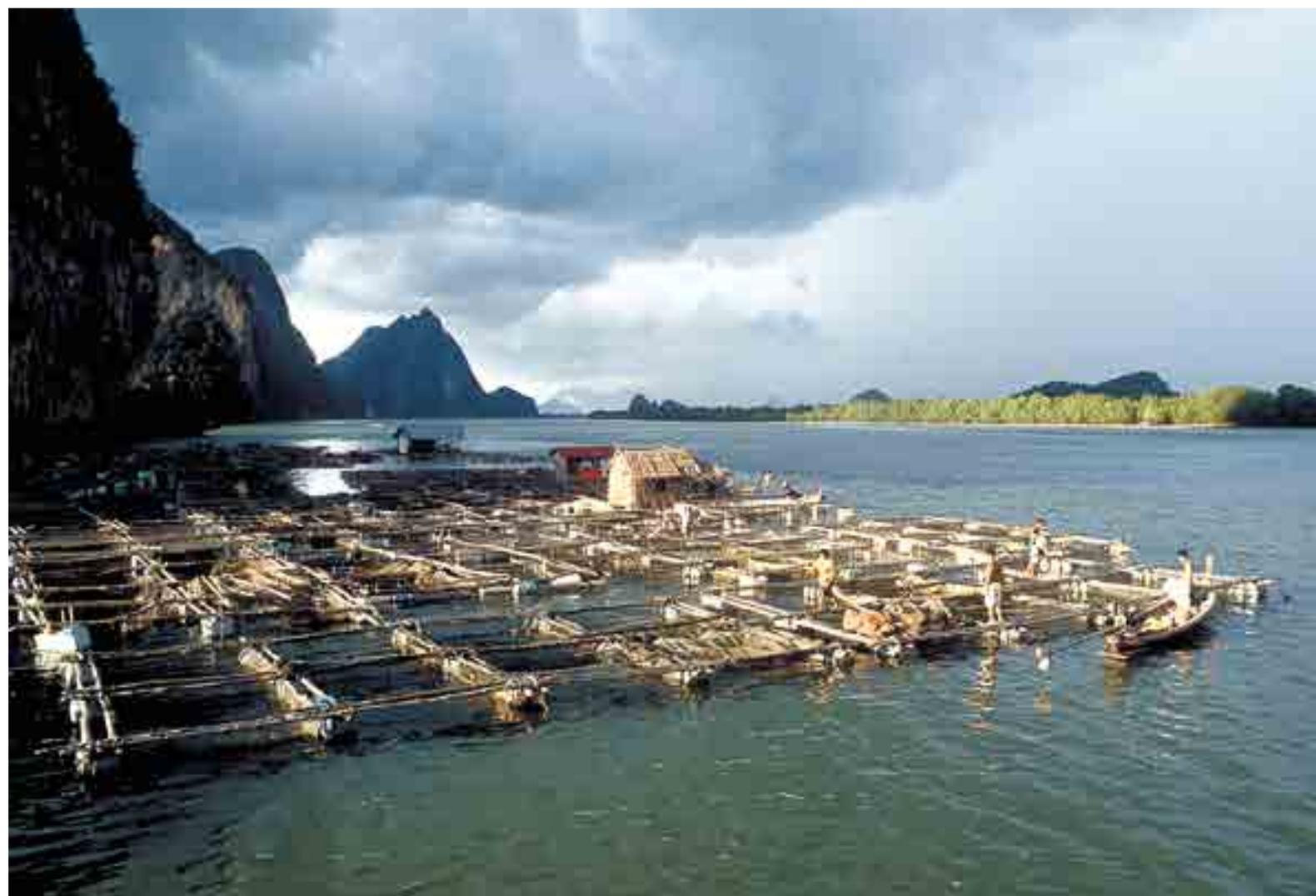
©FAO/R. FAIDUTTI



[ACIMA]
INDONÉSIA, 1990

Sistema de tração animal para o arado de arrozais.

©FAO/R. FAIDUTTI



[ACIMA À DIREITA] **TAILÂNDIA, 1995**

Viveiro para a criação de peixes.

O pescado é uma fonte importante de proteínas e micronutrientes, um alimento básico nas dietas do sul da Ásia.

©FAO/R. FAIDUTTI

GANA, 1995

Close de um menino segurando um punhado de pequenos peixes num mercado de Chokomey.

Programa de agricultura em pequena escala e elaboração de alimentos, em que a FAO cooperou com organizações não governamentais (ONGs) através da Campanha Mundial contra a Fome e o Programa Ação pelo Desenvolvimento. O programa foi colocado em marcha com a ajuda de seis associações da aldeia que trabalhavam no processamento de mandioca, o pescado defumado e a produção de hortaliças. As mulheres eram as principais beneficiárias do programa: três das associações estavam constituídas exclusivamente por mulheres, enquanto as outras três tinham cerca de 45% de mulheres em seus quadros.

©FAO/P. CENINI





[ACIMA] **UGANDA, 1996**

Processo artesanal para defumar o pescado num porto marítimo. Ainda que existam muitos métodos tradicionais de defumação, a FAO desenvolveu um modelo mais eficiente e menos prejudicial para a saúde humana.

©FAO/R. FAIDUTTI



[ACIMA À ESQUERDA]
ERITREIA, 1996

Criação experimental
de avestruzes.

©FAO/R. FAIDUTTI



[ABAIXO À ESQUERDA]
URUGUAI, 1996

Examinando uma vaca
num matadouro.

©FAO/R. FAIDUTTI

[PÁGINA OPOSTA]
UGANDA, 1996

Transporte de leite em
bicicleta até um centro
de armazenamento. Os
objetivos deste projeto
da FAO se centravam
em aumentar a produção
leiteira, fortalecer
as organizações de
agricultores e desenvolver
o mercado de laticínios em
zonas rurais e em centros
urbanos menores.

©FAO/R. FAIDUTTI









UGANDA, 1994

Elaborando objetos de rafia durante uma reunião na aldeia sobre problemas e possíveis soluções de uma cooperativa. O projeto da FAO ajudou a comercializar artigos elaborados por cooperativas com crédito dos bancos locais. O inovador Programa bosques, árvores e comunidades rurais (Fase II) destinava-se a melhorar os meios de vida das pessoas (especialmente da população rural pobre) nos países em desenvolvimento, através do fortalecimento de instituições nacionais e regionais.

©FAO/R. FAIDUTTI



[ACIMA] **ARGÉLIA, 1994**

Caravana de camelos no deserto Grande Erg Ocidental no sul da Argélia.

©FAO/J. VAN ACKER



[PÁGINA OPOSTA] **NÍGER, 1995**

Mulheres rurais recolhendo água num poço ao sul do Níger.

©FAO/R. FAIDUTTI





[ESTA PÁGINA] **LÍBANO, 1995**

A FAO financiou um projeto a pedido do Governo do Líbano, que ajudou a levá-lo a cabo. O objetivo era criar um sistema de controle alimentar mais efetivo. A FAO era responsável por planejar atividades, formar pessoal, adquirir materiais didáticos e suportes de aprendizagem, controlar os produtos alimentares e proporcionar apoio técnico e administrativo.

©FAO/R. FAIDUTTI

[PÁGINA OPOSTA]
BOLÍVIA (ESTADO PLURINACIONAL DA), 1996

Reunião de extensão agrícola para estudar as novas variedades de batatas.

©FAO/R. JONES



OS ANOS

2000

2000-ATUALIDADE

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO: “ODM” E “ODS”

AGRICULTURA SUSTENTÁVEL MEDIANTE A PROTEÇÃO VEGETAL

No final do século XX, vários cultivos fundamentais - produto da evolução natural, a seleção por parte dos agricultores e o fitomelhoramento seletivo - estavam em grave perigo. Entre as sérias ameaças estavam a contaminação, a degradação dos recursos, a destruição dos habitats naturais e as alterações dos ecossistemas. Após sete anos de negociações, na Conferência da FAO de 2001 foi aprovado o **Tratado Internacional sobre os Recursos Fitogenéticos para a Alimentação e a Agricultura (TIRFAA)**, juridicamente vinculante, para apoiar o trabalho dos criadores de gado e agricultores de todo o mundo. Este Tratado promove a agricultura sustentável mediante a distribuição equitativa de material genético, assim como de seus benefícios, entre os melhoradores de plantas, os agricultores e as instituições de pesquisa públicas e privadas. O Tratado, que entrou em vigor em 2004, foi considerado vital para possibilitar a continuidade da disponibilidade dos recursos fitogenéticos que os países necessitavam para alimentar suas populações e as gerações futuras.

Apesar das situações de emergência e de outros desastres naturais que aconteceram durante a primeira década do novo milênio, o estabelecimento dos objetivos de desenvolvimento dentro de um marco temporal produziu uma mudança de paradigma na segurança alimentar e o desenvolvimento agrícola. Começava-se a alcançar, por fim, alguns progressos mensuráveis na redução radical do número de pessoas com desnutrição crônica em todo o mundo.

RESPOSTA ÀS INUNDAÇÕES, À ESCASSEZ E ÀS ENFERMIDADES

Com a chegada do novo século, ocorreram duas situações graves de emergência natural na Ásia e na África. Em 2010, o Paquistão sofreu as piores inundações jamais vistas, que arrasaram celeiros e acabaram com a vida de milhões de cabeças de gado. A FAO respondeu distribuindo sementes de trigo a meio milhão de famí-

lias de agricultores para a temporada de plantio. Assim mesmo, outras 235 mil famílias receberam rações, remédios e refúgio para seus animais.

Na África, duas regiões da Somália sofriam com a fome devido à pior seca em 30 anos. Mais de 260 mil pessoas perderam suas vidas e milhões de pessoas estavam em situação de grave risco. A FAO e a comunidade internacional responderam com uma ajuda de 120 milhões de dólares para as zonas afetadas pela seca no Chifre da África.

Ao longo das décadas, a FAO acumulou uma ampla experiência sobre a epidemia da gripe aviária e outras emergências relacionadas à saúde animal ou à segurança alimentar. Considerando esta premissa, a FAO trabalhou para prestar assistência imediata em todo o planeta. Em 2006, a Organização anunciou seu Centro de Gestão de Crises, dotada da mais alta tecnologia para controlar o surgimento de enfermidades e enviar especialistas a qualquer lugar do mundo houvesse uma emergência, em menos de 48 horas.

DIRETRIZES VOLUNTÁRIAS SOBRE GOVERNANÇA RESPONSÁVEL SOBRE A POSSE DA TERRA, A PESCA E OS BOSQUES

Além de fazer frente a situações de emergência, a FAO seguiu trabalhando para promover e garantir a sustentabilidade do desenvolvimento agrícola num mundo cujos recursos naturais estavam encolhendo progressivamente. Esses são os objetivos fixados pelas **Diretrizes voluntárias da FAO sobre a governança responsável sobre a posse de terras, a pesca e os bosques**. Aprovadas pelo Comitê de Segurança Alimentar Mundial em 2012, as diretrizes reclamam o compromisso tanto do setor público quanto do privado e incluem recomendações para salvaguardar os direitos da população local nos casos de aquisição de terras em grande escala e para prevenir o fenômeno da especulação fundiária.

A FAO colocou em marcha uma importante campanha de promoção e arrecadação de fundos para conseguir 20 milhões de dólares que destinaria à aplicação

destas diretrizes, com o que pretendia ajudar aos governos a salvaguardar o direito das pessoas à posse da terra, os bosques e os recursos pesqueiros ou ter acesso a eles. Duas multinacionais de refrigerante, PepsiCo e Coca-Cola, uniram-se à campanha e deram seu apoio oficial. Além de se comprometerem com negociações justas e legais sobre transferências e aquisições de terras nos países em desenvolvimento, as empresas se comprometeram a aumentar sua participação no Comitê de Segurança Alimentar Mundial e realizar avaliações sociais e ambientais em suas cadeias de abastecimento mundiais. Para a PepsiCo, o trabalho começou no Brasil, seu principal país provedor de açúcar, enquanto a Coca-Cola trabalhou junto com Oxfam em outros vários países provedores de açúcar. Em 2014, o Comitê de Segurança Alimentar Mundial (CSA) aprovou os Princípios para o investimento responsável na agricultura e nos sistemas alimentares, baseados nas Diretrizes.

A PROTEÇÃO DA TERRA

No último decênio, a FAO renovou seu compromisso de melhorar a saúde dos solos do mundo e deter a degradação das terras. De fato, 33% dos solos ainda se encontravam entre moderado e altamente degradados devido à erosão, o esgotamento de nutrientes, a acidificação, a sinalização, a compactação ou à contaminação química.

A Aliança mundial sobre os solos, reconhecendo a necessidade de medidas urgentes para melhorar a situação, aprovou em 2014 uma série de planos de ação para salvaguardar os recursos do solo e proporcionar uma melhor base para a produção agrícola mundial. Para sensibilizar a opinião pública, as Nações Unidas declararam o 5 de dezembro o Dia Mundial do Solo e o ano de 2015 como o Ano Internacional do Solo.

AMPLIAÇÃO DO CÍRCULO DE ALIANÇAS

A FAO também fortaleceu sua rede de parceiros para melhorar a segurança alimentar e a resistência das comunidades vulneráveis em todo o mundo. Em 2013, por exemplo, a Organização firmou um novo

acordo de colaboração com a Federação Internacional de Sociedades da Cruz Vermelha e da Meia Lua Vermelha (FICR), a maior rede humanitária do mundo. No marco deste acordo, a FAO proporciona orientação técnica para colaborar com a extensa rede de 13 milhões de voluntários da FICR – que presta serviço a 150 milhões de pessoas – e prestar assistência aos povoados pobres, fazendo frente às ameaças e aos desastres que afetam a agricultura, a segurança alimentar e a nutrição. Para ajudar a engatilhar a nova Agenda Global de Nutrição, em 2014 a FAO colaborou com a OMS para convocar o primeiro acontecimento mundial relevante sobre estas questões em 20 anos. A Segunda Conferência Internacional sobre Nutrição foi celebrada na sede de Roma em novembro de 2014. Nela, o Papa Francisco instou os líderes mundiais a tomar mais medidas, e o acontecimento culminou com a adoção, por aclamação universal, de um compromisso político geral: a **Declaração de Roma sobre Nutrição**. Também se estabeleceu um marco de apoio para a ação concreta por parte de 172 governos. A Declaração consagra o direito de todas as pessoas a terem acesso a alimentos saudáveis e nutritivos suficientes e compromete os governos a prevenir a desnutrição em todas as suas formas.

AS CONQUISTAS DOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO (ODM)

Na Cúpula do Milênio das Nações Unidas do ano 2000, foram estabelecidos diversos objetivos, a serem cumpridos num prazo de 15 anos, conhecidos como Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). Desde então, finalmente se conseguiu avançar na redução do número de pessoas com subalimentação crônica nas regiões mais pobres do mundo. Em 2013, a FAO reconheceu os avanços de 38 países que haviam reduzido à metade o número de pessoas que sofriam com a fome. Dezoito desses países foram premiados por alcançar tanto este objetivo como o objetivo mais estrito estabelecido na Cúpula Mundial sobre a Alimentação de 1996, que consistia em reduzir à metade

o número absoluto de pessoas subnutridas. Um ano mais tarde, em 2014, a FAO reconheceu os avanços de 13 países por seus excepcionais avanços na luta contra a fome, avanços que incluíam alcançar os ODM antes do prazo final em 2015. Em 7 de junho de 2015, a FAO premiou outros 14 países por avançarem na meta de reduzir à metade o percentual de pessoas que padeciam de fome. No início de 2015, animado com o êxito de outros países, o Vietnã iniciou o Objetivo do Fome Zero, com o fim de erradicar a fome no país até 2025.

OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS)

Os fundadores da FAO imaginaram “um mundo livre de privações”. No entanto, por mais ambicioso ou

realizável que esse objetivo possa ser, o que está claro é que ainda há muito a ser feito. A produção de alimentos deve crescer ou, pelo menos, deve ser mantida, e os alimentos não devem ser desperdiçados para atender a demanda de uma população que deve chegar a 9,7 bilhões no ano de 2050. Segundo as palavras de José Graziano da Silva, atual Diretor Geral da FAO: “A existência de um compromisso político no mais alto nível é fundamental para avançar em direção à segurança alimentar. Temos a oportunidade de acabar com a fome durante o curso de nossas vidas. Este é o maior legado que podemos deixar às gerações futuras”. No dia 25 de setembro de 2015, a Organização das Nações Unidas aprovou a **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável e os Objetivos de**

Desenvolvimento Sustentável (ODS), um conjunto de 17 objetivos e 169 metas para orientar as ações de governos, organismos internacionais, sociedade civil e outras instituições ao longo dos próximos 15 anos (2016-2030). Os ODS definem os objetivos específicos, tanto para os países em desenvolvimento como os desenvolvidos, que devem ser alcançados num determinado período de tempo. O cumprimento desses objetivos específicos são monitorados periodicamente para medir os progressos realizados e cuidar para que nada caia no esquecimento.

ACORDO CONTRA A PESCA ILEGAL

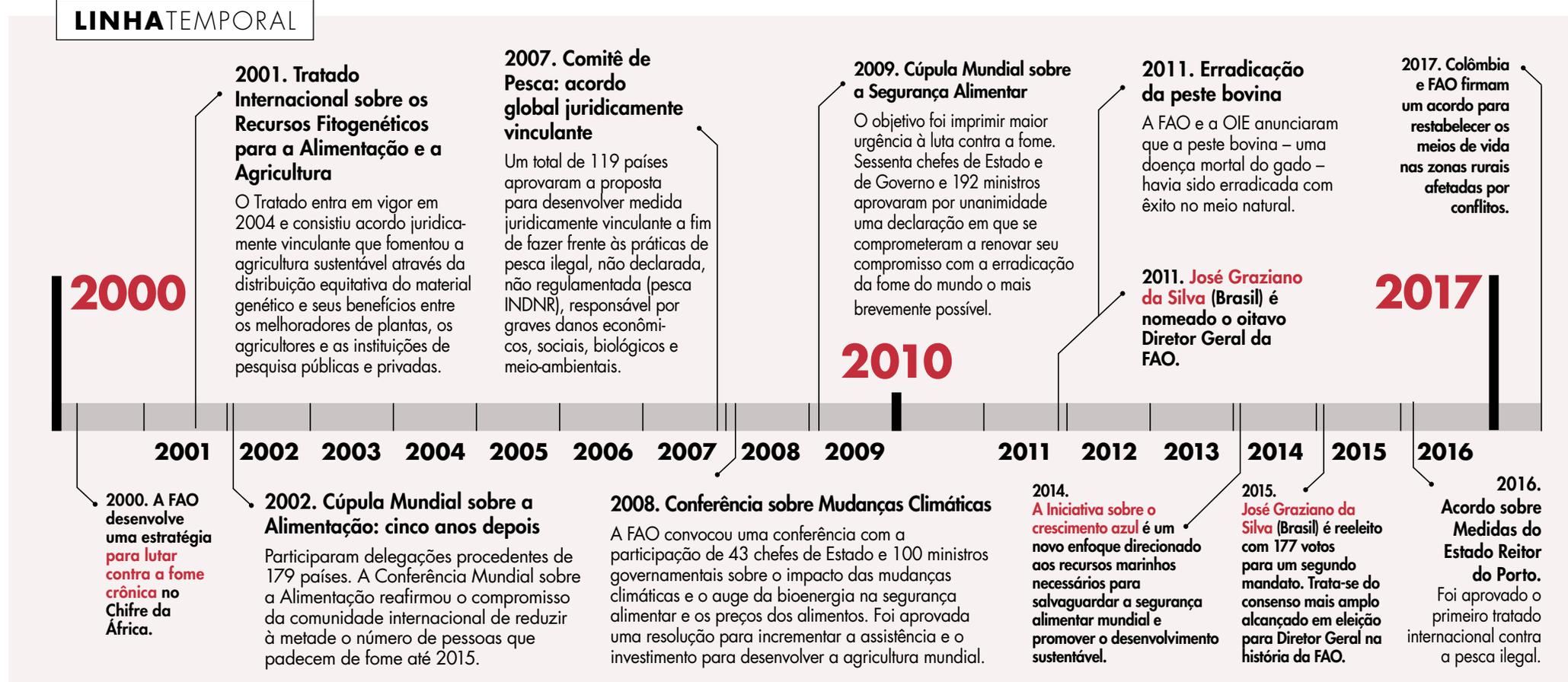
Em 7 de junho de 2016, mais de 30 países aprovaram o Acordo da FAO sobre Medidas do Estado Reitor do

Porto. É o primeiro tratado vinculante internacional destinado a combater uma das maiores ameaças à pesca sustentável: a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada.

PAZ E DESENVOLVIMENTO RURAL

Em junho de 2017, a Colômbia e a FAO firmaram um acordo para restabelecer os meios de vida nas zonas rurais afetadas pelo conflito armado e reconstruir as comunidades rurais, reforçando a paz e aumentando a competitividade agrícola do país. A FAO trabalhará com a Agência de Desenvolvimento Rural para executar planos e projetos de desenvolvimento rural com um enfoque territorial. ●

LINHA TEMPORAL







[ESQUERDA] **KÊNIA, 2003**

Medindo o crescimento de um cultivo de milho numa escola de campo para agricultores. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o Governo do Kenya têm como objetivo o uso de inovações e opções tecnológicas modernas para os agricultores em nível comunitário que servem para a produção de alimentos, a luta contra a desertificação e a geração de renda.

©FAO/A. VITALE

[ABAIXO] **MADAGASCAR, 2001**

Agricultor limpando um arrozal junto a um pescador, num sistema integrado de cultivo de arroz e criação de peixes.

©FAO/J. VAN ACKER





[ACIMA] **SRI LANKA, 2005**

Agricultores trabalhando num arrozal. A FAO distribuiu sementes de arroz e fertilizantes a milhares de agricultores.

©FAO/P. SINGH



[DIREITA] **KÊNIA, 2005**

Coletando água para beber numa fonte contaminada. Devido à falta de água para o consumo, muitas pessoas sofrem de diarreia, cólera, malária e outras doenças. Os pastores ainda enfrentam problemas depois de anos da seca: estresse grave, insegurança alimentar, mortes do gado e elevados índices de subnutrição.

©FAO/A. VITALE







[ESQUERDA] **BANGLADESH, 2008**

Pescadores empurrando uma embarcação para a água. O modelo desenvolvido pelo “Projeto de empoderamento das comunidades pesqueiras costeiras para a segurança dos meios de vida” proporcionou uma plataforma para que as comunidades costeiras organizassem, mobilizassem e gerissem o capital humano, melhorando os objetivos econômicos, sociais, educativos e políticos coletivos.

©FAO/G. NAPOLITANO

[ACIMA] **INDONESIA, 2005**

Pescadores em Aceh construindo novas embarcações para pesca. A FAO se associou à ONG americana Austin International Rescue Operation, liderou a iniciativa e manteve um seguimento dos tipos de embarcações que deveriam ser usados para evitar a pesca excessiva.

©FAO/A. BERRY





[ESQUERDA] **REPÚBLICA
DEMOCRÁTICA
DO CONGO, 2009**

Antiga árvore em crescimento no bosque Nkula. Quando estas árvores são cortadas, outras não conseguem crescer à sombra do bosque.

©FAO/G. NAPOLITANO

[ACIMA] **UGANDA, 2009**

Apicultores cultivando ervas para as colmeias. Quando a região foi declarada parque nacional em 1991 e as comunidades locais proibiram a extração de recursos florestais, os apicultores se queixaram de que haviam perdido seus meios de vida. Hoje em dia, as empresas apícolas criam colmeias de ervas, que também melhoraram a produção e a qualidade do mel. Foram estabelecidos aviários e as colmeias foram povoadas para que as pessoas pudessem produzir e vender mel e cera de abelhas com a tecnologia apropriada e o conhecimento tradicional. O ingresso anual esperado procedente da melhora das colmeias é em torno de 30 a 40 dólares por casa.

©FAO/R. FAIDUTTI

AFEGANISTÃO, 2007

Projeto da FAO desenhado para apoiar a indústria de sementes e materiais para plantação do setor privado, a fim de ajudar aos agricultores a fomentar a produtividade agrícola e fortalecer a segurança alimentar. O projeto proporcionará os sistemas necessários ao Governo, para que possa regular a indústria de plantio do setor privado fazendo-a cumprir com as normas internacionais.

[DIREITA] Ajudante de laboratório trabalhando na germinação de sementes num complexo de plantações.

[PÁGINA OPOSTA] Ensaio de diferentes cultivos de batata na granja Mullah Ghulam.

©FAO/G. NAPOLITANO









[PÁGINA OPOSTA] **FILIPINAS, 2011**

Rosalie Chavez alimentando seus cachorros e frangos após o desjejum. Seu marido trabalha como guarda florestal em um projeto de reflorestamento natural estabelecido para prevenir a exploração ilegal de madeira.

©FAO/N. CELIS

[ACIMA] **REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO, 2011**

Colhendo hortaliças na horta comunal em Lubumbashi. Projeto para apoiar o desenvolvimento da horticultura urbana e periurbana com o objetivo de fortalecer a base da produção através da intensificação, a diversificação e a expansão.

©FAO/G. NAPOLITANO



[ACIMA] **VIETNÃ, 2006**

Veterinários aplicam vacinas gratuitas nos frangos, em um dos muitos pontos de vacinação estabelecidos pelo Governo vietnamita, para prevenir outro surto de gripe aviária. O objetivo do programa era triplo: controlar e erradicar a gripe aviária

nas aves de capoeira domésticas; fortalecer a capacidade nacional para controlar os surtos de doenças a partir de possíveis epidemias e reforçar a capacidade nacional para preparar-se ante emergências de saúde pública, responder a elas e recuperar-se delas.

©FAO/H. DINH NAM

[DIREITA] **ETIÓPIA, 2009**

Veterinário trabalhando durante uma campanha urgente de vacinação para o gado na região somaliana de Shinile, em associação com a Cáritas.

©FAO/G. NAPOLITANO









KÊNIA, 2010

Mulheres masái tocando o gado até uma fonte de água numa aldeia situada a 50 km a sudeste de Nairobi. Hoje em dia, e graças a um ambicioso esforço mundial, foi erradicada em todo o mundo silvestre a peste bovina, uma praga mortal para o gado.

©FAO/T. KARUMBA

[ACIMA À DIREITA]
EGITO, 2009

Trabalhadores colhendo ovos numa granja avícola nos arredores do Cairo. A FAO está ajudando ao Governo do Egito a controlar e erradicar a gripe aviária através da contenção do vírus e a implementação de vacinas eficazes.

©FAO/G. NAPOLITANO



[ABAIXO À DIREITA]
SRI LANKA, 2010

Veterinário segurando uma amostra de sangue tirada de uma vaca para garantir que não havia sido re-infectada com o vírus da peste bovina.

©FAO/I. KODIKARA



[PÁGINA OPOSTA]
CHAD, 2012

Trabalhador de uma granja avícola carregando caixas de ovos. Esta é uma das muitas granjas avícolas que formam parte do Projeto de Cooperação Sul-Sul.

©FAO/S. KAMBOU









BANGLADESH, 2012

A FAO está apoiando uma série de iniciativas com o fim de melhorar a produtividade dos cultivos, o gado e a pesca no sul da franja costeira do país, numa das regiões mais pobres e vulneráveis às intempéries. Para tanto, a

Organização introduziu novas tecnologias agrícolas, melhorou a gestão da água e fortaleceu o acesso ao mercado.

[ACIMA] Vendendo aves num mercado local.

[PÁGINA OPOSTA, DESDE ACIMA ATÉ A ESQUERDA EM SENTIDO HORÁRIO]

Trabalhadores descarregando os peixes num mercado ao sul de Bangladesh.

Consumidores comprando peixe fresco.

Coletando água potável numa bomba comunal. Beneficiária que recebeu gado graças ao projeto, alimentando seus frangos.

©FAO/M. UZ ZAMAN

MADAGASCAR, 2011

Região Betroka, ao sul de Madagascar:
denso enxame de gafanhotos do deserto
durante operações de pulverização
realizadas com um helicóptero contratado
pela FAO.

©FAO/Y. CHIBA







[ESQUERDA]
PAQUISTÃO, 2010

Crianças enchendo garrafas com água potável de um caminhão num acampamento para pessoas desabrigadas e vítimas de inundações.

©FAO/A. HAFEEZ



[ABAIXO À ESQUERDA]
**REPÚBLICA
DEMOCRÁTICA DO
CONGO, 2011**

Agricultores colhendo milho. A FAO proporcionou ferramentas, sementes e capacitação técnica para fomentar a produção e mitigar a escalada dos preços dos alimentos.

©FAO/O. ASSELIN

[PÁGINA OPOSTA]
BURKINA FASO, 2008

A FAO estabeleceu uma iniciativa destinada aos mais pobres e vulneráveis para aumentar a produção, disponibilidade e acessibilidade dos alimentos e, assim, aliviar os efeitos do aumento dos preços.

©FAO/A. BENEDETTI









MARROCOS, 2015

Empregados locais trabalhando num centro de empacotamento de cítricos onde as frutas e verduras são produzidas de maneira natural. Acima, ainda que se tente evitar os tratamentos químicos o máximo possível, quando devem ser utilizados estes estão sujeitos a uma regulação bastante rigorosa. As técnicas do inseto estéril são usadas também para combater os parasitas e a mosca das frutas.

©FAO/A. BENEDETTI





[ACIMA À ESQUERDA] **NEPAL, 2010**

A FAO colocou em marcha um projeto para melhorar a produção e os serviços de apoio agrícolas. Na foto, o regador e a ferramenta de um agricultor que permitem o trabalho em cultivos extensivos.

©FAO/S. KHAREL



SENEGAL, 2010

Projeto da FAO que oferece formação participativa sobre o manejo integrado de produtos e pragas em escolas de campo para agricultores no Benin, Burkina Faso, Mali e Senegal.

[PÁGINA OPOSTA] Beneficiária levando água de um poço a um tanque de fumigação em sua horta de couve. A gestão dos cultivos familiares cresceu enormemente com o Programa de manejo integrado de produtos e pragas da FAO.

[ABAIXO À ESQUERDA] Agricultor usando uma lupa para comprovar a presença de insetos predadores benéficos, avaliar o dano que as plantas saudáveis podem suportar e considerar quando usar pesticidas.

©FAO/O. ASSELIN



[ACIMA À ESQUERDA]
SENEGAL, 2015

No Aeroporto Internacional de Dakar é realizado um rigoroso controle fitossanitário de frutas e madeiras para evitar o risco de alteração das espécies endêmicas da flora e da fauna. Os controles de conformidade também são realizados sobre os bens exportados para garantir que sejam cumpridos os requisitos de qualidade e as medidas fitossanitárias dos países de destino.

©FAO/M. LONGARI



[ACIMA À DIREITA]
FAIXA DE GAZA, 2013

A FAO iniciou um projeto para promover a produção alimentar nas residências. Aqui, uma beneficiária cuida de um jardim de hortaliças no terraço de sua casa.

©FAO/M. LONGARI

[PÁGINA OPOSTA]
HAITI, 2011

Um ano depois do terremoto do Haiti, um oficial da FAO rega as plantas numa estufa próxima à oficina local da Organização.

©FAO/W. ASTRADA



REPÚBLICA UNIDA DA TANZÂNIA, 2013

Em Dodoma, a FAO estabeleceu um projeto de produção de uva num terreno de 120 hectares de extensão. Na foto, agricultores estão cavando e preparando o solo para que seja semeado.

©FAO/FIDA/PMA/E. DEACON







[ACIMA] **BELARUS, 2016**

Classificando os peixes de uma granja na aldeia de Ozerny, situada a 50 km ao sul de Minsk.

©FAO/S. GAPON

[PÁGINA OPOSTA] **COSTA DO MARFIM, 2015**

Pescadores descarregando atum em um porto de pesca industrial de Abiyán. A iniciativa sobre a pesca mundial sustentável está centrada em fortalecer os marcos políticos, legais e regulamentares com o fim de incorporar as considerações ambientais, sociais e econômicas relativas à sustentabilidade.

©FAO/S. KAMBOU









[PÁGINA OPOSTA, ACIMA]
NÍGER, 2013

Imagem de um reservatório seco. Um novo projeto tem como objetivo melhorar a segurança alimentar e a nutrição de 32.100 casas através das atividades de produção agro-pastoris, a contribuição à diversificação, a melhora dos níveis nutricionais e o fortalecimento do poder aquisitivo.

©FAO/G. NAPOLITANO

[PÁGINA OPOSTA, ABAIXO]
BANGLADESH, 2010

Embarcação passando junto às casas ainda inundadas depois do Furacão Aila, que arrasou Bangladesh em maio de 2009, destruindo as residências, matando o gado e danificando os cultivos.

©FAO/M. UZ ZAMAN

[ESQUERDA]
HAITI, 2011

Regando plantas de acelga dentro dos pneus distribuídos às pessoas afetadas pelo terremoto de 2010. Os objetivos deste projeto se centram em melhorar a nutrição e a disponibilidade de alimentos e as condições de vida através da agricultura urbana.

©FAO/W. ASTRADA





[PÁGINA OPOSTA]
**REPÚBLICA
DEMOCRÁTICA
DO CONGO, 2011**

Regando um campo de hortaliças em Lubumbashi, Província de Katanga. Como parte do projeto de horticultura urbana e periurbana, a FAO proporcionou aos agricultores sementes melhoradas e restaurou as infraestruturas de irrigação e prevenção de inundações.

©FAO/O. ASSELIN

[DIREITA]
**SUDÃO DO SUL,
2016**

Estudantes colhendo alimentos básicos em hortos escolares e construindo viveiros para o cultivo de plantas. Os estudantes aprenderam práticas melhoradas de cozimento e participaram de intercâmbios com escolas vizinhas que praticam a agricultura urbana para compartilhar o que aprenderam. A FAO proporcionou estruturas de coleta de água para a estação das chuvas.

©FAO/J.C MCILWAIN/
UNMISS





[ESQUERDA] **SOMÁLIA, 2017**

Graças a um projeto da FAO, a comunidade costeira em Eyl exporta até dez toneladas de pescado por mês.

©FAO/J.C MCILWAINE/UNMISS

[PÁGINA OPOSTA] **GÂMBIA, 2017**

Pescadores dando as boas vindas aos botes durante o desembarque.

©FAO/V. CRESPI







[PÁGINA OPOSTA]
SUDÃO DO SUL, 2017

Jovem pastor numa fazenda de gado de Lulwuot.

©FAO/A. GONZALES FARRAN

[ACIMA] **IRAQUE, 2016**

Participantes do projeto “Dinheiro para o trabalho” da FAO limpam um canal de irrigação para o reabastecimento de água numa zona afetada pelo conflito.

©FAO/C. YAR



[ACIMA] **GRÉCIA, 2016**

Refugiados e imigrantes se dirigem até um acampamento fronteiriço.

©FAO/G. CAROTENUTO

[PÁGINA OPOSTA] **GRÉCIA, 2016**

O legado do que parece ser uma crise interminável. Pela noite, uma família de refugiados se reúne ao redor de uma fogueira.

©FAO/G. CAROTENUTO







[PÁGINA OPOSTA]
TÚNIS, 1970
Florita Botts fotografando o arado. ©FAO

[DIREITA]
CHINA, 1988
Florita Botts ensinando companheiros chineses sobre as técnicas de fotografia educativa. ©FAO

[ABAIXO]
NÍGER, 1972
Frédérique Banoun tomando notas com um diretor de projetos numa central leiteira em Niamey. A central recebia provisões de leite do Programa Mundial de Alimentos (PMA). ©FAO/B. CHABOT



POR TRÁS DAS LENTES

O TRABALHO DOS FOTÓGRAFOS DA FAO

Durante mais de 70 anos, os fotógrafos da FAO percorreram o mundo em desenvolvimento para registrar o trabalho da Organização, as dificuldades que milhões de pessoas enfrentaram na luta contra a fome e os programas realizados.

Com frequência, as condições para os fotógrafos e suas equipes de apoio não têm sido fáceis, e às vezes até mesmo perigosas. Eles entraram com todo seu material naquilo que eram, e em alguns casos continuam sendo, zonas remotas ou mesmo inacessíveis. Por exemplo, em 1972, Frédérique Banoun cruzou o Saara numa ambulância do exército para filmar um projeto da FAO sobre construção de poços para os boiadeiros nômades no Níger. Depois se dirigiu à Costa do Marfim para documentar os esforços da Campanha Mundial contra a Fome, que arrecadava fundos em apoio a leprosos e suas atividades agrícolas.

Ao longo das décadas, os fotógrafos da Organização foram testemunhas em muitos países em desenvolvimento, regiões e continentes, dos diversos aspectos da vida rural. Registraram como a FAO ajudou a transformar economias de subsistência em economias de mercado. Cobriram todos os projetos de assistência técnica e as diferentes realidades dos trabalhadores em fazendas, bosques, desertos e mares do mundo. Também presenciaram e documentaram a destruição e a conservação ambiental, a pobreza e a exploração, os projetos de desenvolvimento assim como a seus beneficiários (agricultores, trabalhadores florestais e pescadores pobres). Definitivamente, contribuíram para gerar mudanças benéficas mediante as imagens presentes nas publicações técnicas e gerais da FAO. Contudo, não apenas se limitaram a captar em imagens o que viam, mas também se envolveram com as comunidades dos países em desenvolvimento.

No início da década de 1960, fotógrafos como Florita Botts e, mais tarde, Roberto Faidutti ajudaram a desenvolver métodos de fotografia educativa. Ao se dar conta



[ACIMA À DIREITA]
**BURKINA FASO,
2016**

Giulio Napolitano avaliando uma extensão desértica durante uma missão da FAO sobre a gestão sustentável das terras e a restauração das zonas áridas.
©FAO

[ABAIXO À DIREITA]
**SUAZILÂNDIA,
2014**

Giulio Napolitano tirando fotos em uma fábrica de produtos saudáveis produzidos de maneira sustentável e que gera renda para a população local.
©FAO/M. ROEST

[ESQUERDA]
**AFEGANISTÃO,
2002**

Roberto Faidutti numa missão para documentar projetos da FAO: seleção de sementes em Herat e restabelecimento de populações de pequenos ruminantes e frangos em Fayzabad.
©FAO



[ESQUERDA]
SUDÃO, 1990

Em colaboração com um amplo projeto florestal no Sudão, Roberto Faidutti aparece aqui ensinando um agente de extensão local em técnicas fotográficas para que ele também possa elaborar filmes fixos educativos. ©FAO/C. WEB

de que os especialistas sobre terras necessitavam de recursos visuais para transmitir seus conhecimentos de maneira mais efetiva e dialogar com as populações locais, começaram a elaborar “filmes fixos” (uma combinação de diapositivos, imagens estáticas, desenhos animados e legendas em idiomas locais). Nelas narravam histórias simples que envolviam a população local, o que facilitava o aprendizado para os formadores, trabalhadores de extensão e agricultores. Os filmes fixos resultaram efetivos para a educação agrícola em questões de prevenção de enfermidades pecuárias, eliminação de cupins ou conservação de mangas, por exemplo. Em vários países, ajudaram na aproximação das comunidades locais e com a informação de temas mais amplos, como a educação e a inovação tecnológica. Com o objetivo de expandir suas mensagens de maneira eficaz, a FAO enviava trabalhadores em motos a comunidades remotas para mostrar os filmes. Com apenas um projetor portátil, um simples reproduzidor de vídeo e uma bateria de carro ficou claro que o filme fixo era uma forma popular e efetiva de conscientização.

Outro aspecto do trabalho dos fotógrafos da FAO, e fonte de grande satisfação, inclui a capacitação de aspirantes a fotógrafos, entusiastas por captar imagens de suas próprias comunidades e de seu entorno em mutação. Quando desempenham uma missão para a FAO, os fotógrafos entendem a importância de seu trabalho. Giulio Napolitano considera que a população baseia suas opiniões nos textos dos jornalistas e nas fotografias, já que a maioria não pode viajar o mundo. De modo que ele sente uma responsabilidade especial em relação ao público e às pessoas que ele fotografa. Os fotógrafos são conscientes de que suas imagens perdurarão. Formarão parte dos arquivos da FAO e de sua memória histórica, como pequenas peças de um mosaico coletivo que nunca vai parar de crescer.

Tanto em preto e branco quanto em cores, as imagens da fome parecem desalentadoramente eternas. Contudo, muito mudou para melhor, e os fotógrafos que trabalham para a FAO seguirão documentando não apenas as dificuldades, mas também os progressos reais que o mundo em desenvolvimento está realizando em seu esforço para acabar com a fome.

COMPROMISSOS

~
AÇÕES

MARCOS IMPORTANTES

CÚPULA MUNDIAL SOBRE A SEGURANÇA ALIMENTAR 1996

Para reativar o apoio, a discussão e a ação de alto nível, a FAO convocou uma Cúpula Mundial sobre a Alimentação em novembro de 1996. O objetivo da Cúpula, da qual participaram 186 chefes de Estado e de Governo e outros altos funcionários, era renovar o compromisso de alto nível em todo o mundo para erradicar a fome e a subnutrição e alcançar uma segurança alimentar duradoura para todos. Era a primeira vez na história em que os representantes e chefes de Estado dirigiam sua atenção à “segurança alimentar” e à forma com que os cidadãos poderiam acessar os alimentos que necessitavam para viver uma vida saudável. Nesta Cúpula, foram adotadas a Declaração de Roma sobre a Segurança Alimentar Mundial e o Plano de Ação da Cúpula Mundial sobre a Alimentação.

CÚPULA MUNDIAL SOBRE A SEGURANÇA ALIMENTAR 2009

O objetivo da cúpula foi imprimir uma maior urgência à luta contra a fome. Sessenta Chefes de Estado e de Governo e 192 ministros adotaram por unanimidade, em novembro de 2009, uma declaração de renovação do compromisso de eliminar a fome da Terra o mais rápido possível.

[ACIMA]

ROMA, 1996

O Diretor Geral da FAO, Jacques Diouf, pronunciando um discurso durante a Cúpula Mundial na Sede da FAO.
©FAO/L. Spaventa

[ABAIXO]

ROMA, 2009

O Diretor Geral da FAO, Jacques Diouf, participando de uma mesa redonda por ocasião da Cúpula Mundial sobre a Segurança Alimentar.
©FAO/A. Benedetti



DA REDUÇÃO À ERRADICAÇÃO

Em 2013, a Conferência da FAO aprovou a Meta mundial número 1 da Organização: Erradicação da fome, da insegurança alimentar e da desnutrição para conseguir gradualmente um mundo em que as pessoas, a todo instante, disponham de alimentos saudáveis e nutritivos suficientes que satisfaçam suas necessidades alimentares e suas preferências em matéria de alimentos a fim de levar uma vida ativa e saudável.



ROMA, 2013

Sessão plenária na Sede de Roma durante o 38º período de sessões da Conferência da FAO.
©FAO/G. Carotenuto

CONQUISTAS DOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO

Em junho de 2015, a FAO realizou uma cerimônia de entrega de prêmios para reconhecer os avanços na luta contra a fome (vide página 181). A maioria dos países avaliados pela FAO – 73 entre 129 – haviam alcançado a meta dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio de reduzir à metade a proporção de pessoas que padeciam de fome em 2015.

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Em 25 de setembro de 2015, os 193 estados membros das Nações Unidas adotaram os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável que, como planejado, devem guiar as ações da comunidade internacional durante os próximos 15 anos (2016-2030). Os ODS e os objetivos estratégicos da FAO estão orientados a abordar as causas fundamentais da pobreza e da fome e a construção de uma sociedade mais justa onde ninguém é deixado para trás.



ROMA, 2015
Cerimônia de entrega de prêmios reconhecendo os avanços na luta contra a fome.
©FAO/G. CAROTENUTO



NOVA YORK, 2015
Vista da sala da Assembleia Geral durante a Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento sustentável, onde foram aprovados os ODS.
©UN PHOTO/L. FELIPE

INICIATIVAS REGIONAIS PARA O FOME ZERO

Três iniciativas regionais da FAO na África, Ásia e América Latina buscam fortalecer as ações realizadas pelos países dessas regiões para alcançar o Fome Zero nas próximas décadas. Em cada região, a FAO trabalha em estreita colaboração com um amplo leque de partes interessadas tais como organizações regionais, ONGs, associações e organizações de base, entre outras, que já estão comprometidas na luta contra a fome.

INICIATIVA AMÉRICA LATINA E CARIBE SEM FOME

A América Latina e o Caribe se comprometeram para que a atual geração de crianças, mulheres e homens seja a primeira a ver a fome erradicada. Em 2005, a região se comprometeu a erradicar a fome antes de 2025 e se converteu na primeira e única região a cumprir tanto o Objetivo de Desenvolvimento do Milênio de reduzir à metade os índices da fome, como o objetivo mais ambicioso da Cúpula Mundial sobre a Alimentação (CMA) de 1996 de reduzir à metade a cifra absoluta de pessoas desnutridas. Planos de alto nível, como o Plano para a CELAC de Segurança Alimentar, Nutrição e Erradicação da Fome 2025, tiveram um grande êxito e animaram outras regiões a demonstrar que é possível alcançar o objetivo de erradicar a fome.



COSTA RICA, 2015
O Diretor Geral da FAO, José Graziano da Silva, apresentou o Plano de Segurança Alimentar, Nutrição e Erradicação da Fome durante a III Cúpula da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC).
©FAO

[DIREITA]
GUINÉ EQUATORIAL, 2014
Malabo, 23º período de sessões ordinárias
da Assembleia da União Africana.
@FAO/M. MBA ADA

COMPROMISSO DA ÁFRICA PARA A ERRADICAÇÃO DA FOME ANTES DE 2025

Na África, a FAO apoia os governos aportando experiência técnica para as políticas e programas em matéria de segurança alimentar e nutrição mediante a iniciativa Programa geral para o desenvolvimento da agricultura na África (CAADP, na sigla em inglês). Os países estão recebendo apoio em forma de capacitação e coordenação intersetorial para a prestação de contas sobre os investimentos e uma execução mais harmonizada dos programas. O objetivo é acelerar e acrescentar valor às iniciativas regionais e nacionais em curso. A Declaração de Malabo sobre a “Aceleração do crescimento e a transformação da agricultura em prol da prosperidade comum e a melhora dos meios de vida” e sua visão de erradicar a fome na África antes de 2025, está atualmente em curso nos países africanos.





DESAFIO DO FOME ZERO PARA ÁSIA E PACÍFICO

No Desafio do Fome Zero, lançado em 2013, a FAO e seus sócios da ONU preparam um Marco regional indicativo para alcançar o objetivo do Fome Zero na Ásia e o Pacífico, que convida a todos a dar continuidade à tendência positiva. Para apoiar os países, a FAO está sustentando a Iniciativa Regional de Apoio ao Desafio do Fome Zero na Ásia e Pacífico.

Por exemplo, em Bangladesh esta Iniciativa descreve um plano de segurança alimentar e nutrição, baseando-se no êxito do programa de fortalecimento de capacidades políticas alimentares. É de igual importância para a FAO melhorar a capacidade de medição da subnutrição na região com o objetivo de melhorar a alimentação infantil e erradicar o retardamento do crescimento das crianças.

MONGÓLIA, 2014

Apresentação do Desafio do Fome Zero na Ásia e no Pacífico e do Marco regional orientativa para alcançar o objetivo do Fome Zero.
@FAO/C. DUGERMAA

PUBLICAÇÃO REALIZADA POR:

Pedro Javaloyes (Chefe da Divisão de Publicações); Rubén Bruque (diretor de arte) e Fabrizio Puzzilli (designer gráfico); Julian Plummer (coordenador do projeto) e Lyn Hunt (editora); com o apoio de: Hamza Bahri (edição árabe); Teresa Cebrián Aranda (edição espanhola); Sophie Ditlecadet (edição francesa); Yongdong Fu (edição chinesa); Irina Tarakanova (edição russa) e Marcelo Salles (edição brasileira). Eleonora Boni coordenou a tradução desta publicação aos diferentes idiomas.

FOTOGRAFIAS SELECIONADAS POR:

Sherrí Dougherty e Alessandra Benedetti, Giuseppe Carotenuto, Giulio Napolitano e Alessia Pierdomenico.

ISBN 978-92-5-131121-9



9 789251 311219

I6196PT/1/11.18



1957, LÍBIA.
P. Merin fotografando uma plantação de oliveiras. OFAO/3. Meser



ISBN 978-92-5-131121-9



9 789251 311219
I6196PT/1/11.18